



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

**MESTRADO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**COMPORTAMENTO ELEITORAL E TERRORISMO EM MOÇAMBIQUE:  
UMA ANÁLISE DAS ELEIÇÕES GERAIS NO DISTRITO DE MONTEPUEZ  
(2019)**

**Mestrando:** Carlos Romano Siteo

**Supervisor:** Prof. Doutor. Domingos Manuel do Rosário, PhD

**Co-Supervisor:** Prof. Doutor. Dércio Tsandzana, PhD

**Maputo, Julho de 2024**



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**  
**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

**Mestrando: Carlos Romano Siteo**

Dissertação de mestrado submetida ao Departamento de Ciência Política e Administração Pública, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciência Política pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, sob orientação do Doutor Domingos Manuel do Rosário, Ph.D. e Doutor Dércio Tsandzana, Ph.D.

Maputo, Julho de 2024

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Carlos Romano Siteo**

**COMPORTAMENTO ELEITORAL E TERRORISMO EM MOÇAMBIQUE: UMA  
ANÁLISE DAS ELEIÇÕES GERAIS NO DISTRITO DE MONTEPUEZ (2019)**

Dissertação submetida ao Departamento de Ciência Política e Administração Pública, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, na Universidade Eduardo Mondlane, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de mestre em Ciência Política.

Data de Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2024.

### **MESA DE JÚRI:**

**O Presidente**

---

**O Supervisor**

---

**(Prof. Doutor. Domingos Manuel do Rosário, PhD)**

**O Co-Supervisor**

---

**(Prof. Doutor. Dércio Tsandzana, PhD)**

**O Oponente**

---

Maputo, Julho de 2024

## **DECLARAÇÃO DE HONRA**

Declaro, por minha honra, que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que a mesma constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e nas referências bibliográficas as fontes utilizadas para a elaboração do trabalho.

O Mestrando

---

(Carlos Romano Siteo)

Maputo, Julho de 2024

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus avós Eugénio Siteo e Celeste Malembe (*in memoriam*), eternas saudades;

Aos meus pais Romano Siteo e Alice Tseco pelo sacrifício e abnegação;

Aos meus irmãos: Carmem Siteo, Romano Júnior e Celestino Siteo;

E aos meus sobrinhos e primos que sirva de inspiração!

## **AGRADECIMENTOS**

Sempre me foi dito, que o processo de produção e desenvolvimento acadêmico é multifacetado, e segue lhe várias nuances da vida das quais: mortes, doenças, desesperos, solidão, problemas sociais e outras situações constantes na vida. Sobretudo e acima de tudo, quero agradecer de forma sincera, humilde e real, o Deus, Todo-Poderoso, Ele existe, sim. Ele é que me deu forças e oportunidades de estudar até este nível. Ao Deus vivo, que com fé, creio na sua existência real, tem me ensinado a prática de boas ações para o bem da comunidade, quiçá acadêmica.

Ainda que corra o risco de esquecer nomes, não posso deixar de agradecer a variedade de pessoas que colaboraram nesta dissertação pela certeza de que nenhum trabalho intelectual pode ser feito na solidão, especialmente, pela natureza social das ideias. Naturalmente que, para levar a bom porto este estudo, tive que vencer limites pessoais e desdobrar esforços. Ao longo do caminho encontrei amigos que participaram desta aventura de maneira diversa, mas igualmente produtiva.

Absolutos agradecimentos vão para o meu Supervisor PhD Domingos Manuel do Rosário, que incansavelmente deu-me duras críticas e comentários em cada etapa do meu trabalho. Desde o primeiro minuto, acreditou que seria possível guiar-me na elaboração desta dissertação. Agradecimentos estendem-se também de forma especial e com carinho ao meu Co-Supervisor PhD Dércio Tsanzana (que é exemplo de humildade), pelos comentários enérgicos, pelas sugestões e conselhos bem como a forma como devia abordar o tema. Pelo apoio que me prestou de maneira significativa, teve a paciência de suportar minhas ansiedades e inquietações no decorrer de todo este percurso deixo de forma singela, o meu muito obrigado.

A todo o corpo docente do mestrado em Ciência Política, especialmente aos professores: Prof Doutor Eduardo Siteo; Prof Doutor Jaime Macuane; Prof Prof. Doutor Sérgio Chichava; Prof. Doutor Francisco da Conceição; Prof Doutor Calton Cadeado, pelos ensinamentos ministrados com qualidade e excelência. Bem-haja!

Doravante, agradeço firmemente os meus pais, Romano Eugénio Siteo e Alice António Tseco, que fazem de tudo para que o meu crescimento profissional seja uma realidade, obrigado por tudo, e pelo vosso apoio contínuo e amor. Os meus agradecimentos são extensivos aos meus familiares pelo incentivo e apoio incondicional, aos meus irmãos, primos, sobrinhos, sobrinhas e tias vocês são sempre e serão a minha fonte de inspiração e porto seguro.

Aos colegas do Mestrado em Ciência Política do ano de 2021/2022, pelos desafios, afecto, alegrias e peripécias compartilhadas nestes últimos anos. Abraços de fraternidade e abnegação pelo saber. O meu muito obrigado em particular aos meus amigos e para sempre a minha segunda família, meus companheiros de sempre nessa longa caminhada desde a licenciatura, o meu muito obrigado pelo constante apoio, Júlio Rito; João Vilanculo; Jaime Miambo (pelas gloriosas conversas sobre o poder da mente, e ainda pelas leituras e críticas incansáveis a esse trabalho); Vanêncio Cumaio; Américo Maluana (mais que um amigo um irmão); Hortência Franco, Mauro Tsandzane; Timóteo Bene; Rúben Ucucho; Francisco Mbendzane, Benet Justina Machava obrigado meus amigos por terem-me ensinado o valor da amizade.

Sem o contributo individual de cada uma destas pessoas, este trabalho não teria sido possível, ou pelo menos com qualidade e facilidade que teve. Entretanto, é completamente minha a responsabilidade por tudo que nele consta. Consciente da minha incapacidade para recompensar a cada um de vocês, parafraseio as palavras que Rei o Darius dirigiu ao profeta Daniel, peço que o Deus a quem cada um de vocês serve continuamente, vos recompense<sup>1</sup>.

Quero agradecer de uma forma especial e singela, a minha noiva, Cátia Simoa Ferreira Buanaheira, menina linda dos meus olhos, que roubou meu coração, que ao longo deste período de culminação do curso, de altos e baixos que tivemos me suportou e deu-me total atenção nestes anos de formação. Lembro-me como ontem, quando começamos a construir a nossa história em 2016, e sei o quão hoje, você já cansou de falar desta dissertação. Eu acredito, que pelo menos sou orgulho de ti, e este trabalho é directamente proporcional aos frutos que você tem-me dado dia após dia. Simoa obrigadíssimo pelas dicas, sugestões, e pelo fato de ajudar com as principais correcções da vida, e por estar ao meu lado nesta caminhada, não tenho palavras, muito obrigado por me aturares em todos os momentos. ESTAMOS JUNTOS, NA LUTA, E NO AMOR

A todos aqueles que intencionalmente não foram aqui mencionados e que merecem a minha gratidão, minhas sinceras desculpas, mas, como sabem, sou grato.

A todos: muito, muito, muito obrigado.

---

<sup>1</sup> King of Babylon. Quote taken from the Book of Daniel Chapter 6, in Holy Bible, New King James Version, SCB, 2012.

## EPÍGRAFE

*Terrorism limits people's participation in the electoral process and enables the imposition of candidates, programmes, and policies, which, in turn, engender violent reactions from losers and the electorate. Observed that violence is the greatest enemy of democracy.*

KEAN HENCE, (2004, p. 1).

(Violence and Democracy)

## **RESUMO**

*Comportamento Eleitoral e Terrorismo em Moçambique: Uma Análise das Eleições Gerais no Distrito de Montepuez (2019)*, é o título da presente dissertação de Mestrado. Como tal, de forma geral a pesquisa analisa o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral no distrito de Montepuez, no âmbito das eleições Gerais de 2019 e especificamente a pesquisa busca discutir a relação existente entre o terrorismo e o comportamento eleitoral no distrito de Montepuez e explicar o uso do discurso sobre o terrorismo pelos partidos políticos para fazer a sua campanha eleitoral. O problema subjacente nesta pesquisa situa-se na análise do impacto do terrorismo no comportamento eleitoral no distrito de Montepuez cuja preocupação central consiste em analisar a participação dos eleitores vítimas e/ou eleitores que residem no raio desse conflito no decorrer do processo eleitoral no distrito de Montepuez nas eleições Gerais no ano de 2019. A sua hipótese assenta na ideia de que o comportamento eleitoral nas eleições Gerais de 2019, particularmente no distrito de Montepuez, foi afectado pelos ataques terroristas que ocorrem naquela parcela do país desde Outubro de 2017, facto que se justifica pelo declínio da participação eleitoral em todas as fases do processo eleitoral, comparativamente as eleições já realizadas na história eleitoral e política do país. Para tal, adoptou-se uma metodologia qualitativa. As teorias mobilizadas para a pesquisa são o traumatismo histórico e a escolha racional que ocupam um lugar privilegiado para compreender o fenómeno em análise. Porquanto conclui-se que o terrorismo tem impacto no comportamento eleitoral no distrito de Montepuez.

**PALAVRAS-CHAVE:** Montepuez, Eleições Gerais de 2019; Terrorismo, Comportamento Eleitoral.

## **ABSTRACT**

Electoral Behavior and Terrorism in Mozambique: An Analysis of the General Elections in the District of Montepuez (2019), is the title of this Master's thesis. As such, in general the research analyzes the impact of terrorism on electoral behavior in the district of Montepuez, within the scope of the 2019 General elections and specifically the research seeks to discuss the relationship between terrorism and electoral behavior in the district of Montepuez and explain the use of discourse about terrorism by political parties to carry out their electoral campaign. The underlying problem in this research lies in the analysis of the impact of terrorism on electoral behavior in the district of Montepuez, whose central concern is to analyze the participation of victim voters and/or voters residing within the radius of this conflict during the electoral process in the district of Montepuez in the General elections in 2019. His hypothesis is based on the idea that voting behavior in the 2019 General elections, particularly in the district of Montepuez, was affected by the terrorist attacks that have occurred in that part of the country since October 2017, a fact that is justified by the decline in electoral participation in all phases of the electoral process, compared to elections already held in the country's electoral and political history. To this end, a qualitative methodology was adopted. The theories mobilized for research are historical trauma and rational choice, which occupy a privileged place in understanding the phenomenon under analysis. Therefore, it is concluded that terrorism has an impact on electoral behavior in the district of Montepuez.

**KEYWORDS:** Montepuez, 2019 General Elections; Terrorism, Electoral Behavior.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Figura

**Figura 1: Modelo de análise .....56**

**Figura 2: Descrição do Distrito de Montepuez..... 64**

### Gráfico

**Gráfico 1: Voto por partido no distrito de Montepuez de (1994-2019) .....69**

**Gráfico 2: Comportamento eleitoral vs idade .....77**

**Gráfico 3: Nivel de escolaridade vs abstenção eleitoral .....80**

**Gráfico 4: Sobre os ataques mais comuns em Montepuez .....83**

**Gráfico 5: Terrorismo vs Abstenção eleitoral .....85**

**Gráfico 6: Mudança de voto em relação aos partidos políticos .....87**

**Gráfico 7: Mudança de voto em relação aos partidos políticos .....90**

### Tabelas

**Tabela 1. Sobre a composição da amostra.....61**

**Tabela 2: Divisão Administrativa do distrito de Montepuez .....65**

**Tabela 3: Participação eleitoral nas eleições Gerais de 1994 e 2019 no distrito de Montepuez .....71**

**Tabela 4: Analisa a relação entre o terrorismo e o comportamento eleitoral no distrito de Montepuez .....74**

**Tabela 5:Eleitores que deixaram de votar por terem sido vítimas ou testemunhados actos de terrorismo .....76**

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ADF – Forças Democráticas Aliadas

AGP – Acordo Geral de Paz

CC – Conselho Constitucional

CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento

CeUrbe – Centro de Estudos Urbanos de Moçambique

CIP – Centro de Integridade Pública

CNE – Comissão Nacional das Eleições

EISA – Instituto Eleitoral para Democracia Sustentável em África

ETA – Euskadi Ta Askatasuna

FADM- Forças Armadas de Moçambique

FDS – Forças de Defesa e Segurança

FRELIMO – Frente de Libertação Nacional

GFT – Governo Federal de Transição

IE – Estado Islâmico

IESE – Instituto de Estudos Sociais e Económicos

INE – Instituto Nacional de Estatística

LNG – Gás Natural Liquefeito

LRA – Senhores da Resistência Armada

MASC – Mecanismo de Apoio à Sociedade Civil

MDM – Movimento Democrático de Moçambique

MPLA – Movimento Popular para a Libertação de Angola

MUJAO – Movimento pela Unidade e Jihad na África Austral

OE – Observatório Eleitoral

OGE's – Órgãos de Gestão Eleitoral

OIM – Organização Internacional para as Migrações

OLP – Organização para a libertação da Palestina

ONU – Organização das Nações Unidas

PKK–Kurdistan Workers' Party

PNB – Partido Conservador Basco Nacional

PP – Partido do Povo

PSOE – Partido Socialista

RENAMO – Resistência Nacional de Moçambique

RFI – Rádio francesa Internacional

STAE – Secretariado Técnico de Administração Eleitoral

UIR – Unidade de Intervenção Rápida

UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola

VOA – Voz da América

## ÍNDICE

<b>FOLHA DE APROVAÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>DECLARAÇÃO DE HONRA</b> .....	<b>i</b>
<b>DEDICATÓRIA</b> .....	<b>ii</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>iii</b>
<b>EPIÍGRAFE</b> .....	<b>v</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>vi</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>vii</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	<b>viii</b>
<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS</b> .....	<b>ix</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO .....	7
1.1.11. Problema de pesquisa .....	26
1.2. Pergunta de partida.....	29
1.3. Hipótese.....	29
1.4. OBJECTIVOS.....	29
1.4.1. Geral .....	29
1.4.2. Específicos .....	29
1.5. Justificativa.....	30
1.6. Conceitos, revisão da literatura e enquadramento teórico.....	32
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>36</b>
2.2.6. Quadro teórico .....	50
2.2.7. Traumatismo Histórico.....	50
2.2.8. Teoria de escolha racional.....	52
2.2.9. Modelo de Análise .....	55
2.2.10. Operacionalização das Variáveis .....	57
<b>3. Metodologia</b> .....	<b>58</b>

CAPÍTULO I: PERFIL DO DISTRITO DE MONTEPUEZ .....	64
1. Descrição do Distrito de Montepuez .....	64
CAPÍTULO II: COMPORTAMENTO ELEITORAL E TERRORISMO EM MOÇAMBIQUE: UMA ANÁLISE DAS ELEIÇÕES GERAIS NO DISTRITO DE MONTEPUEZ .....	73
CONCLUSÃO .....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	96
APÊNDICE.....	108

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Tilly (1978)<sup>2</sup>, é improvável que a violência política seja irracional ou espontânea, pois normalmente tal situação serve para fins instrumentais. Ou seja, a violência política é usada por seus perpetradores para alcançar objectivos políticos estrategicamente delimitados.

De acordo com Brass (2003), Dunning (2011), Bekoe (2012), Hefner Burton e Jablonski (2014), Gallego, (2018), existe uma ampla literatura que faz a análise entre as eleições e a violência política. Portanto, a análise dos autores acima divide-se em três principais grupos que possibilitam a compreensão das diferentes formas de violência, bem como o seu impacto no comportamento eleitoral. Em primeiro lugar, relaciona-se a violência em forma de guerra civil que foi alvo de análises de autores como Bellows e Miguel (2009), Blattman (2009), Canetti et al. (2013), Birnir e Gohdes (2018), onde analisam o fenómeno da guerra civil em Estados como (Colômbia, México, Nepal, Serra Leoa, Uganda, Burundi, Angola, Senegal, Benin e Burkina Faso), estes chegaram à conclusão sobre os impactos negativos da guerra civil para o comportamento eleitoral que reduziram os níveis de participação eleitoral em zonas mais afectadas por este fenómeno.

O segundo momento de estudos, está intimamente relacionado à literatura sobre o uso estratégico da violência eleitoral em contextos democráticos para a manipulação do processo eleitoral. Wilkinson (2006), Collier e Vicente (2014), ao analisarem as eleições no contexto das eleições presidências de 2007 na (Nigéria, Guiné Equatorial, Zimbabwe, Costa de Marfim, Quénia<sup>3</sup>), considerando a violência eleitoral, usada principalmente pelos partidos no poder na fase pré-eleitoral produziu resultados esperados na redução da participação eleitoral.

---

<sup>2</sup> De acordo com Eckstein (1980), a literatura sobre a violência política concebe, esse fenómeno como um elemento contingente ou inerente. A segunda perspectiva argumenta que, uma vez que a violência é um dos muitos canais alternativos de actividade de grupo, ela é escolhida como um cálculo tático. Sendo assim, a violência vai aumentar o custo de certas acções; portanto, os indivíduos não têm chance senão aceitar a autoridade de o actor armado dominante.

<sup>3</sup> De acordo com Kimani (2018), no contexto das eleições realizadas no Quénia em 2007 embora muito disputadas, basearam-se em um processo eleitoral falho e levaram a um aprofundamento das divisões étnicas e à grave violência pós-eleitoral que durou até 2008, estima-se que aproximadamente 1.200 quenianos morreram na violência pós-eleitoral, e mais de 650.000 foram deslocadas.

E por fim, temos o terceiro momento que se refere ao impacto do terrorismo no comportamento eleitoral onde podemos destacar os estudos de Berrebi e Klor, (2006), Bali (2007), De La Calle Gassebner et al. (2008), Gould e Klor, (2010) e Montalvo (2010), e Sanchez-Cuenca (2013). Estes autores fazem a análise do impacto dos ataques terroristas no comportamento eleitoral usando, por exemplo, a estratégia terrorista da Al-Qaeda dos ataques realizados em Madrid, capital de Espanha, os autores mostram como esses eventos tiveram a capacidade de afectar o comportamento eleitoral, de forma específica na participação dos eleitores no processo de votação.

De acordo com Davis e Silver (2004), globalmente, as pesquisas sobre o real impacto do terrorismo no comportamento eleitoral ainda são bastante limitadas. Mas não obstante tais limitações, podemos destacar as análises feitas por autores como Shambaugh e Josiger (2004) e Robbins et al. (2013), que constataram o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral<sup>4</sup>, concentrando seus estudos em casos empíricos de países como Israel, Espanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos da América, onde mostraram que os partidos da direita obtiveram maior número de votos e/ou apoio político eleitoral, após os ataques ligados ao terrorismo. Ou seja, podemos aliar os argumentos acima ao debate levantado por Kbris (2011) e Onreat et al. (2013), que deduziram que os eleitores ao lidar com ameaças terroristas mudam seu direito ao voto em direcção ao apoio e as atitudes dos partidos ligados à ideologia da direita.

No contexto do conflito Israel-Palestina o terrorismo causou um aumento significativo no apoio aos partidos de direita em relação aos tradicionais daquele país. Na mesma linha, Kibris (2011, p.99) “mostra que os ataques perpetrados pelo Kurdistan Workers' Party (PKK) na Turquia fez com que os eleitores punissem os incumbentes e apoiassem os partidos da oposição”. E por sua vez, Garcia (2007), advoga que como resultado, os indivíduos que vivem em contextos de extrema violência tendem a ajustar seu comportamento e opiniões com base nos objectivos estratégicos e orientações ideológicas proclamadas pelo actor armado.

---

<sup>4</sup> Podemos ter mais detalhes para sustentar o argumento acima levantado pelos autores que defendem o real impacto dos ataques terroristas no comportamento eleitoral de forma específica olhando para a participação eleitoral em países como México, Colômbia, Turquia, Argélia e Nigéria, consultando os estudos feitos por autores como Huckfeldt (1979); MacKuen e Marrom (1987); Mondak et al. (1996); Pape (2003); Ludvigen (2005); Corder e Wolbrecht (2006); Baker et al. (2006); Fielding e Penny (2006); Collier e Vicente (2007); Abrahamsson et al. (2007); Bali (2007); Garcia (2007); Montalvo (2011); Regina (2012); Bekoe (2012); Robbins et al. (2013).

Para tal, Koch e Cranmer (2007) e Williams et al. (2013), advogam que embora o caso de Israel tenha mostrado que os partidos políticos da direita tenham visto seus votos aumentarem devido ao impacto do terrorismo no comportamento eleitoral, o caso espanhol destacou que esta mudança no comportamento eleitoral ainda é sensível. Este resultado foi confirmado por Bali, (2007), demonstrando que os governos de esquerda são menos propensos a sobreviver a ataques terroristas nacionais bem como transnacionais.

Conciliando o debate acima levantado com os estudos realizados nos últimos anos no continente latino-americano, que trouxeram novas dinâmicas para a compreensão do impacto do terrorismo no comportamento eleitoral, os estudos de Venegas (2018); Berrebi e Klor (2019), analisaram o impacto negativo exercido pelo terrorismo no comportamento eleitoral nas eleições em México e Colômbia desde os anos 2000, 2006, 2012, e 2018. Tendo estes últimos autores (*idem*), concluído que o comportamento eleitoral foi deveras afectado pelos ataques terroristas, ou seja, a participação dos eleitores nos processos eleitorais tendeu a ser menor nos distritos com maiores incidências dos ataques organizados por grupos terroristas.

De forma específica olhando para o continente africano, de acordo como Agbaje e Adejumobi (2008); Agu, et al. (2016), esforços têm sido feitos para estudar o impacto dos ataques terroristas no comportamento eleitoral particularmente em países como Sudão, Tunísia, Egípto, Argélia, Costa do Marfim, Mali, Nigéria, Tanzânia, Quênia, Somália, Uganda e República Democrática do Congo. Analisando particularmente a zona geopolítica do Este desses países, os autores acima defendem que os ataques terroristas protagonizados pelo grupo terrorista Al-Shabaab, tiveram impacto significativo no comportamento dos eleitores, ou seja, constatou-se que as zonas afectadas por esses actos testemunharam uma diminuição da participação eleitoral no período eleitoral entre os anos de 2011 a 2015 devido ao medo de que os eleitores estavam sujeitos de serem vítimas do terrorismo.

O argumento acima é comprovado por Bratton (2008), que analisou as eleições realizadas na Nigéria (2007), tendo mostrado o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral, afirmando que eleitores que vivem em áreas afectadas pelo terrorismo tendem a apresentar um comportamento desviante no que diz respeito à sua participação no processo eleitoral, isto, é o autor, usando um modelo probabilístico defende o efeito poderoso exercido pelo terrorismo no comportamento eleitoral, pois, foi possível constatar a abstenção eleitoral que rondou uma margem de 52% nas eleições realizada em 2007.

Ainda na senda dos estudos sobre o terrorismo e seu impacto no comportamento eleitoral, olhando de forma particular para o caso de Moçambique, segundo Habibe, Forquilha e Pereira (2019), apesar da controvérsia sobre as causas e motivações do conflito armado que assola Cabo Delgado no norte de Moçambique desde inícios de Outubro de 2017, as poucas pesquisas<sup>5</sup> e relatórios que existem, baseadas em trabalhos de campo, mostram que o grupo na origem do primeiro ataque a Mocímboa da Praia está ligado a uma seita religiosa, localmente conhecida por Al-Shabaab<sup>6</sup>, cuja presença em alguns distritos de Cabo Delgado se fez sentir, sobretudo a partir dos anos 2010 e particularmente em Balama, Chiúre, Palma, Montepuez, Macomia e Mocímboa da Praia. Segundo Chichava (2020), os ataques terroristas protagonizados pelo grupo Al-Shabaab e que ceifaram vidas humanas paralisaram a economia local e tiveram impacto no último processo eleitoral, essencialmente de duas formas:

“(I) impedindo uma parte de eleitores de se recensear ou de votar; e (II) dominando o discurso dos partidos políticos durante a campanha eleitoral, particularmente os da oposição, que acusavam a Frelimo de ter criado condições para a emergência dos insurgentes. Ao mesmo tempo, a presença de enormes reservas de gás, rubis e grafite em Cabo Delgado dominaram os discursos dos partidos políticos, que directa ou indirectamente iriam associá-la ao conflito, acusando a Frelimo de excluir as populações locais e assim torná-las vulneráveis aos apelos dos islamistas” (CHICHAVA, 2020, p.6).

---

<sup>5</sup>A análise e/ou estudos sobre o terrorismo em Moçambique, ainda é recente incidindo sobre quatro (4) principais ângulos. No primeiro ângulo, temos a observação e análise do terrorismo, onde destacam-se as organizações da sociedade civil (OSC), que têm se evidenciado na elaboração de relatórios sobre os ataques terroristas em Cabo Delgado, bem como as comunicações jornalísticas feitas pelos diversos órgãos de comunicação social públicos e privados. E em segundo lugar, existem poucos estudos sobre o terrorismo, destacando-se os estudos de (Augusto 2018a; Chichava 2020a; Chichava 2020b; Chichava 2020c; Chichava 2020d; Chichava 2020e; Habibe, Forquilha e Pereira 2019; Forquilha e Pereira 2020; Ngoenha, et. al.2020; Brito 2020; e Genoud 2021, Siteo 2014a; Siteo 2019b). E terceiro, nos últimos anos existe um engajamento ao nível universitário no sentido de se abordar o terrorismo, destacando-se os trabalhos de Zua (2022); Macuácuá (2023) e Augusto (2018b). Por fim, temos o quarto ângulo que é uma concentração de estudos sobre o terrorismo baseada no género (Muendane, et al. 2019; Muendane, Machava, Alar (2020).

<sup>6</sup>De acordo com Ali (2008, p. 1), o grupo Al-Shabaab é um subproduto da recente União dos Tribunais Islâmicos da Somália que evoluiu de um movimento da Jihad Islâmica dirigido pela comunidade de base inspirado por estudiosos islâmicos somalis que foram treinados na Arábia Saudita como seguidores da seita wahhabi. É um grupo fanático activo, armado e politizado que opera nominalmente sob a bandeira da UTI. Ainda de acordo com o autor supracitado este grupo é uma organização extremista islâmica muito flexível, com várias células que não possui nenhum programa especificamente escrito ou declarado, além de criar e impor a doutrina wahhabi estritamente islâmica.

Portanto, é com base nos elementos acima descritos que surge a presente pesquisa, subordinada ao tema *Comportamento Eleitoral e Terrorismo em Moçambique: Uma Análise das Eleições Gerais no Distrito de Montepuez (2019)*. Nesta pesquisa não procurámos abordar as razões que levaram à eclosão do terrorismo em Cabo Delgado em particular no distrito de Montepuez, pelo contrário, o foco está virado para a análise do impacto deste mesmo fenómeno no comportamento eleitoral.

A pesquisa pretende responder à seguinte pergunta de partida: *Até que ponto os ataques terroristas podem ter influenciado o comportamento eleitoral no Distrito de Montepuez nas eleições Gerais de 2019?* Sugerimos como hipótese preliminar a essa questão que: O comportamento eleitoral nas eleições Gerais de 2019, particularmente no distrito de Montepuez, foi afectado pelos ataques terroristas que ocorrem naquela parcela do país desde Outubro de 2017, facto que se justifica pelo declínio da participação eleitoral em todas as fases do processo eleitoral, comparativamente as eleições já realizadas na história eleitoral e política do país<sup>7</sup>.

Em termos metodológicos, a pesquisa é de carácter meramente qualitativa, pautando pela combinação do uso das entrevistas semi-estruturadas, inquérito por questionário e da pesquisa bibliográfica como técnicas de colecta de dados sobre o fenómeno estudado. A amostra privilegia um universo total de 146785 eleitores inscritos para as eleições Gerais de 2019. A nível teórico adoptou-se a combinação de duas teorias, o traumatismo histórico como primeira teoria dada a sua relevância para percepção do trauma criado nos eleitores vítimas dos ataques terroristas em Montepuez, e como segunda teoria optamos pelo uso da teoria de escolha racional por privilegiar dentre vários aspectos o cálculo do custo da acção e benefício da participação dos eleitores nessas mesmas eleições em contextos de terrorismo.

---

<sup>7</sup> Deste o AGP importa considerar que Moçambique já realizou onze eleições, sendo 6 Gerais (1994, 1999, 2004, 2009, 2014 e 2019) e cinco Autárquicas de (1998, 2003, 2008, 2013 e 2018).

No concernente a estruturação da pesquisa, a mesma encontra-se subdividida em duas partes: na primeira parte faremos a nossa introdução, ou seja, a apresentação do nosso estudo, os objectivos que se pretendem realizar, a contextualização o problema de pesquisa, a justificava, uma revisão da literatura por um lado, definindo e relacionando os principais conceitos úteis para a nossa pesquisa e por outro, apresentado o quadro teórico sobre o qual se assenta a pesquisa, e por fim o quadro metodológico a ser empregue nesta pesquisa. Nesta parte são apresentadas as técnicas mobilizadas para a recolha e tratamento de dados necessários para a materialização do trabalho.

Na segunda parte subdividimos o trabalho em dois capítulos: O primeiro capítulo dedica-se a apresentação, localização e descrição do distrito de Montepuez. Em relação ao segundo capítulo, consta a discussão referente ao terrorismo e seu impacto no comportamento eleitoral no distrito de Montepuez nas eleições Gerais de 2019. E o por fim as principais conclusões do trabalho, as devidas recomendações e os apêndices que são as partes integrantes deste trabalho.

## 1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

### 1.1.1. Origens e evolução do terrorismo global

De acordo com Chalinad e Blin (2007), o terrorismo, como conhecemos nos dias actuais, é fruto de uma evolução das sociedades e suas origens são tão antigas quanto a história do homem. Já há dois milénios haviam sido registados nos anais da história universal iniciativas terroristas, como foi o caso da luta do Zelotes judeus contra o Império Romano de 48 depois de Cristo D.C. a 70 D.C., com o objectivo de expulsá-los da Terra Santa pelo uso da força, atacando sistematicamente figuras políticas e religiosas romanas e gregas. Aliado a este debate, segundo Sandler, Arce e Enders (2008), na Índia, existiram os “Bandidos Hindus” que operavam contra as cruzadas cristãs no Médio Oriente, entre 1090 D.C. e 1956 D.C, estes bandidos podem ter matado mais de 800 pessoas, anualmente, durante os doze séculos de existência, o que os torna num dos grupos mais mortíferos de sempre.

Mesmo no princípio do séc. XX, foi registado um incidente que marca até a actualidade o peso destabilizador de uma acção terrorista, quando um anarquista assassinou o Presidente americano William McKinley, em Setembro de 1901. “O finado teria sido posteriormente substituído pelo Presidente Theodore Roosevelt que apelou à necessidade de uma cruzada para eliminar terroristas em todo o mundo,” (RAPOPORT, 2004, p. 46).

De acordo com Siteo (2020), o terrorismo na sua vertente extremista islâmica, revelou-se desde os finais dos anos 90 ser uma ameaça crescente aos Estados. Se inicialmente esta ameaça parecia estar restrita aos países hospedeiros dos movimentos extremistas, particularmente, os do Médio Oriente como o Afeganistão e a Palestina, nos princípios dos anos 2000, a ameaça evoluiu para um novo patamar, demonstrando ambições de expansão sem precedentes. Os ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001 às torres gémeas em Nova Iorque, Estados Unidos da América (EUA), foram uma demonstração inequívoca da capacidade de gerar danos que o fenómeno mostrava ao sistema internacional.

Nessa mesma linha o autor (*idem*), diz que os ataques sucessivos, organizados e isolados contra alvos civis nos países europeus iam revelando a natureza complexa deste fenómeno liderado pela Al-Qaeda e à incapacidade dos Estados Ocidentais em combatê-lo ao longo dos anos, tanto em seu solo nacional, quanto em seus bastiões no Médio Oriente. Contudo, o terrorismo moderno é descrito por Rapoport (2004), como um fenómeno que iniciou nos anos 1880, na Rússia, e tendo-se espalhado rapidamente pela Europa Ocidental, nos Balcãs e na Ásia. Este

autor descreve o terrorismo moderno em quatro ondas<sup>8</sup> principais: a onda dos Anarquistas, a onda Anticolonial, a onda da Nova Esquerda e, finalmente, a onda Religiosa.

### **1.1.2. A primeira onda ou era dos anarquistas**

De acordo com Blakeley (2009), a onda dos anarquistas teve seu início nos anos 1880, na Rússia, e durou cerca de 40 anos. Sua principal estratégia consistia em campanhas de assassinato de oficiais proeminentes do Estado e foi rapidamente adoptada por outros grupos nacionalistas nos Balcãs e na Índia. Esta onda foi caracterizada pela criação de uma doutrina que saiu da expressão convencional de ideias, baseada em cartazes e panfletos que terminariam numa manifestação, para uma forma de acção que vai além do moralmente aceite, passando a incluir a intimidação, a violência psicológica e a violência física através de assassinatos, na sua maioria, com recurso à dinamite, que era uma invenção recente naquela época. Isto porque, para os anarquistas, a moralidade era pura criação histórica. Neste sentido, o terror era visto como a forma mais rápida e efectiva para alcançar os seus objectivos, que eram de destruir convenções.

A onda dos anarquistas conheceu o seu pináculo nos anos 1890, naquela que foi chamada “a idade de ouro dos assassinatos, quando monarcas (como é o caso do Czar Alexandre II), primeiros-ministros e presidentes (exemplo de Marie Carnot, Presidente Francês) eram constantemente abatidos por assassinos que se moviam facilmente pelas fronteiras nacionais e internacionais, facto que conferiu um carácter transnacional ao terrorismo naquela época” (BEHR et. al 2013, p.59).

### **1.1.3. A segunda onda ou a era anticolonial**

Para Bötticher (2017), a segunda onda teve início nos anos 1920, precipitada pelo Tratado de Versalhes e também durou cerca de 40 anos. Isto porque o Tratado de Versalhes deu origem ao sistema de mandatos, o que na concepção dos povos das regiões mandatadas era colonização, algo que deveria ser combatido. Assim, ao combater a colonização, alguns movimentos foram rotulados de terroristas, pois usaram a violência para atingir o objectivo de libertação dos seus territórios e expulsão dos colonizadores. Contudo, em certas situações, a

---

<sup>8</sup> De acordo com Rapoport (2004), onda é um ciclo de actividade num determinado período de tempo. O ciclo caracteriza-se pela expansão e contracção das fases. Uma componente importante neste conceito de onda é o seu carácter internacional, ou seja, actividades similares ocorrem em muitos países animadas por uma energia predominante comum que formata as características e as relações mútuas dos grupos participantes.

expulsão dos colonizadores trouxe confusão nos povos que permaneceram nos territórios. Como ressalta Crouch no excerto abaixo que:

(...) os Árabes [...] e os Judeus, na palestina, entraram em conflito em virtude da divisão da palestina pela Grã-Bretanha, este conflito permanece até aos dias actuais e tem significado uma perda progressiva de territórios palestinos a favor do Israel; temos igualmente o caso da Irish Republican Army (IRA), que não aceitou o facto de a Grã-Bretanha não se retirar do território Irlandês sem consenso do povo da Irlanda, e como forma de reivindicação, desencadeou ataques terroristas contra políticos e representantes do governo britânico até à cessação das hostilidades, em 2005; e a Euskadi ta Azkatasuna (ETA) que, desde os anos 1950, luta pela independência do país Basco (que engloba as províncias de Biscaia, Guipuzcoa, Alava e Navarra) em relação à Espanha e para tal, cometeu violência contra autoridades espanholas, policiais, jornalistas, empresários e outros. (CROUCH, 2018, p.67).

Nisso, de acordo com Davis (2016), a segunda onda foi caracterizada por tentar evitar ao máximo a denominação terrorista, pela conotação negativa a si associada, preferindo autodenominar-se *freedom fighters* que lutavam contra o terror do Governo. Esta denominação era tão atractiva e conferia um elevado grau de legitimidade de causa e da aplicação de certos métodos violentos que todos os movimentos terroristas passaram a auto denominar-se “freedom fighters ou combatentes da liberdade”. Esta nova denominação facilitava inclusive na angariação de apoios políticos internacionais por parte dos *freedom fighters*.

Portanto para Harper (2018), começou a surgir igualmente uma guerra de narrativas que permitiu a cunha da expressão “one man’s terrorist is another man’s freedom fighter<sup>9</sup>” como resultado da negação do estatuto de lutadores de liberdade por parte dos governos, que viam os seus interesses prejudicados nestas lutas por autodeterminação. Para além disso, esta onda é caracterizada por uma mudança na metodologia do terror, dado que foi estancado pelo assassinato de figuras políticas, como era feito na onda anterior, passando-se a assassinar a polícia e a atacar as forças armadas e suas famílias, que eram os olhos e ouvidos dos governos.

---

<sup>9</sup> A tradução para o português é: terrorista para um, combatente pela liberdade para outro. Segundo Pereira (2013) isso remete a ideia de que a visão de bem ou mal depende do ponto de vista. Pois uma mesma organização pode ser vista por um determinado estrato como criminosa, terrorista, e por outro estrato como um grupo que luta pela liberdade. Tais foram os exemplos dos movimentos de libertação na África, e mesmo as guerras civis posteriores a independência.

#### 1.1.4. A terceira onda também designada “nova esquerda”

De acordo com Behr et. al. (2013), a terceira onda foi precipitada pela guerra do Vietname<sup>10</sup> e consequente derrota da superpotência americana nos anos de 1970, e durou praticamente duas décadas. Isto porque, com a derrota dos EUA, os pequenos grupos militares perceberam que podiam lutar contra gigantes e serem bem-sucedidos. É neste contexto que grupos como a organização para a libertação da Palestina (OLP), na Palestina, depois de verem os aliados árabes fracassarem diante de Israel na Guerra dos Seis Dias, decidem usar o terror como meio de luta para o alcance da sua autodeterminação.

Por sua vez Blakeley (2009), defende que a terceira onda foi muito similar à primeira, pois misturava um nacionalismo e um extremismo por parte dos movimentos terroristas. Nesta onda, retoma-se o assassinato de figuras políticas como aconteceu, por exemplo, com a tentativa de assassinato a Margareth Thatcher, primeira-ministra britânica, em 1984; com o assassinato do embaixador britânico, na Irlanda, em 1976, e com o assassinato do primeiro-ministro espanhol, em 1973. Contudo, a terceira onda diferencia-se da primeira pela introdução do método de sequestro de aviões (mais de 700 aviões sequestrados nesta onda) e de indivíduos como uma poderosa arma de manter reféns e pressionar os Estados a fazerem concessões políticas.

“o sequestro do primeiro-ministro italiano, Aldo Moro, em 1979, pelas Brigadas Vermelhas e seu posterior assassinato foi uma marca indelével deste período. Registou-se igualmente neste intervalo, em 1978, o sequestro do Congresso de Nicarágua pelos Sandinistas que o mantiveram refém de forma tão audaciosa que despoletou a insurreição que derrubaria o regime de Somoza, um ano depois” (BOTHÁ, 2007, p.8).

É de se destacar, segundo a autora acima (*idem*), que neste período, há o reavivamento da expressão “terrorismo internacional”, pois o espírito revolucionário gerava vínculos entre os diferentes movimentos nacionais (Cuba e OLP estabeleceram centros de treinamento conjuntos); os alvos escolhidos, como as embaixadas e seus representantes, reflectiam uma dimensão internacional destas acções; e alguns movimentos operavam mais fora das fronteiras nacionais que nacionais, é o caso da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). O massacre nos jogos olímpicos de Munique em 1972 através de um esforço conjunto entre

---

<sup>10</sup> De acordo com Siteo (2020), também conhecida como a Segunda Guerra da Indochina, durou de 1959 a 1975, envolvendo os Norte-vietnamitas e a Frente de Libertação Nacional (FLN) em confronto com as Forças Americanas e do Sul do Vietname.

diferentes grupos nacionalistas é uma evidência do carácter internacional na Terceira Onda, conforme asseverou o Counterterrorism:

“nesta onda, cresciam também as tensões entre os Estados por causa do financiamento que alguns movimentos nacionalistas recebiam para as suas actividades. Por exemplo, nos anos 80, as relações da Grã-Bretanha com a Síria e a Líbia volviam-se cada vez mais tensas por estes últimos financiarem acções terroristas em solo britânico. Por outro lado, a França tinha as suas relações com o Irão cortadas por esta última se recusar que a França interrogasse o seu pessoal diplomático para resolver o assassinato de emigrés iranianos. Portanto, foi está uma onda em que o terrorismo se misturava com fortes questões de autodeterminação e os Estados financiavam parte considerável das incursões”. (COUNTER-EXTREMISM 2017, p.28).

#### **1.1.5. A quarta onda ou a onda religiosa**

Segundo Chaliand e Blin (2007), a quarta e última onda iniciou nos anos 1980 e é caracterizada pelo forte extremismo religioso. Nesta onda, o terror é motivado por questões religiosas, razão pela qual teve e continua tendo vários grupos religiosos cometendo terror pelo mundo. A título de exemplo, pode-se tomar o caso do assassinato de 29 muçulmanos por um judeu no túmulo de Abraão, em Hebron, no ano de 1994, o caso da libertação de um gás nervoso no metrô de Tóquio, matando cerca de 12 pessoas e ferindo outras 3 000, em 1995, pelo Aum Shinri Kyo, um grupo que combina budismo, hinduísmo e cristianismo. Ainda segundo o autor acima (*idem*), na quarta onda, apesar da existência de vários grupos extremistas religiosos, o Islão é o centro das atenções, pois os grupos islâmicos conseguiram perpetrar os ataques internacionais mais significantes, mais mortíferos e mais profundos da história do terrorismo. O seu sucesso influenciou outros grupos terroristas religiosos em outras partes do mundo como é, por exemplo, o caso do Movimento da Identidade Cristã Americana que tinha interpretações racistas da bíblia.

Para tal, de acordo com Siteo (2020), apesar de a quarta onda ter sido a mais mortífera, nela verifica-se uma redução substancial do número de movimentos terroristas, saindo dos mais de 200 movimentos activos nos anos 1980, para os 40 movimentos activos na década seguinte. O destaque vai para o surgimento da Al-Qaeda, que tinha mais de 5000 membros com várias células a operar em cerca de 72 países, conforme pode-se observar no excerto abaixo:

“à razão por detrás desta onda foi a Revolução Iraniana<sup>11</sup> que inspirou e assistiu movimentos de terror Shiitas no Iraque, na Arábia Saudita, no Kuwait e no Líbano<sup>12</sup> com a introdução do método de ataque suicida, que se revelou uma grande surpresa ao Ocidente, sobretudo para a missão de paz que operou no Líbano em 1982, depois da invasão Israelita. O ponto mais alto desta onda fora os ataques de 11 de Setembro de 2001 às Torres gémeas, nos EUA, e que lançaram uma ofensiva global contra o terrorismo. Esta onda já dura 4 décadas e Rapoport estima que esteja já no seu fim. Porém, é preciso destacar que há processos políticos que alimentam as acções terroristas e inspiram a sua inovação. Deste modo, ainda não se pode precisar até quando vai durar”. (SITOE, 2020, p.52).

A partir das ondas acima referidas, e tal como consubstanciam Chaliand e Blin (2007), pode-se concluir que o terrorismo é um fenómeno antigo e que nem sempre teve cunho religioso, ou pelo menos a religião nem sempre foi a face do terrorismo. As transformações da tipologia de grupos, suas motivações, metodologia e técnicas de terror sempre estiveram acompanhadas de dinâmicas históricas específicas.

#### **1.1.6. Origens do terrorismo em África**

Quando se aborda sobre o terrorismo em África, confronta-se quase com frequência com um reducionismo histórico por parte de Bolaji (2010), que narra sobre a existência do fenómeno no continente como algo que remonta ao ano de 1993 com a morte de 18 soldados americanos, em Mogadíscio, na Somália, durante um ataque levado a cabo contra a Missão de Paz da ONU, na Somália, (UNISOM). Ou ainda, quando, em Junho de 1995, ocorreu um atentado orquestrado pela Al-Qaeda contra o Presidente Egípcio Hosni Mubarak, no Sudão, como resultado do qual a Organização das Nações Unidas (ONU) bombardeou uma planta no Sudão que se suspeitava estar a produzir armas químicas para a Al-Qaeda.

Porém, a questão do terrorismo é um fenómeno mais antigo do que reporta seus registos históricos como recurso de poder político nos indicam que remonta aos anos 1400, com as tentativas de colonização e endoutrinamento dos povos africanos por parte das potências europeias. Neste contexto, os colonos intimidaram e assassinaram os africanos, criaram uma desordem no seu estado de existência e forçaram as comunidades a viver em constante estado de medo, através de penas duras que eram impingidas contra os povos locais de modo a

---

<sup>11</sup> De acordo com Byman (2012), a revolução que tomou espaço nos anos 1978 e 1979, na qual fundamentalistas islâmicos e seus apoiantes conseguiram tirar do poder o Xá do Irão e estabeleceram a República Islâmica do Irão, que rejeitava influências estrangeiras e era guiada pela lei da sharia.

<sup>12</sup> Força Interina das Nações Unidas no Líbano ou United Nations Interim Force in Lebanon (UNIFIL), em Inglês, (IDEM).

compeli-los a satisfazer interesses dos poderes coloniais (ADHENGO, 2010, p. 56). Nisso Siteo (2020), defende que:

“em África, o fenómeno terrorista vem sendo estudado a partir dos princípios dos anos 90 com a tentativa de assassinato do presidente egípcio, Hosni Mubarak, em 1995, no Sudão, e, posteriormente, com os ataques às embaixadas americanas de Nairobi, no Quênia, e Dar-es-Salam, na Tanzânia, em 1998, através de carros-bomba, resultando na morte de 213 pessoas. Entretanto, só a partir de 2000, é que o fenómeno ganhou maior proeminência na estrutura de conflitos do continente, com a emergência de dois grandes grupos, o Boko Haram, em 2002, e, o Al-Shabaab, em 2003, na Nigéria e Somália, respectivamente”. (SITEO, 2020, p.78).

Ainda segundo os argumentos de Siteo (2020), ao longo do tempo, estes dois grupos<sup>13</sup> têm demonstrado ser uma grande ameaça para os Estados onde foram fundados. O Boko Haram, por exemplo, através de assassinatos de figuras políticas, homens das Forças de Defesa e Segurança e de Civis, e o Al-Shabaab, através de ataques contra civis, mas sobretudo contra as tropas da União Africana e do Governo Federal de Transição (GFT), colocando em causa a segurança e estabilidade política dos dois Estados. Ainda segundo o autor acima (*idem*), mais agravante, ainda, têm sido as ambições de expansão pelo continente através de ataques fora das fronteiras nacionais e constituição de filiais, principalmente, nos países vizinhos como Quênia, para o caso do Al-Shabaab, Camarões e Chade, para o caso do Boko Haram. No presente ano (2020), se fala inclusive da presença destes grupos em países como Moçambique e República Democrática do Congo (RDC), bem como, do aparecimento do Estado Islâmico (ISIS) em vários palcos de confrontação terrorista no continente.

De acordo com Jalata (2013), em outras palavras, o acto de colonização, muitas vezes, animado por argumentos civilizacionais e de imperativos religiosos de propagação do cristianismo pelo mundo, era um acto intrinsecamente terrorista. Neste sentido, Jalata (2013), considera o terrorismo usado pelos poderes coloniais, para além do simples exercício de dominação dos povos africanos, como um mecanismo de inserção da África num sistema capitalista dominado pelos países europeus. Com efeito, este autor divide o terrorismo colonial no processo de

---

<sup>13</sup> De acordo com Genoud (2021), actualmente, fala-se inclusive da presença destes grupos em países como Moçambique e República Democrática do Congo (RDC), bem como, do aparecimento do Estado Islâmico (ISIS) em vários palcos de confrontação terrorista no continente. Com vista a perceber melhor esse fenómeno Genoud (2021), fez uma análise histórica em torno do terrorismo em Moçambique, onde argumentou que durante um período de dez anos, a seita estabeleceu-se em pelo menos oito distritos de Cabo Delgado antes de recorrer à violência em 2017. Em 2016, a seita estava activa nos distritos de Palma, Mocímboa da Praia, Macomia, Quissanga e Montepuez, e anteriormente, tinha marcado presença nos distritos de Balama, Ancuabe e Chiúre.

inserção da África nos mercados capitalistas mundiais em duas ondas principais, como passamos a detalhar a seguir.

### **1.1.7. Primeira onda ou a fase de apropriação e de venda de jovens africanos**

De acordo com Jalata (2013), nesta primeira fase, os Europeus usaram meios violentos para apropriar-se de Africanos. Tais meios incluíam incursões e ataques aos povoados e comunidades africanas, seguido da apropriação dos jovens pertencentes às mesmas. Os senhores escravagistas usaram várias formas de violência de modo a alienar a autonomia individual e dos grupos, convertendo-os em *commodities*, e isso significava o uso do banditismo, sequestros, queima de vilas, estupros, torturas e assassinatos de lideranças, promoção de guerras entre os nativos e destruição de instituições e culturas nativas. Como resultado desta estratégia, cerca de 13 a 15 milhões de Africanos foram comercializados como commodities por europeus para a América, Europa e, nalgumas vezes, Ásia, onde trabalhavam nas plantações, minas e outros serviços a custo de nenhuma remuneração.

Ainda segundo o autor acima (*idem*), neste processo, Portugal foi um actor-chave na alimentação do mercado que crescia em todo mundo, mas também, e posteriormente, foram-se tornando participantes activos no comércio de escravos do atlântico a Inglaterra, a França, a Holanda e a Espanha, por mais de 3 séculos. Importa igualmente destacar que o terrorismo não era cometido somente no processo de captura de pessoas, mas também durante as fases de transporte e venda, em que os Africanos eram tratados como animais.

### **1.1.8. A segunda onda ou o terrorismo colonial**

De acordo com Kieran (2007), nesta onda não se tratava apenas de comércio, mas sim de usar os territórios donde vinham as pessoas escravizadas e suas contiguidades como extensões ultramarinas dos Estados colonizadores. Esta onda começou na metade do séc. XIX e intensificou-se nas últimas décadas do mesmo século. Mais concretamente, este processo se deu entre 1830 e 1834 quando o exército francês tentou conquistar a Argélia, e, para tal, engajou-se no assassinato de homens, mulheres e crianças, bem como no aniquilamento de famílias, decapitações de líderes, incendiamento de comunidades e cidades. Nas primeiras três décadas, os franceses teriam assassinado cerca de 3 milhões de Argelinos.

Corroborando com o argumento acima, Jalata (2013), defende que esta forma de violência indiscriminada contra os povos nativos africanos não foi método exclusivo de conquista dos Franceses, mas também dos Portugueses, Ingleses, Alemães e Belgas (sobre estes últimos, é estimado que tenham matado directa e indirectamente, cerca de metade da população do Congo) no processo de extracção de minérios e trabalho nas plantações para o enriquecimento dos poderes coloniais europeus. Portanto, a violência não foi usada só durante o processo de conquista, mas também durante a colonização, sobretudo para os Africanos que resistiam à autoridade dos colonizadores europeus

Segundo Siteo (2020), o terrorismo europeu foi uma forma violenta de conquista da África. Porém o uso do terrorismo não se cingiu aos processos de conquista e perpetuação do domínio europeu sobre o continente africano. Este método foi também usado pelos movimentos independentistas como um recurso de luta que reflectiam a desproporcionalidade de forças existentes entre as potências coloniais e os pequenos grupos de insurgência anticolonial no continente. Deste modo, pode-se apontar como exemplo o movimento “Mau-Mau, que usou táticas de terror e juramentos obscenos que comprometiam os seus membros a morrerem pela causa da libertação, associado às atrocidades cometidas contra os leais aos brancos ocupadores como métodos combinados que conseguiram revoltar o público britânico contra a sua presença colonial no Quênia e, por consequência, conseguiu tirar o Quênia da opressão colonial” (ADHENGO, 2010, p. 41).

Nisso, de acordo com Cilliers (2012), à excepção de movimentos<sup>14</sup> como o Mau Mau, em 1952 a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e o Movimento de Libertação de Angola (MPLA) em Angola, usaram técnicas terroristas para conseguir a libertação dos seus povos ou Estados, houve também, na história do continente, ajuntamentos que levaram a cabo insurgências contra os grupos libertadores e que depois foram denominados terroristas pelos governos contra os quais lutavam. Destes grupos, pode-se apontar, como exemplo, a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), em Angola, a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), em Moçambique, e o Lord's Resistance Army (LRA), no Uganda.

---

<sup>14</sup> Estes movimentos basicamente discordavam da rota que os seus Estados haviam tomado no processo pós-independência e iniciaram revoluções que recorreram com frequência a ataques indiscriminados contra civis, com o objectivo de compelir os governos a tomar decisões de política mais favoráveis à sua inserção na vida dos países nos quais reivindicavam algo. No caso moçambicano, este ciclo de violência indiscriminada contra civis tinha como base de discussão a construção de um Estado democrático, durou 16 anos e culminou com os Acordos de Paz de Roma de 1992.

De acordo com Pham (2012), podemos compreender com o argumento acima que em África, pode-se constatar que os movimentos terroristas que surgiram no novo milénio constituem uma ameaça à segurança e à estabilidade política dos Estados africanos. Este facto pode ser observado com a intensificação das acções de movimentos terroristas como o (Boko Haram e o Al-Shabaab). No caso do Boko Haram, a intensificação verifica-se através dos ataques terroristas que leva a cabo contra forças de segurança, população civil e entidades internacionais, constituindo, deste modo, uma ameaça à segurança e à estabilidade política dos Estados.

E, no caso do Al-Shabaab, segundo Blanchard (2013), os ataques constantes são levados a cabo contra entidades estatais e internacionais na Somália e, por vezes, além fronteiras, como se verificou com o ataque efectuado pelo Al-Shabaab ao Westgate Mall, em Nairobi, capital Queniana, o que cria um ambiente de pânico e permanente alerta em relação as suas actividades no nível doméstico e regional.

### **1.1.9. O terrorismo em Moçambique**

De acordo com Habibe, Forquilha e Pereira (2019), a insurgência em Cabo Delgado foi iniciada por Moçambicanos salafistas radicalizados na Arábia Saudita e influenciada pelos grupos jihadistas nos países vizinhos, particularmente a Tanzânia, o Quénia e a República Democrática do Congo. De acordo com Bonate (2022a), as ideologias salafistas-wahhabis têm uma longa história em Moçambique, pelo menos desde as décadas de 1950 e 1960, e essas ideologias nunca haviam provocado uma Jihad. Ainda nisso, segundo Bonate (*idem*), conhecidos como sukuti (quietistas), deobandis e wahhabis, as pessoas que trouxeram essas ideologias foram formadas na Índia, Quénia, Zanzibar, Malawi e na Universidade de Medina, na Arábia Saudita. Entre eles, Cassim Tayob e Abdul Gafur Muhammad Yusuf Dar ul-Ulam que estudaram no seminário Deoband, na Índia, e Muhammad Yussuf, Abubacar “Mangira” e Aminuddin Muhammad, na Universidade de Medina. Ainda sobre os argumentos de Bonate segundo:

“os salafistas-wahhabis de Moçambique também têm ligações com a família Mia e seu centro salafista na África do Sul, o Instituto Watervaal Islam, no Transvaal. Os salafistas-wahhabis estão engajados desde o período colonial na “purificação do Islão de Moçambique, sobretudo na destruição do sufismo, que era a forma prevalecente de prática de Islã desde os finais do século XIX. Eles se manifestam contra práticas sufis, tais como a dhikr (celebração de Deus através de cantigas) e a alegada veneração de santos (ziyara e mawlid), todos classificados como jahiliyya (ignorância), shirk (politeísmo) e bid’a (inovações abomináveis introduzidas na religião)” (BONATE, 2022a, p.18).

Nisso segundo a autora acima (*idem*), depois da independência, após um período de luta contra a religião (1977-1982), o Governo da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) criou uma organização muçulmana nacional chamada conselho islâmico, com apoio e participação de salafistas--wahhabis, para controlar os muçulmanos e suas relações com a “umma” regional e global. Mas os sufis apresentaram uma contraproposta e o seu próprio projeto de organização nacional islâmica, o Congresso Islâmico.

Por sua vez Genoud (2021), defende que por meio dessas duas estruturas, os muçulmanos conseguiram atrair várias organizações não-governamentais islâmicas internacionais para Moçambique, incluindo a liga muçulmana mundial e a agência dos muçulmanos da África, e distribuir bolsas de estudo para instituições conhecidas como centros de wahhabismo e salafismo, tais como as universidades de Medina, na Arábia Saudita, e Al-Merkaz Al-Islami, no Sudão, entre outras. Ainda segundo o autor acima (*idem*), outro ponto que agravou o conflito estava relacionado aos vínculos do conselho com o partido no poder, enquanto os muçulmanos nortenhos tradicionalmente apoiavam a Resistência Nacional Moçambicana (Renamo) ou partido nenhum, mas muitas vezes se manifestavam contra a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo).

Portanto para Bonate (2020b), em 1998, pelas mesmas razões, os novos diplomados fundaram um movimento ao norte de Moçambique denominado Ahl al-Sunna ou Ansar al-Sunna, que em 2007 já era bastante forte e continuava a crescer consideravelmente. Tendo construído numerosas mesquitas e madraças (escolas corânicas) com financiamento comunitário, Ahl al-Sunna permaneceu como um movimento popular e de base, no qual muitos jovens muçulmanos realizavam suas aspirações de apoio, solidariedade e altruísmo religiosos. Esse movimento pode ter dado à luz à ideologia jihadista e à insurgência em Cabo Delgado, porque esses jovens e as gerações seguintes que se formaram no exterior, sobretudo na Universidade de Medina, traziam de lá posições islamistas e expressavam sua insatisfação com o contexto sociopolítico e económico do norte de Moçambique, além de eles próprios formarem continuamente em suas madraças outros jovens nos moldes islamistas.

Ainda segundo a autora acima (*idem*), o que está claro é que os insurgentes se aliaram ao Estado Islâmico em 2019, dois anos depois do início de insurgência. Eles levantaram a bandeira do Estado Islâmico, adoptaram os seus símbolos e até os seus métodos brutais. Olhando de forma específica para os escritos De Brito (2020), que defende a ideia segundo qual o grupo Al-Shabaab em Moçambique começou a actuar em 2017, quando houve os primeiros ataques em

Mocímboa da Praia, justamente no início do mês de Outubro, tendo suscitado vários questionamentos por parte dos órgãos de informação e na sociedade em geral, na tentativa de se compreender as origens, razões e identidade dos actores do terrorismo. Para De Brito (*idem*), por um lado, o grupo reclamava questões políticas e, por outro, lado questões religiosas com a ideia de instalar um Estado islâmico na província de Cabo Delgado.

Corroborando com o argumento acima, de acordo com Siteo (2020), o debate sobre a formação deste grupo foi um objecto de desacordo e especulações. Tanto que os argumentos variam desde uma abordagem historicista das relações etno-políticas e religiosas na região até argumentos mais contemporâneos, assentes nas dinâmicas sócio-económicas em Cabo Delgado. Uma pesquisa conduzida pelos investigadores do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE), e do Mecanismo de Apoio à Sociedade Civil (MASC) reporta que:

“este grupo surge na zona norte de Cabo Delgado, primeiro, como um grupo religioso e, em finais de 2015, passa a incorporar células militares inicialmente, o grupo era conhecido por Ahlu Sunnah Wa-Jamâ, que na língua portuguesa significa “adeptos da tradição profética e da tradição. Na opinião do grupo, as comunidades locais não estavam a praticar um Islão que fosse da linha do Profeta Muhammad; o grupo é maioritariamente constituído por jovens islâmicos oriundos de Mocímboa da Praia e distritos circunvizinhos”. (HABIBE, FORQUILHA E PEREIRA, 2020, p.17).

De acordo com VOA (2018), narrativa da população trazida pelos órgãos de comunicação social notabiliza que nos últimos tempos, houve uma reconfiguração das relações sociais e religiosas em Mocímboa da Praia. Esta reconfiguração caracterizou-se pela existência de comportamentos estranhos àquela comunidade, concretamente que se manifestavam através de indivíduos que iam à mesquita com facas, armas e exigindo uma postura religiosa distinta da que constituía o normal, tais indivíduos começaram a granjear simpatias na região, através de promessas de garantir a entrada dos membros ao paraíso e ganhar dinheiro. Com as promessas conseguiram fazer com que alguns membros das comunidades de Mocímboa da Praia começassem a vender seus bens, como casas e motorizadas, para poderem financiar tais actividades e as suas formações em técnicas de terror no interior da província de Cabo Delgado.

De acordo com Siteo (2020), no concernente à sua narrativa, ou os processos que determinam a sua opção extremista, apresentá-los é tão difícil quanto entender a sua formação. No entanto, das informações disponibilizadas, houve inicialmente uma tentativa de associação deste grupo à linha de orientação islâmico-radical, tanto que mesmo o representante do Conselho Islâmico

de Moçambique, Juma Cadria, afirmou que a presença de indivíduos com ideologias de tendência radical tem vindo a ser registada nos últimos tempos e já tinha sido reportada ao Governo, conforme asseveram os argumentos de Siteo (2020) que:

(...) estes indivíduos faziam [...] apelos aos cidadãos para o desrespeito pelas instituições e autoridade do Estado, a não adesão às escolas normais a favor das mesquitas extremistas e ao uso de objectos contundentes, como mecanismos de autoproteção ao mesmo tempo que defendiam a recuperação dos valores tradicionais do Islão, pois o Islão praticado nas mesquitas locais é um Islão degradado, por isso, eles entravam nas mesquitas calçados e munidos de armas brancas e acabaram por criar seus próprios espaços de culto. (SITOE, 2020, p.167).

Nisso, de acordo com Chichava (2020), desde os dias 5 e 6 de Outubro de 2017, houve ataques em Mocímboa da Praia contra esquadras policiais e alvos civis levados a cabo por um grupo de homens armados e com vestes islâmicas. O resultado foi a morte do director nacional de reconhecimento da unidade de intervenção rápida (UIR), homens da Polícia da República de Moçambique (PRM) e de civis, destruição de residências da população (cerca de 50 famílias desabrigadas), vandalização de igrejas e suspensão da ordem pública, na Vila de Mocímboa da Praia ruas desertas e interrupção do trânsito para e de Mocímboa da Praia.

De acordo com RFI<sup>15</sup> (2017), no dia 12 de Outubro de 2017, veio ao público mais um ataque, mas desta vez na aldeia de Maculo, no distrito de Mocímboa da Praia. Estes ataques fizeram onze mortos, entre eles quatro polícias. Os ataques armados ocorreram quando as FADS realizavam uma patrulha nos bairros e potenciais rotas usadas pelos membros de movimento. Deste modo, o movimento tirou a vida de quatro polícias e, sete elementos do grupo que atacou as forças de segurança perderam a vida.

Corroborando com os autores acima, Augusto (2018b), defende que ainda na ressaca desses dois primeiros ataques no dia 29 de Novembro de 2017, o movimento voltou a atacar. Antes do ataque pensava-se que a ordem, segurança e tranquilidade públicas pareciam ter regressado a Mocímboa da Praia. Assim sendo, estes ataques significam que o movimento já havia a muito preparado a logística em armamento e outras capacidades, bem como estudado o terreno para desencadear ataques a postos policiais, e alvos civis, conforme asseverou Chichava (2020) que:

---

<sup>15</sup> <https://africa21digital.com/2017/12/05/chefes-dos-ataques-no-norte-de-mocambique-estao-foragidos/>. Consultado no dia 26 de Julho de 2023.

“esta situação exigiu uma presença e intervenções continuadas das forças policiais em Mocímboa da Praia, sendo a última e de grande vulto a que ocorreu em Março de 2018 e que resultou na apreensão de sete armas de fogo, 554 munições de pistola, AK-47 e de viaturas que eram usadas nas incursões. Com os relatos obtidos através das plataformas de interação na internet, chat e pelos meios de comunicação social. Estes incidentes tornaram a insegurança e o temor uma nova característica de Mocímboa da Praia. Isto para além do facto de ataques se estenderem também para outras regiões da província de Cabo Delgado, como é o caso da região de Olumbi, no Distrito de Palma uma região onde actividades importantes de prospecção de petróleo estão a ser conduzidas. O ataque em Olumbi contra o edifício do Governo local resultou na morte de 5 pessoas”. (CHICHAVA, 2020, p.89).

Entretanto, de acordo com Diário de Notícias (2018), a polícia referia que o grupo era constituído por Moçambicanos (314) oriundos de Nacala Porto, Mocímboa da Praia e Nangade, tanzanianos (52), um somali e um ugandês, totalizando cerca de 370 membros identificados. Importa ressaltar que segundo Habibe, Forquilha e Pereira (2020), o grupo se expressa também em Suahili, português e kimuani, línguas faladas localmente, onde para se diferenciar de outros praticantes do Islão a nível local, o grupo trazia uma indumentária própria: turbante branco à volta da cabeça; cabelo rapado; barba grande, bata e calças curtas de cor preta, apenas um pouco abaixo do joelho.

Embora sem consenso amplo em termos de pesquisa sobre o assunto, é referido que quanto à origem, segundo Habibe, Forquilha e Pereira (2019), este grupo é constituído por uma mão externa, mas que recrutou jovens internamente, uma parte dos jovens de Mocímboa da Praia, Quissanga entre outras localidades da província e com lideranças de fora e dentro do país.

No contexto do debate sobre a identidade do grupo Chichava (2020b) apresenta (4) quatro versões apresentadas pelo governo de Moçambique sobre a identidade e objectivos do Al Shabaab, sendo elas: (i) Indivíduos com objectivo de instalar um Estado Islâmico; (ii) Antigos garimpeiros das minas de Rubi em Montepuez<sup>16</sup>; (iii) Grupo de empresários Moçambicanos residentes na Beira e (iv) Forças externas. Entretanto, Chichava (2020b) esclarece:

(...) evidências no terreno mostram claramente [...] que o país está perante a presença de um grupo radical islâmico, que pretende impor a Sharia. Como apresentado ao longo do texto, trata-se também de uma tese inicialmente avançada pelo governo e que por razões pouco claras foi “abandonada”. Contudo, os recentes ataques à Mocímboa da Praia e Quissanga a 23 e 24 de

---

<sup>16</sup> Segundo o Governo *Apud* Chichava (2020b), tais garimpeiros ilegais, oriundos da região dos grandes lagos e locais, estariam revoltados por terem sido expulsos das minas para implantação de empresas licenciadas, por isso estariam revoltados e usam a violência armada para mostrar o seu desagrado.

Março de 2020, onde a reivindicação de um Islão radical está bem patente, deixa poucas dúvidas da ligação entre o “Al Shabaab” e o Estado Islâmico, o que deita por terra a tese de que se trata de atacantes “sem rosto” nem “mensagem”. Igualmente, no que mostra a complexidade e evolução do “Al Shabaab”, há sinais de que este grupo se teria beneficiado da expulsão violenta dos garimpeiros de Montepuez, que a ele teriam aderido. (CHICHAVA 2020b, p. 20).

Portanto para Habibe, Forquilha e Pereira (2019), este debate conduziu a várias interpretações sobre o conflito, das quais se destacam, pelo menos, três. A primeira interpretação era aquela veiculada e privilegiada pelo Governo de Moçambique, que preferia ver o fenómeno como uma conspiração movida por forças externas hostis ao desenvolvimento de Moçambique. Nesse sentido, a insurgência seria organizada e alimentada por inimigos de Moçambique a partir do estrangeiro. A segunda interpretação estava ligada a dinâmicas de conflito de terras, no âmbito da exploração dos recursos naturais abundantes na região. Finalmente, a terceira interpretação fazia referência ao Jihad, no contexto das dinâmicas regionais do extremismo violento em países como Tanzânia, Quênia, Somália, Uganda e República Democrática do Congo. Para estes autores:

“independentemente da controvérsia sobre as origens e a natureza do conflito, as pesquisas mostram que o grupo que protagoniza os ataques em Cabo Delgado surgiu inicialmente como uma seita com ramificações em Nampula e Niassa, que mais tarde passou para um movimento militar no contexto do Jihad. Nesse sentido, o grupo, com pretensões religiosas, é de origem local, embora tenha contado com a participação de estrangeiros, que se instalaram localmente via laços de casamento e a partir de meados de 2019 tenha estabelecido aliança com o Estado Islâmico”. (HABIBE, FORQUILHA e PEREIRA, 2019, p.12).

De acordo com Beúla (2017), no que diz respeito à forma de actuação e alvos deste grupo, o principal eram os militares e os polícias. Os que conseguiram fugir tiveram que tirar a farda e abandonar as armas para não serem identificados. Ainda como alvo temos as instituições públicas (sedes distritais, hospitais e outros patrimónios públicos), também temos como alvo deste grupo agentes comerciais, e bens da comunidade incluindo as próprias comunidades. Este grupo procura actuar durante as madrugadas surpreendendo as comunidades e as FDS, cortando vias de comunicação (estradas e redes de comunicação) também cortando energia nas comunidades como forma de causar terror e com vista a dificultar o acesso das áreas críticas. “os impactos advindos dos ataques terroristas em Cabo Delgado podem ser de natureza social, política e económica”. (BEÚLA, 2017, p.28). Ainda nestes argumentos para o CIP (2020).

(...) ao longo de dois anos e meio, [...] os ataques têm crescido em frequência e dimensão, causando mais de 1100 mortes, mais de 200 mil deslocados e a destruição de diversas infraestruturas públicas e privadas. A província perdeu nos primeiros dois anos do conflito cerca de 2 biliões de meticais em receitas fiscais<sup>6</sup> (cerca de 27.6% da receita total da província neste período). Ao mesmo tempo, viram-se os recursos destinados aos sectores sociais a diminuir, enquanto os recursos para as áreas de Defesa Militar aumentaram em cerca de 451% a nível nacional. (CIP 2020, p.7).

Ainda nisso segundo Siteo (2020), aliados à actual conjuntura nacional e internacional, os ataques terroristas que assolam a província de Cabo Delgado representam uma ameaça à efectivação e ou ao encarecimento dos investimentos de extracção e produção de Gás Natural Liquefeito (LNG) em Cabo Delgado e colocam em risco a arrecadação das receitas previstas pelo Estado. Ainda defende o CIP (2020), que, com o alastramento dos ataques e com o Governo a concentrar esforços no combate aos terroristas, surge entre os residentes da província a percepção de que a província não tem merecido investimentos em infraestruturas públicas de desenvolvimento económico e social (estradas, pontes, hospitais e escolas).

Para além do impacto negativo que o terrorismo traz para a sociedade, associado a este fenómeno também surge o impacto negativo para os cofres estatais. O terrorismo impacta directamente na arrecadação de receita, segundo o CIP (2020), o conflito armado em Cabo Delgado está a prejudicar as finanças públicas locais e do país em geral, contribuindo para uma baixa arrecadação fiscal.

De acordo com o CIP (2020), os sectores produtivos que contribuem para a arrecadação de receitas e para o crescimento da economia local encontram-se paralisados ou funcionando muito abaixo do seu normal (nas zonas afectadas, particularmente). São exemplos o sector da agricultura, das pescas, do turismo e o comércio em geral. Os ataques geram insegurança e instabilidade no seio dos investidores, dos potenciais investidores e dos demais agentes económicos na região, o que constitui um factor significativo de risco para o ambiente de negócios na província e no país. E, por levar ao “encerramento de estabelecimentos comerciais ou a redução da dinâmica da actividade económica, devido a situação de instabilidade, que resultou em uma relativa redução da contribuição fiscal naquele ponto do país. Ainda nisso segundo a plataforma CaboLigado (2023).

“o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), Joaquim Mangrassa, anunciou no dia 25 de Agosto a morte do líder insurgente Bonomade Machude Omar, também conhecido como Ibn Omar. Acredita-se que tenha sido morto numa

emboscada que liderou contra uma coluna de veículos das FADM, no dia 22 de Agosto, perto de Quiterajo, no distrito de Macomia. A sua morte é um acontecimento significativo, eliminando o mais hábil operador militar da insurgência. O seu assassinato ocorreu duas semanas depois de uma base das FADM na floresta de Catupa, também no distrito de Macomia, ter sido invadida no dia 8 de Agosto. (CABOLIGADO, p.2, 2023).

Segundo o Cabo Ligado (2023), não está claro como isto afetou a liderança da insurgência. O grupo não depende de um único líder e, desde a intervenção em Julho de 2021, tem, na sua maior parte, operado de forma descentralizada nos distritos do norte da província. Nos últimos meses de 2023, o grupo concentrou-se no distrito de Macomia, na floresta de Catupa, e ao longo de uma extensão de cerca de 40 quilómetros de costa entre as aldeias de Quiterajo e Pangane. Contudo, em Agosto de 2023, alguns membros deslocaram-se para oeste, ao longo do rio Messalo, em direção ao distrito de Mueda, no noroeste da província. No dia 20 de Agosto de 2023, a aldeia de Homba, em Mueda, foi abandonada após receber relatos de que insurgentes estavam nas proximidades.

#### **1.1.10. Contexto eleitoral das eleições Gerais de 2019 em Montepuez**

De forma particular, discutindo o contexto eleitoral no qual foram realizadas as eleições Gerais 2019, de acordo com Muendane et. al. (2020), o ciclo eleitoral de 2019 teve lugar numa atmosfera marcada por problemas de ordem económica e política. Os problemas de ordem económica, relacionam-se com a grave crise económica causada pelas intituladas dívidas ocultas, e a retirada do apoio financeiro ao Orçamento do Estado que gerou incertezas quanto à possibilidade da implementação regular, sistemática e funcional da política de eleições. Os de ordem política têm que ver com o ambiente de violência política extrema, primeiro entre o partido Renamo e o Governo da Frelimo e segundo, entre as Forças de Defesa e Segurança de Moçambique e um grupo de extremistas e violentos, na província de Cabo Delgado.

Já Chichava (2020), analisou o impacto das ações do Al-Shabaab aliadas a existência de imensas reservas minerais nas eleições de Outubro de 2019 na província de Cabo Delgado. O autor acima (*idem*), tratou de discutir como a presença do Al-Shabaab e dos recursos naturais influenciaram as eleições Gerais de 2019 na província de Cabo Delgado. O autor acima (2020), tratou primeiro de mostrar do impacto do terrorismo no recenseamento eleitoral e na votação, para, a seguir, explicar como os partidos políticos<sup>17</sup> usaram o conflito e os recursos naturais

---

<sup>17</sup> Falámos dos discursos dos candidatos dos três principais partidos políticos em Moçambique, nomeadamente Filipe Nyusi, da Frelimo; Ossufo Momade, da Renamo, e Daviz Simango, do Movimento Democrático e Moçambique (MDM).

para fazer a sua campanha eleitoral em Cabo Delgado. Tendo concluindo que esses ataques terroristas impediram a abertura de postos de recenseamento no litoral do distrito de Macomia, atrasando o início de recenseamento no distrito de Mocímboa da Praia. Nos distritos de Meluco, Palma, Montepuez e Nangade os ataques levaram ao encerramento de postos de recenseamento eleitoral durante alguns dias.

Ainda sobre os argumentos que dizem respeito ao impacto do terrorismo no comportamento eleitoral, segundo Forquilha e Pereira (2020), durante a campanha eleitoral, a sede do partido FRELIMO em Mocímboa da Praia foi vítima de um ataque atribuído ao Al-Shabaab, que na base de alguns relatos, terá custado a vida a 15 pessoas. A situação era tão difícil que a polícia recomendava que, no dia da votação, a população devia andar em grupo para melhor se proteger do Al-Shabaab. O relatório do Centro de Integridade Pública (2020), defendia que os números apresentados pelos órgãos de governação eleitoral moçambicanos acerca dos resultados eleitorais não correspondiam à realidade, visto que muita gente tinha abandonado os seus locais habituais de residência devido aos ataques terroristas, ou seja, tivemos 10 mesas de voto que não puderam abrir, impedindo que cerca de 5400 de um universo de 1185024 eleitores inscritos na província pudessem exercer o seu direito ao voto.

De acordo com a plataforma CaboLigado (2023), o grupo estava armado com granadas propelidas por foguete (RPG-7s) e metralhadoras leves (PKMs), e que foram observadas duas células de insurgentes a operar na zona e que ambas provinham de bases junto ao rio Messalo, perto de Muidumbe. Esses insurgentes provavelmente estavam na área desde o ataque a Namoro, perto de Nairoto, a 4 de Fevereiro. Um documento oficial da administração de Montepuez regista que metade da população de Namoro, Nairoto e Nanhupo fugiu da área. A aldeia de Mwiriti, que dista a 50 km ao norte de Nairoto, também foi atacada a 6 de Fevereiro, mas até a data, não foram relatadas quaisquer vítimas. Como podemos ver no excerto abaixo que:

“à Organização Internacional para Migração registou a chegada de 3.337 pessoas a um acampamento para deslocados fora da cidade de Montepuez entre 1 e 7 de Fevereiro. A circulação na R698 entre Montepuez e Mueda continua a ser afectada por estes ataques, com viaturas a necessitar de escolta armada das forças de segurança”. (CABO LIGADO, 2023, p.1).

De acordo com o CDD (2023), na própria província de Cabo Delgado, os distritos do Sul de Chiúre e Montepuez tiveram as suas particularidades. Chiúre foi um dos primeiros a registar episódios de violência ligados ao atual conflito, tendo as autoridades ordenado, em 2016, a

destruição de uma mesquita pertencente a membros de uma seita islâmica que não reconhecia a autoridade do Estado e se opunha à celebração dos feriados nacionais. Ainda segundo a plataforma acima citada (*idem*), foi a decapitação de cidadãos em Katapua em 2022, que agravou a sensação de insegurança, e gerou uma nova vaga de deslocados, onde essa situação tem feito do distrito de Montepuez um centro significativo de deslocados da guerra, novamente gerando ansiedade e medo.

“em Montepuez, o sentimento generalizado de insegurança é agravado pelas experiências já vividas sobre a violência perpetrada pelos insurgentes. O estudo regista o impacto do ataque a Nairoto em Montepuez quando cerca de 100 insurgentes atacaram e ocuparam, durante algumas horas, um posto conjunto das Forças de Defesa e Segurança, no quartel-general do Posto Administrativo de Nairoto, matando cinco militares e levando armas e uniformes pertencentes aos militares. Isso aumentou muito a sensação de insegurança no distrito, levando ao deslocamento de milhares e obrigando a Nairoto Resources, uma empresa com uma mina de ouro a 15 km da sede de Nairoto, a interromper suas operações e evacuar a área. O estudo Barómetro, a ser publicado em breve, ilustra o profundo impacto humano do conflito em pessoas aparentemente longe do perigo, mas perto o suficiente para sentir uma profunda ansiedade”. (CABOLIGADO, 2023, p.7).

À semelhança dos ataques terroristas, o ciclone Kenneth, que afectou as províncias de Cabo Delgado e Nampula no mês de Maio de 2020, tinha destruído vários postos de recenseamento que ficaram paralisados durante semanas, para além de ter provocado dezenas de mortos e feridos e destruído milhares de habitações, provocando a dispersão das populações. Nestes distritos, “os postos de recenseamento passaram a estar sob protecção policial e outros funcionavam próximos a quartéis” (CIP, 2020, P.9). Segundo a plataforma CaboLigado (2023), menos de dois anos após a sua recaptura pelas forças conjuntas do Ruanda e de Moçambique, Cabo Delgado, especialmente nas zonas afectadas pelos ataques terroristas prepararam-se agora para as eleições municipais em Outubro de 2023. A decisão de incluir alguns destes distritos para as próximas eleições foi tomada pelo Conselho de Ministros depois de ter ignorado o apelo do principal partido da oposição, Renamo.

Segundo a plataforma acima (*idem*), as preocupações da Renamo e dos órgãos eleitorais sobre o estado de insegurança naquela parcela do país são válidas pelo facto de ainda se verificar uma presença contínua dos insurgentes nos distritos e, a militarização dos mesmos podem afectar negativamente as eleições. Os ataques no ano de 2023 poderiam minar o retorno das pessoas deslocadas ao distrito, bem como a legitimidade do Estado. A militarização da Vila do distrito de Montepuez é outro aspecto importante a ser considerado.

Várias forças estão destacadas incluindo forças militares e policiais ruandesas, Polícia da República de Moçambique, FADM e Forças Locais. A presença de diferentes forças pode influenciar a votação, “já que tanto a população quanto os partidos da oposição podem temer represálias em caso de derrota da FRELIMO” (CABOLIGADO, 2023, p.6).

#### **1.1.11. Problema de pesquisa**

Estudos sobre o comportamento eleitoral foram desenvolvidos pela primeira vez na década de 1950. Em sua análise aos processos eleitorais e formação de opinião em pequenas comunidades, Berelson, Lazarsfeld e Mcphee (1954), mostraram que as preferências políticas eram mais prováveis de ser socialmente construídas do que determinadas individualmente.

Corroborando com o pensamento acima, outros estudos comprovam o impacto exercido pelos aspectos políticos, económicos, sociais, e culturais no comportamento eleitoral, (Huckfeldt 1979; Mondak et al. 1996); defendem que o contexto no qual os eleitores estão inseridos tem uma influência no comportamento eleitoral, pois contribui para definir as oportunidades e limitações que os eleitores têm para fazer as suas escolhas e tomar decisões políticas, ou seja, o comportamento eleitoral e as atitudes dos eleitores não podem ser explicadas com base exclusivamente em características individuais, mas devem ser entendidos em termos da sua relação com o meio no qual encontram-se inseridos.

Em seu trabalho, Sanchez (2010), em torno de uma pesquisa realizada na Colômbia, defende que os eleitores que vivem sob um contexto de ataques terroristas tendem a ajustar seu comportamento político de acordo com os objectivos estratégicos e orientações ideológicas proclamadas pelo pelos terroristas que dominam o distrito ou área que sofre os ataques. O autor (*idem*), mostrou que os resultados sugerem um forte impacto do terrorismo no comportamento eleitoral, e que a natureza desse impacto está intimamente relacionada ao equilíbrio do poder militar entre os atores armados concorrentes e seus objectivos estratégicos em relação ao sistema político. Trazendo esse debate para o continente Africano Kasara (2014), defende que o nível crescente do terrorismo tem gerado impactos negativos no comportamento eleitoral, casos empíricos de países como Nigéria e Costa do Marfim mostrou um declínio significativo da participação eleitoral de cerca de 60% dos eleitores que foram vítimas ou que tenham testemunhado ataques terroristas protagonizados em períodos eleitorais.

Ainda na lógica do debate acima, estudos recentes foram surgindo na tentativa de analisar esse fenómeno no continente africano, e de forma particular, olhando para os países do Magreb, autores como Abrahms (2006a, 2008b), Sood e Laohaprapanon (2020), constataram que os ataques terroristas ocorrem em cerca de 59% das eleições. Essa situação, segundo os autores criou impactos negativos no comportamento eleitoral, ou seja, eleitores que testemunharam ou foram vítimas desses actos de violência desvincularam-se das suas responsabilidades de exercerem seu direito de participar do processo eleitoral.

No contexto moçambicano, de acordo com Genoud (2021), nos últimos três anos, a província de Cabo Delgado, situada no norte de Moçambique, tem estado a braços com o terrorismo, que começou em Outubro de 2017, altura em que os terroristas ocuparam o distrito de Mocímboa da Praia. Desde então, a insurgência transformou-se numa típica guerra de guerrilha. No início, os ataques ocorriam à noite, contra pequenas aldeias. Em 2018, os insurgentes começaram a fazer assaltos à luz do dia. Em 2019, começaram a atacar pequenas vilas, postos avançados do exército e meios de transporte nas estradas. No início de 2020, tinham invadido sedes de distritos e divulgado vídeos que articulavam uma clara agenda Jihad. Conforme o autor acima:

“em Julho de 2019, tinham prometido fidelidade ao Estado Islâmico do Iraque e ao Levante (EIL, mais vulgarmente conhecido por ISIS). Com isto, o ISIS começou a assumir a responsabilidade por um número cada vez maior de ataques em Moçambique. O Governo reagiu enviando tropas para o norte do país, protegendo vilas e aldeias e caçando os insurgentes. Embora não tenha conseguido pôr fim à insurgência, conseguiu contê-la para uma área geográfica que abrange cerca de metade da província (cerca de 30.000 quilómetros quadrados)” (GENOUD, 2021, P.6).

Por sua vez, de acordo com Chichava (2020), devido aos ataques terroristas perpetuados pelo grupo Al-Shabaab<sup>18</sup>, o recenseamento e a votação eleitoral na província de Cabo Delgado foram perturbados, particularmente em algumas partes dos distritos de Mocímboa da Praia, Montepuez, Palma, Macomia e Meluco. Em alguns destes locais, o recenseamento eleitoral, que devia começar a 15 de Abril de 2019, não chegou a acontecer ou ficou paralisado por muito tempo, na sequência dos ataques que tinham obrigado as populações das regiões afectadas a se

---

<sup>18</sup> Para mais detalhes podemos ver o artigo escrito por De Brito (2020), onde faz uma análise da geografia eleitoral e a insurgência em Cabo Delgado, defendendo que nos distritos e postos administrativos, se seria possível estabelecer algum tipo de relação entre o voto nos diferentes partidos e a abstenção, por um lado, e as zonas afectadas pela violência, por outro, considerando que, de alguma maneira, os resultados eleitorais definem linhas de clivagem política e de potencial conflitualidade social.

refugiarem em lugares mais seguros, com destaque para a capital provincial, Pemba, e as sedes distritais, que até aquele momento escapavam aos ataques. Conforme Chichava (2020):

“à Renamo, principal partido da oposição, e que sempre classificou os processos eleitorais moçambicanos como fraudulentos, afirmava que nas zonas afectadas pelo terrorismo em Cabo Delgado, havia postos de recenseamento que só abriram faltando três dias para o término do processo e outras que jamais abriram. Igualmente, a Renamo queixava-se da duplicação de cadernos de recenseamento eleitoral, com os secretários de bairro da Frelimo a fazer recenseamento paralelo. Para além disto, o recenseamento eleitoral estava a ser perturbado por avarias constantes do equipamento. Por estas razões, a Renamo pedia a prorrogação do prazo do recenseamento por mais trinta dias” (CHICHAVA, 2020, p. 7).

Ainda segundo o autor acima (*idem*), em Maio de 2018 ano da realização das eleições municipais em Moçambique, os ataques do Al-Shabaab obrigaram ao encerramento de cinco postos de recenseamento no distrito de Montepuez, devido à fuga da população e dos brigadistas, tendo sido vandalizado um posto de recenseamento na localidade de Nacate, no distrito de Macomia.

No dia 15 de Outubro de 2019, realizaram-se as sextas eleições Gerais e Multipartidárias. Estas eleições decorreram em contexto no qual desde o dia 5 de Outubro de 2017, a província de Cabo Delgado, vinha sendo alvo de ataques contra civis. Como se pode depreender dos factos acima arrolados, as eleições em Cabo Delgado em particular no distrito de Montepuez, decorreram em um contexto de medo e intimidação, sendo, quase diariamente, reportados ataques que não só afectaram os eleitores, mas também as actividades dos órgãos de administração eleitoral e os partidos políticos.

Portanto, foi baseando-se na ocorrência desse fenómeno de terrorismo que caracterizou as eleições Gerais de 2019 em Moçambique, e considerando a atenção dada à necessidade de se instaurar um processo de resolução do conflito pelas diversas organizações da sociedade civil, incluído o Governo nacional, que surge esta pesquisa. Onde o problema levantado situa-se na análise do impacto do terrorismo no comportamento eleitoral em Moçambique, cuja preocupação central consiste em analisar a participação dos eleitores vítimas e/ou eleitores que residem no raio desse conflito no decorrer do processo eleitoral no distrito de Montepuez nas eleições Gerais no ano de 2019.

## **1.2. Pergunta de partida**

- ✓ Até que ponto os ataques terroristas podem ter influenciado o comportamento eleitoral no Distrito de Montepuez nas eleições gerais de 2019?

## **1.3. Hipótese**

- ✓ O comportamento eleitoral nas eleições Gerais de 2019, particularmente no distrito de Montepuez, foi afectado pelos ataques terroristas que ocorrem naquela parcela do país desde Outubro de 2017, facto que se justifica pelo declínio da participação eleitoral em todas fases do processo eleitoral, comparativamente as eleições já realizadas na história eleitoral e política do país.

## **1.4. OBJECTIVOS**

### **1.4.1. Geral**

- ✓ Analisar o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral no distrito de Montepuez, no âmbito das eleições Gerais de 2019.

### **1.4.2. Específicos**

- ✓ Discutir a relação existente entre o terrorismo e o comportamento eleitoral no distrito de Montepuez; e
- ✓ Explicar o uso do discurso sobre o terrorismo pelos partidos políticos para fazer a sua campanha eleitoral.

## 1.5. Justificativa

A escolha do tema sobre terrorismo e comportamento eleitoral foi escolhido por ser uma matéria pouco explorada em Moçambique, e, por conseguinte, a literatura ser escassa. O referido estudo faz a cobertura aos eventos ocorridos nas eleições<sup>19</sup> de (2019), sendo que de forma primária, procurar-se-á analisar a variação dos eleitores inscritos e que participaram em todas as fases do processo eleitoral para as eleições Gerais de 2019.

O estudo visa fazer a análise das eleições Gerais que tiveram lugar em 2019. Neste período as eleições decorreram em um contexto que desde o dia 05 de Outubro de forma específica na província de Cabo Delgado no extremo norte de Moçambique, vinha sendo alvo de ataques contra civis e instituições do Estado por parte do grupo terrorista localmente denominado por Al-Shabaab. Podemos constatar que Moçambique realizou esse processo eleitoral, pela primeira vez na história eleitoral do país com a eclosão dos ataques terroristas. Como se pode perceber, a implicação que este fenómeno teve no decorrer de todo o processo eleitoral, ou seja, os eleitores vítimas dos ataques terroristas no distrito analisado apresentam resultados eleitorais totalmente diferentes dos anos eleitorais transactos, ou seja, o terrorismo no distrito de Montepuez não foi só evidente como também foi notório o impacto que este fenómeno teve no comportamento eleitoral.

Quanto à delimitação espacial, a pesquisa teve como a unidade espacial o distrito de Montepuez<sup>20</sup>, pelo facto de se ter verificado que nesse distrito houve uma maior concentração de eleitores que vinham de outros distritos de Cabo Delgado, em comparação aos outros distritos da mesma província. Conforme tivemos acesso aos dados que são apresentados pela Plataforma Cabo Ligado (2023), que monitora a situação do terrorismo desde a sua eclosão até aos dias actuais. Segundo esta plataforma (*idem*), houve um considerável aumento dos níveis de violência nos primeiros cinco anos em Cabo Delgado e em especial nos distritos de Palma, Mocímboa da Praia. Para além de um declínio dos níveis de ataques terroristas últimos cinco meses de Março até Julho de 2023, houve uma queda na actividade em comparação com o

---

<sup>19</sup> Conforme pode-se constatar dos dados apresentados pelo Centro de Integridade Pública (2019, p.24), Comissão Nacional de Eleições (2019), e pelo Acórdão do Conselho Constitucional (2019, p.15), em um total de 146758 corresponde a 100% dos eleitores inscritos para as eleições no distrito de Montepuez tivemos cerca de 54482 corresponde a 37,12% de eleitores que exerceram seu direito ao voto, e um número total de 92276 corresponde a 62,88 % abstiveram-se de exercer seu direito ao voto.

<sup>20</sup> Dados agregados apresentados pela plataforma Cabo Ligado (2023), mostram que em um número total de ocorrências de violência política no distrito em análise desde 1 de Outubro de 2017 até 19 de Maio de 2023 é de 1631, e um número total de fatalidades reportadas de violência política de 4671, e um número total de fatalidades reportadas por violência política contra civis de 2002.

mesmo período do ano de 2022, que registou 122 eventos de ataques terroristas registados e 283 mortes relatadas no mesmo período.

Ainda segundo a mesma fonte (*idem*), a actividade dos terroristas também estava também mais difusa naquela época, abrangendo nove distritos, incluindo os distritos de Ibo e Quissanga, na costa, e o distrito de Nangade, ao norte. Corroborando com este argumento Forquilha e Pereira (2020), argumentam que entre finais de Março e meados de Abril de 2020, a violência armada atingiu níveis nunca vistos antes, com o assalto e a ocupação temporária de quatro vilas nos distritos de Mocímboa da Praia, Quissanga, Muidumbe e Ibo. Para este período em 2022, aproximadamente tantos eventos de ataques terroristas, envolvendo insurgentes (51) foram registados em Montepuez como em toda a província para o período correspondente em 2023.

Em termos teóricos, esta pesquisa torna-se pertinente na medida em que pretende, não apenas confrontar as conclusões levantadas pelos teóricos que defendem que não existe impacto do terrorismo no comportamento eleitoral,<sup>21</sup> mas também a pesquisa irá contribuir para o levantamento de hipóteses com vista a perceber o real impacto do terrorismo no comportamento eleitoral em Moçambique, de forma particular no aspecto da participação político eleitoral. Em um contexto em que não só o terrorismo ganhou uma grande visibilidade no sistema internacional, de modo particular em Moçambique, esta pesquisa constitui um meio para a compreensão da génese e das dinâmicas deste fenómeno para o comportamento eleitoral.

Sob ponto de vista prático, a pesquisa em causa cria condições para a compreensão do terrorismo e seu impacto no comportamento eleitoral de forma específica no que diz respeito a participação eleitoral. Esta temática possibilita compreender de forma mais profunda as condições sobre as quais os eleitores de Montepuez acompanham toda dinâmica do processo eleitoral inseridos em situações de extrema violência, salientando os constrangimentos institucionais e limitações a que estão sujeitos e o impacto disso no resultado final do processo eleitoral.

---

<sup>21</sup> Para mais detalhes vide os estudos de Michael MacKuen e Courtney Brown, com título *Political Context and Attitude Change. American Political*, (1987). É possível também encontrar alguma informação sobre esse assunto no livro de Jeffery Mondak, J., DIANA C. Mutz, R, Robert Huckfeldt. (1996). *Persuasion in Context: The Multilevel Structure of Economic Evaluations*. In *Political Persuasion and Attitude Change*, ed. D. C. Mutz, P. M. Sniderman and R. A Brody. Ann Arbor.

## **1.6. Conceitos, revisão da literatura e enquadramento teórico**

### **A) Comportamento eleitoral**

De acordo com Antunes (2008), um dos pontos mais controversos nos estudos sobre o comportamento eleitoral é a tentativa de compreender o que leva o eleitor a escolher determinado candidato em detrimento de outros. Antunes (*idem*), demonstra que os estudos sobre o comportamento eleitoral são dominados por quatro grandes abordagens: a abordagem sociológica, com defensores como (Berelson, Lazarsfeld e Mcphee, 1954; Lipset e Rokkan 1967, Berelson, e Gaudet, 1994;). A abordagem psicossociológica com defensores como (Campbell, Converse, Miller e Stokes, 1960; Miller e Shanks, 1996). Portanto Antunes, defende que estes dois modelos em última instância fornecem uma explicação rígida e exaustiva para compreensão da estabilidade nas opções dos eleitores nas eleições, mas as mesmas pecam por demonstrar em muitos casos algumas limitações no esclarecimento das razões que levam alguns eleitores a votar de forma diferente em eleições consecutivas dentro dos estados.

Continuando com os argumentos de Antunes temos como os dois últimos modelos a abordagem da identificação partidária como defensores (Siegfried 1913, Campbell et al. 1960; Caplan, 2007), e pôr fim a abordagem de escolha racional que tem como expoente máximo (Downs, 1999).

### **B) Comportamento eleitoral na abordagem Sociológica**

Para Santos (2010), a teoria sociológica do comportamento eleitoral é fundamentada nas condições sociais e culturais do eleitor, tomando por base o contexto em que ele vive. Sendo assim, há uma tendência para que pessoas integrantes de um mesmo grupo, com a mesma posição na sociedade ou pertencentes à mesma classe social, votem de maneira semelhante. Ou seja, o fundamental para a perspectiva sociológica é o contexto em que os indivíduos actuam, no qual as principais variáveis são, socioeconómicas, demográficas e as ocupacionais, e sua preocupação central está em mostrar como tais variáveis possuem relações com o comportamento eleitoral.

De acordo com Santos (2010), os argumentos da abordagem sociológica mostram que o estudo do comportamento eleitoral teve início na sociologia e foi responsável por grande parte da produção nesta área. Neste contexto, a perspectiva original desta abordagem é macro, pois parte da ideia de que os factores históricos-estruturais e culturais globais conformam as

características sociais, económicas e políticas de uma sociedade, fazendo drenar determinadas clivagens sociais que se expressam através de partidos específicos, com os quais sectores do eleitorado se identificam.

### **C) Comportamento eleitoral na abordagem psicossociológica ou modelo de Michigan**

Um dos aspectos importantes a fundamentar é que em alguma literatura a abordagem psicossociológica tem a designação de Modelo de Michigan, pois foi uma teoria desenvolvida por professores da Universidade de Michigan entre eles: (Angus Campbell; Philip Converse; Warren Miller e Donald Stoker). Isso levou com que muitas das vezes a abordagem psicossociológica do comportamento eleitoral tivesse esta designação (FREIRE, 2001, P. 41).

A teoria psicossociológica do comportamento eleitoral<sup>22</sup> tenta explicar a escolha por determinado candidato de acordo com as percepções e atitudes do eleitor, pautadas em valores e conhecimentos. É de salientar que essa abordagem psicossociológica sobre o comportamento eleitoral defende que a participação política e o comportamento eleitoral estão indirectamente ligados às percepções e motivações dos indivíduos em relação à política e aos partidos (Radmann, 2001, P. 15). Em geral a unidade de análise da teoria psicossociológica é o indivíduo e, para entender o direcionamento do seu voto, os estudiosos dessa corrente recorrem a *surveys* e entrevistas em profundidade, (SANTOS, 2010, p.7).

Radmann (2001), afirma que a corrente psicossociológica sobre o comportamento eleitoral, pode ser considerada um ramo de orientação mais micro da corrente sociológica do comportamento eleitoral. Sem negar a relevância da contribuição da sociologia, que a considera insuficiente. Castro (1992), mostra que as variáveis de atitude são consideradas intervenientes entre os factores sociais que caracterizam os indivíduos (como raça, escolaridade ou status socioeconómico) e ou até o comportamento eleitoral propriamente dito.

---

<sup>22</sup>Um dos aspectos a fundamentar é que em alguma literatura pode ter a designação de Modelo de Michigan, pois foi uma teoria desenvolvida por professores da Universidade de Michigan entre eles: (Angus Campbell; Philip Converse; Warren Miller e Donald Stoker). Isso levou com que muitas vezes a abordagem psicossociológica do comportamento eleitoral tivesse esta designação.

#### **D) Comportamento eleitoral na abordagem da Identificação Partidária**

A identificação partidária como sugere Silveira (1998), é a relação estabelecida em função da lealdade, confiança e vínculos tradicionais com o partido ou com o candidato. Aqui o voto pode ser produto de tradição familiar, pertencimento ao reduto eleitoral, bem como relações de lealdade estabelecidas e gosto por um certo partido. Para Silveira (1998), as manifestações do comportamento eleitoral, proveniente do personalismo tradicional podem ser compreendidos como sendo uma identificação com a qual o eleitor cria com o partido ou candidato em função de qualidades especiais que são consideradas como um dom destas lideranças. Essa identificação pode ser da decorrência do magnetismo carismático do líder ou de relações sociais tradicionais que se estabelecem entre o contexto social, o eleitor e o candidato (SILVEIRA, 1998, p. 64).

Em geral para Silveira (1998), a identificação partidária pode estar associada ao comportamento eleitoral personalizado pela confiança e lealdade que os eleitores têm com líder. Como lembra a autora, está corresponde à antiga concepção duma identificação com o candidato construída em função de admiração, magnetismo, devoção, fidelidade, lealdade pessoal, subordinação ao chefe político local ou regional, tradição familiar ou pertencimento ao reduto eleitoral.

#### **E) Comportamento eleitoral na abordagem de Escolha Racional**

A obra “An Economic Theory of Democracy”, da autoria de Downs (1999), é uma das obras que explorou e aplicou a teoria da escolha racional na ciência política. A teoria propõe a explicação do comportamento social e político partindo do pressuposto segundo o qual as pessoas (eleitores e partidos), são racionais e agem intencionalmente, calculando os custos e os benefícios de cada acção antes de decidirem, maximizando seus ganhos. Ainda de acordo com o autor acima Downs (*idem*), todos os que tomam decisões racionalmente no modelo proposto, incluindo (*Partidos Políticos, Grupos de Interesse e Governos*) possuem as mesmas qualidades. Ou seja, um homem racional, portanto, sempre opta pela alternativa que lhe proporciona maior utilidade.

Neste contexto, a esfera da política é visualizada como um mercado político, onde os políticos tentam vender seus produtos e os cidadãos assumem o papel de consumidores, que vão escolher aqueles produtos que melhor diminuem seus custos e maximizam ou otimizem seus ganhos, (DOWNS 1999, p. 68).

### 1.6.1. Terrorismo

De acordo Wardlaw (1982), definir o terrorismo é das tarefas mais necessárias e complexas quando se procura fazer uma primeira aproximação ao problema. Se etimologicamente a tarefa é simples podendo este ser visto como o acto de criar pavor ou pânico, conceptualmente esta tarefa é bem mais intrincada, pois é um conceito que sofre o vício da politização, da falta de rigor analítico e do juízo de valores, sobretudo quando se trata de associar o mesmo a casos concretos. Não obstante ser objecto de constante desacordo entre analistas e, sobretudo, políticos, alguns autores<sup>23</sup> procuraram definir este conceito da maneira mais objectiva possível. E por sua vez Gannor (2022) defende que:

“terrorismo é o emprego ou a ameaça de emprego da violência contra alvos humanos e materiais por um actor que pretende atingir objectivos políticos ou político-religiosos”. Silva ressalta que o mesmo deve contemplar características como a clandestinidade, por parte da actuação dos participantes, de modo a camuflarem as suas identidades pessoais ou a sua localização futura; não limitam os alvos aos militares, associando-lhes os civis e os não combatentes; e o alvo do terror perpassa as vítimas imediatas do mesmo, ou seja, podem atacar civis com vista a chamar a atenção do poder político ou da comunidade internacional para a sua existência e/ou causa” (GANNOR, 2002, p. 1242).

Lutz e Lutz (2013, p. 275), trazem o conceito de terrorismo, os seus elementos constitutivos. Assim, para estes autores, o terrorismo deve considerar 6 elementos essenciais:

- ✓ O uso da violência ou ameaça dela;
- ✓ É protagonizada por um grupo organizado para atingir objectivos políticos;
- ✓ A violência é direccionada a uma audiência que vai para além das vítimas imediatas, que são maioritariamente civis;
- ✓ Tanto o Governo como um outro grupo podem perpetrar o terror, mas só é considerado terrorismo quando não se trata do primeiro;
- ✓ O terrorismo é a arma dos fracos.

Deste modo, segundo Siteo (2020), pode-se entender o terrorismo essencialmente como um acto de violência levado a cabo por indivíduos, grupos ou até mesmo pelos Estados contra determinados alvos civis com a pretensão de atingir uma audiência maior do que as vítimas imediatas, visando um objectivo político determinado. Portanto, uma análise do fenómeno

---

<sup>23</sup> Podemos destacar autores como (Bobbio 1998; Wilkinson 1990; Ganor, 2002; Garcia 2010; e Pereira 2013).

terrorista deve partir, pelo menos, por entender a forma como ocorre o acto de violência (as dinâmicas e os contornos), quem é o grupo que o perpetra, quem são as vítimas imediatas, qual é a audiência maior à qual procuram chegar e quais os objectivos que pretendem atingir.

## **2. REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1. Estudos clássicos sobre o terrorismo e comportamento eleitoral**

Estudos sobre o comportamento eleitoral foram desenvolvidos pela primeira vez nos finais da década de 1950 e inícios de 1960. Em sua análise aos processos eleitorais e formação de opinião em pequenas comunidades, Berelson, Lazarsfeld e Mcphee (1954), mostraram que as preferências políticas eram mais prováveis de ser socialmente construídas do que determinadas individualmente. Nas últimas décadas o mundo tem experimentado diversas formas de violência, com particular destaque para o terrorismo.

De acordo com a última edição do *The Global Terrorism Index do Institute for Economics and Peace* (2022), o mundo testemunhou um aumento de 69% dos ataques terroristas nos últimos anos. Segundo Krueger e Laitin (2003); Krueger e Maleckova (2003); e Berrebi (2007), após os ataques de 11 de Setembro, 2001, uma atenção particular tem sido dedicada aos estudos sobre as causas históricas, institucionais e estratégias do terrorismo, oferecendo informações valiosas sobre a ligação entre o terrorismo, a economia e a democracia. Portanto, Gutiérrez (2010), estudando os actos de terrorismo no México mostra o impacto negativo desses actos no comportamento eleitoral. O aumento dramático do terrorismo no México desde 2006 aumentou o número de homicídios de aproximadamente 10.000 mil pessoas mortas em 2006 para mais de 50.000 milhões de pessoas mortas em 2012. É com base nos argumentos acima enunciados que segundo os autores acima (*idem*), a ocorrência do terrorismo apresenta uma oportunidade ideal para analisar o seu impacto no comportamento eleitoral.

Ainda nessa ordem de ideias sobre o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral, de acordo com Garcia (2019b), os eleitores que vivem em contextos afectados pelo terrorismo são menos propensos a votar. Para tal, Garcia (*idem*), descreve o terrorismo como tendo impacto negativo sobre a participação eleitoral, usando um modelo probabilístico, defende que para um eleitor médio, que sofre com uma ameaça de ataques terroristas reduzem as chances de o mesmo não participar do processo eleitoral. Em seu estudo realizado na Colômbia, chega a

conclusões que os ataques terroristas que os eleitores sofrem minam participação eleitoral nos distritos que esses actos são mais violentos.

Gimpel e Lay (2005), defendem que em contextos eleitorais caracterizados por ataques terroristas, pode-se esperar-se que a participação eleitoral diminua, pelo facto da percepção por parte dos eleitores que vivem nas áreas que enfrentam uma situação em que não há segurança. E, portanto, os eleitores irão se abster de votar como um mecanismo para se proteger desses ataques. Nessa ordem de ideias, Bateson (2012), defende que os elevados índices de violência tendem a reduzir a participação política eleitoral, o autor sustentou o seu argumento analisando a participação eleitoral em municípios mexicanos afectados pela violência desde os anos 2000 até 2010. Em geral elevados índices de violência e insegurança aumentam o número de eleitores desencantados e apáticos em relação ao processo eleitoral.

Por sua vez, em um estudo de carácter comparativo na América Latina, Fomos et al. (2004), observaram o declínio da participação eleitoral em contextos de ataques terroristas, pois em contextos de ataques terroristas os eleitores não encontram incentivos de poder participar do processo eleitoral devido ao medo de serem vítimas desses ataques, tendo a única opção abster-se do processo eleitoral. Da mesma forma, em seu estudo Garcia (2006), dissertando sobre o impacto dos ataques terroristas concluíra que a violência foi um mecanismo eficaz para manter longe das urnas os eleitores daquele país, advogando que a sensação de insegurança que os eleitores estão sujeitos aumentou de forma significativa a abstenção eleitoral em territórios que apresentam elevados índices de ataques terroristas.

Ainda de acordo com Garcia (2006a), quando um actor armado decide usar dos ataques terroristas contra o sistema político ou eleitores ao decorrer de um processo eleitoral, o objectivo é moldar o contexto social em que esses mesmos eleitores tomam suas decisões políticas. Ao fazer isso, os terroristas procuram forçar os indivíduos a se comportarem de maneira consistente com seus objectivos políticos. Em geral para o autor acima (*idem*), como resultado os eleitores que vivem em contextos violentos tendem a ajustar seus comportamentos e opiniões políticas de acordo com os objectivos estratégicos e as orientações ideológicas proclamadas pelo actor armado que domina a área. Podemos ver em Valência que:

“os elevados índices de ataques terroristas criam apatia nos eleitores de modo que os mesmos se abstenham de participar do processo eleitoral como mecanismo de proteger-se. Os ataques terroristas que ocorrem de forma indiscriminada também desencorajam os partidos políticos de participar do processo eleitoral, o que conseqüentemente fará com que a competição política

seja reduzida e quase não haverá esforços de campanha eleitoral por parte dos partidos políticos que estimulem a redução da participação eleitoral” (VALÊNCIA, 2007, p.90).

Por sua vez, Trelles e Miguel em seu trabalho intitulado *Bullets and Votes: Violence and Electoral Participation in Mexico (2012)*, analisaram que o comportamento eleitoral, de forma específica a participação política eleitoral, é deverás afectado pelos ataques terroristas, ou seja, os eleitores que vivem áreas afectadas pelos ataques terroristas tendem a abster-se de participar do processo eleitoral em comparação aos eleitores que vivem em áreas não afectadas pelos ataques terroristas. Para os autores acima:

“o terrorismo tem um impacto negativo na participação eleitoral porque aumenta o número de eleitores desencantados e apáticos quanto ao processo eleitoral, e o segundo mecanismo semelhante ao primeiro é que níveis elevados de ataques terroristas têm um impacto negativo na participação eleitoral ao aumentar o nível de insegurança percebida pelos eleitores durante todas as fases do processo eleitoral” (TRELLES e MIGUEL, 2007, p.109).

Por sua vez, Cruz (2000), advoga que os elevados índices de ataques terroristas têm impacto negativo na participação eleitoral, pois aumenta o nível de insegurança durante o processo eleitoral, fazendo com que os eleitores se abstenham do processo eleitoral. Em municípios onde os níveis de ataques terroristas são generalizados, os eleitores são propensos a abandonar espaços públicos onde o risco de sofrer um ataque violento é ainda maior, e pode-se verificar que desde 2007, a participação política eleitoral<sup>24</sup> diminuiu significativamente no México, especialmente em áreas afectadas pelo aumento sucessivo das actividades terroristas.

Segundo o El Universo (2010), a participação eleitoral diminuiu significativamente no México, nas eleições de 2007, especialmente em áreas afectadas pelos ataques terroristas. Diante de uma situação de elevados ataques terroristas, os eleitores adoptam uma cultura de autodefesa, pois os eleitores temerosos em sofrer represálias optam em abster-se de participar do processo eleitoral. Ainda na mesma linha de análise Trelles e Carreras (2012), defendem que devido ao medo dos ataques terroristas os eleitores podem decidir não participar do processo eleitoral. Em contextos altamente violentos, por exemplo, em áreas dominadas ou disputadas por grupos terroristas criminosas, os partidos políticos podem optar por ser menos activos durante a campanha, a fim de proteger seus membros bem como o seu eleitorado.

---

<sup>24</sup> De acordo com Gallego (2011), os resultados eleitorais nas eleições no contexto acima descrito nesse ano tiveram uma redução da participação política eleitoral de cerca de 37% dos eleitores que se dirigiram as urnas para exercer o seu direito ao voto.

Em seu estudo intitulado *Violência Política e Comportamento Eleitoral na Colômbia*<sup>25</sup>, Garcia (2012c), defende que os ataques terroristas que fizeram-se sentir nos últimos anos eleitorais, fizeram com que os partidos políticos não participassem nas eleições autárquicas em áreas com elevados índices de ataques terroristas com o objectivo de proteger seus candidatos ou ainda o seu eleitorado. Devido a incidência dos ataques terroristas o comportamento eleitoral é afectado primeiro pela diminuição da competição política entre os partidos políticos, e em segundo lugar os ataques terroristas causam um declínio no processo da mobilização política pelo facto dos diferentes partidos políticos e militantes partidários preferirem sua imagem como candidato em baixo, a fim de manter sua segurança. Ainda segundo essa discussão Gallego defende que:

“em alguns casos, os municípios que enfrentam elevados níveis de ataques terroristas apresentam elevados índices de abstenção político eleitoral. O contexto mexicano, onde os municípios do Norte, mais activos politicamente, sofrem mais com os efeitos do terrorismo e apresentam uma fraca participação político eleitoral, enquanto os que municípios menos engajados politicamente no Sul do México não são tão propensos a esses níveis de ataques terroristas. O terrorismo é uma ferramenta eficaz para moldar o comportamento eleitoral, pelo facto dos ataques terroristas alterarem o valor esperado das certas acções dos eleitores” (GALLEGO, 2018, p.67).

Por sua vez Gutiérrez (2014), defende que a participação política eleitoral depende em grande parte do contexto no qual os eleitores encontram-se inseridos, em contextos em que os eleitores se encontram envoltos em elevados índices de ataques terroristas a participação eleitoral tende a ser reduzida devido ao medo e trauma que esses eleitores podem ter. O autor chega a essas conclusões depois de um estudo realizado no México nas eleições Municipais de 2009, onde observou a redução da participação política eleitoral de cerca de 45% dos eleitores em relação as outras eleições já realizadas naquele país.

Ainda segundo Garcia (2012c), de forma específica; olhando para as eleições locais, onde a abstenção eleitoral foi elevada, pode-se relacionar a uma intensificação dos actos de violência nas eleições locais de 2000. Devido a esses ataques e intimidações assistiu-se a transferência por parte do Governo de cerca de 576 postos de votação das áreas rurais para as áreas urbanas,

---

<sup>25</sup> De acordo com Garcia (2012), a participação eleitoral na Colômbia historicamente tem sido alta em comparação com outros países latinos países americanos. A participação média nas eleições presidenciais entre a década de 1940 e o final do século passado foi de 90,74%, a maior entre doze países da região, cuja média foi de 56,9%, mas devido ao impacto da violência que se tem verificado nos últimos anos, testemunhou-se um decréscimo nos níveis de participação eleitoral que rondou entre 40, 74%.

o que acabou afectando o decorrer de todo o processo eleitoral. Nisso, de acordo com Gimpel e Lay (2005):

“em um contexto de ataques terroristas, pode-se esperar que a participação eleitoral diminua. No entanto, nem todos os contextos de ataques terroristas são iguais, por isso os autores afirmam que a redução da participação eleitoral deve variar à medida que eleitores se encontram inseridos em um contexto que apresenta elevados índices de ataques terroristas. Quando um actor armado aumenta seu controle sobre uma região, espera-se que a competição política diminua, consequentemente afectando todo o processo eleitoral” (GIMPEL e LAY, 2005, p.89).

Aliando o debate acima aos argumentos de Baccini et al. (2021), em seu artigo intitulado *Terrorismo e Comportamento Eleitoral: Uma Evidência a partir dos Estados Unidos da América (1970-2016)*, os autores examinam o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral nos Estados Unidos, desde os ataques terroristas que tiveram lugar durante o período de 2001-2016 e explorando a aleatoriedade inerente do sucesso ou fracasso de ataques terroristas sobre as eleições presidenciais, confirmam a hipótese do impacto do terrorismo no comportamento eleitoral durante o período estudado, pois os números apresentados pelos autores mostraram a redução dos eleitores em áreas mais afectadas pelos ataques terroristas<sup>26</sup>

## **2.2. Estudos sobre o terrorismo e comportamento eleitoral**

De acordo com Boeke (2013), as eleições presidências realizadas em 2013 em Mali tiveram um marco histórico para muitos pesquisadores, ou seja, os ataques terroristas realizados pelo grupo Movimento pela Unidade e Jihad na África Austral (MUJAO) afectaram negativamente o comportamento eleitoral. Para o autor acima (*idem*), os ataques protagonizados por este grupo no dia 28 de Julho e 11 de Agosto impediram o decorrer normal das eleições marcadas para Outubro. Corroborando com este autor, Falade (2015), analisou empiricamente o impacto do terrorismo nas eleições Gerais realizadas em 2013 no Quênia, tendo constatado que este processo foi marcado pelo medo e ansiedade por parte dos eleitores, tendo tido como consequência a abstenção eleitoral que rondou cerca de 70%.

---

<sup>26</sup> Para o nosso trabalho, iremos privilegiar a análise do impacto do terrorismo no comportamento eleitoral, nos guiando a partir da linha de análise seguida por Brodeur (2018), um ataque terrorista bem sucedido, é aquele que, atinge seus objectivos directos em uma acção directa executada contra civis, por exemplo, um assassinato é considerado como um ataque bem-sucedido se o alvo é morto, e uma explosão é considerada bem-sucedida se o dispositivo explosivo detonar.

Gassebner et al. (2008); Balcells e Torrats-Espinosa (2018), fazendo uma análise em mais de 800 eleições em 115 países que realizaram eleições em contextos de terrorismo, os autores constataram fortes evidências do impacto causado pelos ataques terroristas no comportamento eleitoral, ou seja, os actos de intimidação e/ou ataques protagonizados pelos terroristas reduzem os índices da participação eleitoral. Ainda na lógica dos argumentos acima, os autores acima (*idem*), defendem que em situações de ataques terroristas o Governo do dia perde a legitimidade e confiança dos eleitores pelo facto do mesmo não conseguir criar mecanismos que visem confrontar um inimigo em comum com o objectivo de estancar esses mesmos ataques terroristas.

Como podemos ver em Abrahms (2006), a maioria das análises que existem sobre o impacto dos ataques terroristas no comportamento eleitoral foram feitas em democracias ocidentais e concentram-se exclusivamente na variação ao longo do tempo da variável “terrorismo e o comportamento eleitoral”, procurando elucidar as consequências desse fenómeno para o decorrer normal das eleições. O autor acima (*idem*), mostra explicitamente que os eleitores têm um sentido alto de sensibilidade em abster-se do processo eleitoral devido ao medo e a ansiedade que os eleitores estiverem submetidos durante a ocorrência desse fenómeno, ou seja, essas análises estabelecem empiricamente uma correlação<sup>27</sup> positiva entre o terrorismo e à ameaça do terrorismo que determina a participação dos eleitores no processo eleitoral.

Segundo Bouoiyour e Selmi (2018), a ocorrência de ataques terroristas nove meses antes de um processo eleitoral, afecta em 0,92% o comportamento eleitoral, olhando de forma específica a participação política eleitoral, assiste-se nesse período uma taxa elevada da não participação dos eleitores do processo eleitoral. Esta situação segundo os autores, ocorre porque os níveis de trauma e medo ainda são muito fortes nos eleitores, o que faz com que os eleitores tenham receios de participar do processo eleitoral. Corroborando com o argumento acima, Callen et al. (2017), defendem que a exposição dos eleitores aos ataques terroristas tem impactos duradouros e complexos no comportamento eleitoral, pois nessas condições torna-se difícil uma participação genuína nas eleições pois os traumas e as inseguranças reduzem as certezas e a visão que os eleitores têm em participar do processo eleitoral.

---

<sup>27</sup> Esta correlação foi documentada usando dados obtidos em Israel com os estudos feitos por (Berrebi e Klor 2006; Fielding e Penny 2006; Ludvigsen 2005; Sheaf et al. 2004), Espanha (Bali 2007); e Estados Unidos (Davis e Prata 2004; Guilmartin 2004; Shambaugh e Josiger 2004).

### 2.3. Terrorismo Vs partidos políticos

Embora a estrutura teórica que faz a análise do impacto dos ataques terroristas no comportamento eleitoral seja relativamente escassa, os resultados empíricos são contraditórios<sup>28</sup>. Primeiro, há evidências de que os partidos políticos no poder, perdem o apoio político eleitoral após os ataques terroristas, Gelpi et al. (2006); Karol e Miguel (2007); Gassebner et al. (2008); No entanto, para Berrebi e Klor (2008); e Koch e Tkach (2012), de forma específica constataram que em Israel o partido no poder não perdeu as eleições devido aos ataques terroristas. Em segundo lugar, embora haja alguma evidência de que os partidos políticos com ideologia a direita<sup>29</sup> aumentam seus votos após os ataques terroristas Abramson et al. (2007); Kibris (2011); Koch e Tkach (2012), outros estudos mostram que os ataques terroristas também podem mudar a estrutura dos votos para os partidos políticos com ideologias a esquerda<sup>30</sup>, como foi o caso dos atentados aos comboios de 2004 em Madri capital espanhola (BALI 2007; GOULD E KLOR 2010; MONTALVO 2011). Portanto Pizarro (1996), defende que:

“os ataques terroristas podem diferir em termos de sua relação com o sistema político de duas maneiras, primeiro pelo facto de poder afectar, por exemplo, o processo eleitoral, ou seja, de forma específica a participação eleitoral, e o segundo momento os ataques terroristas procuram minar sistema político, ou seja, diante de sucessivos ataques terroristas os eleitores punem os partidos políticos que estão no poder<sup>31</sup>, por este não poder responder de forma cabaz aos ensaios da população em ver terminado o ciclo de violência” (PIZZARO, 1996, p.78).

---

<sup>28</sup> De acordo com Kibris (2011), em alguns casos os ataques terroristas não ocorrerem de forma aleatória ou esporádica, mas sim os terroristas são susceptíveis de escolher os alvos e o tempo de seus ataques de forma estratégica. Em particular, eles atacam os locais em que os eleitores têm maior probabilidade de responder da maneira desejada, ou seja votando em partidos de direita ou em partidos de esquerda.

<sup>29</sup> A ideologia de direita pode ser caracterizada por ser mais conservadora, opondo-se, na maioria das vezes, às ideias consideradas progressistas. De forma geral, prefere a manutenção de princípios sociais tradicionais, pretendendo menos alterações na ordem social que já existe. Em relação ao poder estatal, a direita costuma defender que o poder de controlo e regulamentação do Estado seja limitado. Além disso, normalmente as políticas aplicadas pelos governos dão prioridade aos direitos individuais em relação aos direitos colectivos. Já em relação à economia, a direita entende que a auto-regulamentação e a liberdade de mercado é a melhor maneira de atingir o progresso económica. Assim, a direita orienta-se bastante pelo princípio do liberalismo económico.

<sup>30</sup> A ideologia de esquerda, ao contrário, costuma defender mais poder de regulamentação estatal. Também prioriza a adopção de políticas públicas que permitam mais igualdade de oportunidades e condições a todos os cidadãos. Assim, na maior parte dos governos de esquerda, as políticas aplicadas levam em consideração o interesse colectivo como prioridade em relação aos interesses individuais. A esquerda também costuma defender mais regulamentação das políticas económicas por parte do Estado, como uma forma de garantir que a liberdade das decisões económicas seja limitada. Essa medida pode ser usada para garantir que interesses económicos não se sobreponham a interesses sociais.

<sup>31</sup> De acordo com Pizarro (1996), na Colômbia, por exemplo, os terroristas representam a primeira estratégia, onde influenciam a política local e nacional, usando a violência para minar o apoio eleitoral desfrutado por partidos de esquerda, por outro lado, usaram da violência para minar o actual regime político.

Corroborando com os argumentos acima, Falcó-Gimeno et al (2022), defendem que existem duas perspectivas conflitantes sobre porquê, e como o terrorismo pode afectar os incumbentes em momentos eleitorais. Por um lado, a primeira perspectiva defende que a exposição dos eleitores ao terrorismo tornará os eleitores a votar contra os partidos com a ideologia a direita e a segunda perspectiva defende que os eleitores que se encontram expostos aos ataques terroristas são mais propensos a apoiar os partidos com ideologia a esquerda.

Em sua análise Berrebi e Klor (2019), desenvolveram um modelo teórico onde observaram que os níveis de ataques terroristas são baixos em momentos em que os partidos com ideologia a direita estão no poder e aumentam quando os partidos da esquerda estão no poder. Os autores acima (*idem*), testam essa hipótese usando um conjunto de dados sobre ataques terroristas em Israel entre 1990 e 2003. A primeira hipótese é fortemente apoiada por dados seleccionados de pesquisas de opinião pública sobre as preferências políticas do eleitorado israelenses. A segunda hipótese teórica é fortemente apoiada pelos três governos israelenses que estavam no poder durante o poder nos anos (1990 e 2003).

Seguindo os argumentos acima, de acordo com Berrebi e Klor (2019), a literatura<sup>32</sup> existente sugere que os ataques terroristas punem os incumbentes, independentemente de sua orientação política durante o tempo em que ocorrem ataques terroristas. Nisso, de acordo com Vasilopoulos (2018), o medo gerado pelos ataques terroristas tem impacto em todos os níveis da sociedade, e de forma específica os escritos que existem sobre esse fenómeno mostram as consequências no comportamento eleitoral. Na expectativa de Pape (2003), na ameaça de um ataque terrorista, os eleitores votam em partidos que apresentam uma política de segurança mais robusta para os cidadãos. Por isso, os partidos políticos acreditam que a primazia em seus manifestos políticos em questões de segurança para fazer face ao terrorismo e acreditam que podem beneficiá-los eleitoralmente e, portanto, têm incentivos para tornar o terrorismo proeminente em sua agenda.

De acordo com Lago e Montero (2016), as análises feitas pelos cientistas políticos europeus encontraram nos atentados de 2004 em Madri, um exemplo de estudo de caso adequado, já que esses ataques ocorreram poucos dias antes das eleições Gerais. Os ataques terroristas afectaram a escolha dos eleitores Espanhóis na mudança de votos de alguns eleitores para oposição em

---

<sup>32</sup> Dentre os vários estudos que existem sobre a vitória dos partidos com uma ideologia a direita após os ataques terroristas podemos destacar os estudos de Lago e Montero (2006); Fielding e Penny (2006); Ludvigsen (2005); Shambaugh e Josiger (2004); Abadie 2006; Jackson e Reiter (2007).

busca de paz e segurança, o que levou à vitória inesperada do partido socialista nessas eleições. Ainda na lógica dos argumentos acima, segundo Kibris (2011), analisando o impacto dos ataques terroristas<sup>33</sup> no comportamento eleitoral na Turquia nas eleições gerais de (1991 e 1995), mostrou que os resultados indicaram que os eleitores turcos são altamente sensíveis aos ataques terroristas o que na altura levou a um aumento dos votos para os partidos políticos direitistas que são menos concessionistas em relação à causa da organização terrorista em comparação com os partidos políticos da esquerda. Por sua vez Berrebi e Klor 2006:

“os ataques terroristas em Israel entre (1990 e 2003), desenvolveram um modelo teórico para analisar o comportamento eleitoral em um Estado sob os ataques terroristas. O modelo proposto analisou o impacto dos ataques terroristas e seus resultados eleitorais. Primeiro, assumindo que os partidos da ideologia da direita são menos concessionários em comparação aos partidos de esquerda, e o apoio relativo aos partidos da direita deverá aumentar após períodos de elevados índices de ataques terroristas. Em segundo lugar, os níveis de ataques terroristas são maiores quando os partidos com ideologias a esquerda estão no poder” (BERREBI E KLOR, 2006, p.34).

Em seu estudo Falcó-Gimeno et al. (2022), indicam que, em média, a exposição ao terrorismo tende a prejudicar os incumbentes, ou seja, o apoio eleitoral aos incumbentes diminui mais em distritos expostos aos ataques terroristas, tendo como consequência a diminuição do número de votos aos incumbentes em cerca de 0,3%, o que é um efeito bastante substancial para um único ataque. Em média, portanto, observamos que a lógica de votação retrospectiva tende a prevalecer.

Corroborando com esse argumento Berrebi e Klor defendem que:

“à ocorrência de ataques terroristas em uma determinada área três meses antes da realização das eleições provoca um aumento de cerca de 1,35% da saída do partido com a ideologia da direita. Este efeito é de grande magnitude política, pois o eleitorado acredita que votando em partidos com uma ideologia da esquerda podem criar mecanismos para o combate ao terrorismo” (BERREBI E KLOR, 2019, p.13).

E por sua vez, Kiewt (1981) e Powell e Whitten (1993), usando uma teoria econométrica em seu estudo, advogam que o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral provoca um aumento do apoio aos partidos de direita. Ou seja, para estes autores (*idem*), o terrorismo afecta

---

<sup>33</sup> Para Kibris (2011), essas eleições tiveram lugar em um momento de elevados ataques terroristas protagonizados pelo grupo terrorista denominado Partiya Karkaren Kurdistan (PKK), que é uma organização terrorista separatista étnica Kurda que vem conduzindo ataques armados desde Agosto de 1984. Esta organização foi fundada com o objetivo de estabelecer-se como uma organização político independente no sudeste da Turquia.

a mobilização do eleitorado obrigando os eleitores a fazer uma análise de custo e benefício do seu voto e quando essa análise assume actos de votação os partidos a esquerda tendem a angariar votos para ascender ao poder em relação aos partidos com uma ideologia a direita.

Bouoiyour e Selmi (2018), com base em resultados obtidos<sup>34</sup>, em uma análise feita em uma distribuição de inquéritos para medir os níveis de confiança que os eleitores tinham em relação ao partido no qual os mesmos votariam, os autores concluíram que os eleitores tiveram opiniões divergentes sobre qual partido lidaria melhor com o terrorismo, ou seja, verificava-se uma grande divisão dentro do eleitorado britânico em relação ao partido que depositariam seu voto nas eleições de 08 Junho do mesmo ano. Portanto para Bouoiyour e Selmi (2018):

“o terrorismo exerce um impacto significativo no comportamento eleitoral, ou seja, os ataques terroristas trazem informações ao eleitorado, isto é, os ataques terroristas tendem a persuadir o eleitorado que os partidos a esquerda ou moderados são incapazes de lidar efectivamente com o terrorismo e preocupação com a segurança. As mortes por ataques de terrorismo levam a um aumento do apoio aos partidos da direita. Essa conclusão corrobora com a hipótese segundo a qual os regimes democráticos são susceptíveis a serem os maiores alvos de organizações terroristas” (BOUOIYOUR E SELMI, 2018, p.90).

E por sua vez, em seu estudo realizado no Perú, Guilmartin (2004), usando os dados das eleições presidências entre o período de (1985 e 1997), que deixaram mais de 25 milhões de pessoas mortas, advoga que os resultados sugerem que níveis mais altos de ataques terroristas prejudicaram os partidos da esquerda, não necessariamente os partidos da direita, pelo facto dos eleitores esperarem que os governos de direita lidem melhor com os ataques terroristas em geral e, portanto, são mais favoráveis aos seus esforços para lidar melhor com questões de segurança contra o terrorismo.

Corroborando os argumentos acima, Gassebner et al. (2008), examinaram a relação que existe entre os ataques terroristas e a prestação de contas usando um conjunto de dados de painel eleitoral contendo mais de 800 eleições realizadas em 115 países ao longo do período entre 1968-2002. Argumentando que os actos de terrorismo possuem um efeito positivo robusto

---

<sup>34</sup>De acordo Bouoiyour e Selmi (2018), após os ataques em Manchester ocorridos no dia 22 de Maio de 2017, e na London Bridge no dia 08 de Maio do mesmo ano, muitos eleitores defenderam que questões de segurança foram as principais questões que determinariam como eles iriam votar. Ou seja, para os autores acima (*idem*), os ataques a London Bridge e em Manchester no show da Ariana Grande, mexeu com o psicológico dos eleitores britânicos. Este efeito foi mais saliente na Inglaterra com os ataques que tiveram lugar um mês antes das eleições o que contribui em cerca de 0.96% de aumento do apoio ao partido trabalhista em relação ao partidador conservador nas eleições parlamentares realizadas em 2018 naquele país.

sobre a probabilidade de que o partido no poder seja substituído, e a magnitude do efeito aumenta com a gravidade do ataque terrorista. E por sua vez, Kalyyas (2006), advoga que nesse tipo de ambiente caracterizado por elevados ataques terroristas, os partidos políticos retiram-se temporariamente de participar do cenário político como um mecanismo para proteger seus eleitores; como resultado, a competição política será muito baixa e quase não haverá esforços de mobilização eleitoral.

#### **2.4.Terrorismo Vs comportamento eleitoral o caso africano**

De acordo com Blattman (2009), o continente africano tem boa parte da sua história moderna marcada por conflitos de várias naturezas, mas com destaque, a partir do período das lutas de libertação e depois das independências e tentativas de construção dos Estados soberanos. Muitos destes conflitos tiveram e continuam tendo um cariz étnico, político e económico e resultaram inclusive na divisão de Estados, tentativas de reparação de fronteiras, altos danos humanos e financeiros. Os conflitos na República Democrática do Congo, opondo grupos étnicos, milícias privadas e Governo por recursos naturais e, muitas vezes, envolvendo interesses de grandes conglomerados financeiros internacionais, são dos mais extensivos e aglomeradores desta grossa lista.

A literatura sobre o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral encontra-se em sua fase embrionária, e a análise desse fenómeno divide-se em dois grupos. O primeiro grupo concentra-se nos incentivos e motivos que os terroristas usam da violência estrategicamente, a fim de minar a participação eleitoral nos processos eleitorais, prejudicando assim o decorrer do processo eleitoral, (Adejumobi 2000; Giles 2004; Basuchoudhary et al. 2010; Kerr 2013; e Kasara 2014). O segundo grupo concentra-se em factores estruturais ou facilitadores que tornam alguns países mais susceptíveis ao terrorismo do que outros (Keefer 2005; Robinson 2009; Linebarger e Salehyan, 2012). De salientar que só recentemente alguns teóricos tentaram explicar o comportamento eleitoral integrando as duas abordagens (Hafner-Burton et al. 2014; Fjelde e Hoglund, 2015).

Grande parte da pesquisa sobre esse assunto é de natureza descritiva ou limitada a um pequeno número de países, mas geralmente apoia a noção de que os ataques terroristas são geralmente projectados para influenciar os resultados das eleições intimidando os eleitores e seus candidatos de participar no processo eleitoral, ou seja é uma estratégia que os mesmos usam para influenciar os resultados das eleições em regimes onde instituições são novas ou

relativamente fracas. (Chaturvedi, 2005; Klopp e Zuern 2007; Mueller 2008; Boone 2011; Dunning, 2011; Salehyan e Linebarger, 2015).

De acordo com Sesan (2015), o terrorismo desencoraja a participação dos cidadãos nos processos políticos. O impacto deste fenómeno para comportamento eleitoral, em um dos seus estudos o autor acima analisou o nível de abstenção eleitoral nas eleições de 2015 na Nigéria onde constatou que dos 70 milhões dos eleitores inscritos cerca de 35% dos eleitores e que participaram nas eleições devido ao medo da violência eleitoral. Ou seja, para Kasara (2014).

“os ataques terroristas têm impacto negativo para o eleitorado e para as eleições, a autora constatou esse fenómeno que deslocou centenas de milhares, daqueles que se oponham ao presidente Mohammed Bedjaoui, na Argélia em 2007, os tornando incapazes de votar, contribuiu bastante para a vitória de Mourad Medelci. Os ataques terroristas ainda são um dos maiores obstáculos para a consolidação democrática dos países africanos pelo facto deste fenómeno exercer uma influência considerável no comportamento dos eleitores, pois esse fenómeno mina aquelas que são as escolhas políticas dos eleitores” (KASARA, 2014, p.99).

### **2.2.3. Entendendo a génese do terrorismo a partir de Montepuez**

Para o caso do distrito de Montepuez, de acordo com Forquilha e Pereira (2020), em Janeiro de 2018, circulou o primeiro que vídeo mostra seis jovens que, empunhando armas de fogo de tipo AK-47, com rostos semicobertos e fazendo referência ao ataque a Mocímboa da Praia, apelavam aos Moçambicanos que se juntassem-se ao grupo para lutar contra Satanás, que, no seu entender, colocava em risco os ensinamentos de Allah. Ainda neste debate, importa referir que segundo a Televisão de Moçambique (2018), três meses depois, numa matéria intitulada *Terrorismo em Palma: Dez pessoas foram decapitadas no posto administrativo de Ulombe*, exibiu o vídeo acima mencionado no seu telejornal do dia 30 de Maio de 2018, referindo que o grupo que tinha atacado Mocímboa da Praia em Outubro de 2017 já tinha reivindicado o ataque através da gravação do vídeo.

Continuando com os argumentos acima enunciados, a plataforma Cabo Ligado (2023), defendia que os terroristas atacaram um autocarro no distrito de Montepuez enquanto passava pela aldeia de Nicocue a 21 de Fevereiro. O autocarro era alugado por uma mineradora, e todos os passageiros conseguiram escapar ilesos, mas o autocarro foi incendiado, e a foto foi publicada nas redes sociais do Estado Islâmico (EI). Em geral para a OIM (2023), a actividade terrorista em Montepuez continua a causar grande deslocamento. Dados da Organização Internacional para Migração mostram que 92% de todos os deslocados de 15 a 21 de Fevereiro

de 2023 eram de Montepuez. A grande maioria deles, 2.793, permaneceu no distrito de Montepuez. Quando combinados com dados de deslocação no início do mês, a OIM registou 11.130 pessoas deslocadas no distrito devido aos ataques ou medo de ataques em Fevereiro.

De acordo com a plataforma Cabo Ligado (2023), os ataques terroristas em Montepuez levaram ao deslocamento de mais de onze mil (11.000) pessoas. No dia 4 de Fevereiro de 2019, os terroristas queimaram casas, e embora nenhuma vítima tenha sido relatada após o ataque, o medo de novos ataques resultou na fuga de mais de três mil e trezentas (3.300) pessoas em Montepuez. Corroborando com os elementos acima, para a Organização Internacional para as Migrações (2023), foi realizado um ataque terrorista a uma base das Forças de Defesa e Segurança (FDS) no distrito de Montepuez no dia 12 de Fevereiro que resultou em cinco mortes confirmadas e relatadas entre os soldados, e no deslocamento de cinco mil (5.000) pessoas em Montepuez. Ainda segundo a OIM (2023), outras duas mil e setecentas e noventa e três (2.793) pessoas foram registadas como deslocados na semana seguinte devido aos ataques terroristas. Conforme podemos verificar no excerto abaixo que:

“os terroristas dividiram-se em três grupos principais de combate que realizaram ataques simultâneos a 4 de Fevereiro nos distritos de Mueda, Montepuez e Meluco. Os ataques tiveram aparentemente a intenção de cortar as duas principais estradas que ligam o norte e o sul da província de Cabo Delgado, e ocorreram precisamente quando o director executivo da Total Energies, Patrick Pouyanné, visitava a região. Nesse dia, 4 de Fevereiro, mais de 100 km ao sul pela R698, outro grupo entrou na aldeia de Namoro, no distrito de Montepuez, queimando casas e edifícios. Não foram relatadas quaisquer vítimas. Este ataque foi provavelmente cometido pelo mesmo grupo que comprou mantimentos em Ravia no dia 29 de Janeiro, onde afirmaram vir em paz, mas no dia seguinte entraram em confronto com a milícia local de Naparama, matando cinco deles” (CABO LIGADO, 2023, p. 4).

Após alguns dias de intensos ataques terroristas que coincidiram com a visita do director executivo da TOTAL Energies, Patrick Pouyanné, a Cabo Delgado, a frequência dos ataques terroristas teve uma diminuição. E o evento mais significativo foi registado em Nairoto, distrito de Montepuez, onde um grande grupo de pelo menos 30 terroristas, atacou por volta da meia-noite entre os dias 12 e 13 de Fevereiro, matando cinco membros das forças de segurança. A administradora do distrito, Isaura Máquina, confirmou que nenhuma infraestrutura civil foi alvo do ataque, (CABO LIGADO 2023, p.1).

Fazendo uma excursão sobre o estágio actual do conflito nos primeiros meses de 2023, o relatório da plataforma Cabo Ligado (2023), argumentava que de Abril a Maio de 2023, foram registados 53 eventos de violência política e 109 mortes, onde 75% desses eventos e 90% das mortes ocorreram em Janeiro e Abril. Para além de terem diminuído ao longo do período<sup>35</sup>, os eventos concentraram-se geograficamente mais no distrito de Muidumbe, e territorialmente nos distritos vizinhos de Mocímboa da Praia, Macomia e Meluco. Com efeito, em Maio, apenas três eventos de violência política foram registados na província, todos eles em Muidumbe. As margens do rio Messalo, que atravessa este território, são há alguns anos o santuário de eleição dos insurgentes. As únicas excepções foram em Fevereiro, quando os insurgentes se envolveram em quatro confrontos no distrito de Montepuez, e quando um suposto insurgente foi morto no distrito de Ancuabe, no sul e:

“mais ao leste, e sudeste do distrito de Mocímboa da Praia, os insurgentes realizaram quatro ataques contra civis, supostamente matando oito pessoas e não encontrando resposta das FADM ou das tropas ruandesas estacionadas no distrito. Finalmente no mês de Maio, a onda de ataques insurgentes pelos distritos de Chiúre, Namuno, Balama e Montepuez, iniciada em Abril, começou a desvanecer-se. Em 10 incidentes de violência política organizada nesses distritos em Novembro, a única resistência foi apresentada pela emergente milícia Naparama, cinco das quais foram decapitadas no distrito de Montepuez” (CABOLIGADO, 2020, p.2).

Ainda segundo a plataforma acima (*idem*), os ataques insurgentes à mina Gemrock na fronteira entre Ancuabe e Montepuez atraiu a maior atenção. Onde cerca de 20 homens armados, que se acredita terem sido responsáveis pelos ataques em Mesa nos dias anteriores, se aproximaram do acampamento e começaram a disparar as suas armas. O local foi rapidamente evacuado de todo o pessoal, deixando os insurgentes livres para destruir pelo menos uma dúzia de veículos, equipamento mineiro, geradores e acomodações, cujas fotos apareceram nas mídias sociais. A mina de rubi Montepuez, de propriedade da Gemfields, a 10 km de distância, também foi prontamente evacuada. As FDS chegaram rapidamente para proteger os dois locais e não foram relatadas quaisquer vítimas no ataque.

---

<sup>35</sup> Importa referir que segundo a plataforma CaboLigado (2023), após meses de relativa paz em Cabo Delgado, no mês de Julho e inícios do mês de Agosto, assistiu-se um aumento dos ataques terroristas, com os terroristas a atacarem duas aldeias no distrito de Mocímboa da Praia e emboscarem uma patrulha das forças de segurança em Cobre, perto da costa de Macomia, matando pelo menos 10 soldados. O incidente do Cobre, que começou a 30 de Junho, representou a maior perda de vidas para as forças de segurança em Cabo Delgado desde que um ataque insurgente à aldeia de Mandava, no distrito de Muidumbe, a 29 de Abril, matou cinco soldados.

### **2.2.6. Quadro teórico**

De acordo com De Brito (1995), o voto nunca é determinado por um factor isolado, mas sempre por interacção de múltiplos factores de diversa ordem, que só é possível separar em termos de análise. Para fins desta pesquisa mobilizou-se duas abordagens para a compreensão do impacto do terrorismo no comportamento eleitoral: o traumatismo histórico e a teoria de escolha racional.

### **2.2.7. Traumatismo Histórico**

De acordo com Huckfeldt (1979); MacKuen e Marrom (1987); Mondak et al. (1996); Corder e Wolbrecht (2006), existem ambientes e/ou contextos políticos que afectam o comportamento eleitoral, pois contribuem para definir as oportunidades e limitações que os eleitores enfrentam ao tomar decisões políticas. Como resultado, o comportamento eleitoral não pode ser explicado com base e exclusivamente em características individuais, mas devem ser entendidos em termos de relação que se estabelece entre os eleitores e o seu respectivo contexto para a tomada de decisão.

De acordo com Limeira e Maia (2010), por comportamento eleitoral entende-se como um processo social que se desenvolve ao longo do tempo e, que se desdobra em três fases<sup>36</sup>, sendo que cada uma dessas fases sofre influências da comunicação política transmitida pela imprensa ou propaganda eleitoral ou ainda por meio das interacções sociais. Ou, ainda, para Limeira e Maia (2010), o comportamento eleitoral pode se expressar de diversas formas: pode ser pelas opiniões declaradas, pelas actividades individuais do dia-a-dia de carácter público ou privado e, ainda, pelas actividades colectivas.

De forma particular, de acordo com Fassim e Rechtman (2009), o traumatismo histórico surgiu durante uma era de grandes mudanças nas percepções públicas sobre o trauma, ou seja, a ascensão global de uma nova condição de vitimização estabelecida pelo conceito de trauma. Argumentam os autores que o trauma passou a servir como um dos modos dominantes de representar nosso relacionamento com o passado.

---

<sup>36</sup> Segundo Huckfeldt (1986); Huckfeldt e Sprague (1987); Limeira e Maia (2010) o comportamento eleitoral comporta três etapas interdependentes que devem ser consideradas para a análise dos fenómenos sociais: a primeira etapa que está ligada ao processo de formação de opinião sobre o processo político no seu todo e em particular quando o eleitor obtém às informações sobre os candidatos; a segunda etapa compreende o processo de formulação de decisão sobre quem votar e como votar; e a terceira etapa é o acto de votar.

Nesta pesquisa iremos optar pelo uso do traumatismo histórico. Por este ser uma teoria emergente da psicologia, que se referindo-se ao dano emocional cumulativo de um indivíduo ou um grupo causado por uma experiência ou evento traumático. Usado pela primeira vez pela assistente social e especialista em saúde mental Maria Yellow Horse Brave Heart na década de 1980 em Lokota. Maria Yellow Horse Brave Heart cunhou pela primeira vez o termo Indigenous Historical Trauma (IHT), na década de 1990, para caracterizar o legado psicossocial da colonização europeia nas comunidades indígenas norte-americanas. A partir disso, “desenvolveu-se o conceito mais amplo de Trauma Histórico, que ganhou espaço nas literaturas das ciências da saúde e sociais nas duas primeiras décadas do século XXI” (CAMPBELL, 2008, p.90).

O traumatismo histórico refere-se a um trauma complexo e colectivo vivenciado ao longo do tempo e através de gerações por um grupo de pessoas que compartilham de uma mesma identidade, afiliação ou circunstância (Brave Heart & De Bruyn, 1998; Crawford, 2013; Evans-Campbell, 2008; Gone, 2013). Embora o traumatismo histórico tenha sido originalmente usado pela primeira vez para descrever a experiência das crianças de sobreviventes do Holocausto Kellermann (2001), nas últimas duas décadas, o termo tem sido aplicado a numerosos grupos que compartilham uma história de opressão, vitimização ou exposição maciça a um trauma em grupo (Baker e Gippenreiter, 1998; Campbell e Evans-Campbell, 2011; Daud, Skoglund, Rydelius, 2005; Karenian et al., 2011; Sotero, 2006; Wexler, Di Fluvio e Burke, 2009). Por isso que para Fassim e Rechtman (2009):

“nas últimas décadas, as percepções públicas de sofrimento psicológico após experiências violentas ou traumáticas mudaram do ceticismo para uma maior compaixão e, muitas vezes, apoiam pedidos de reparação. Essas percepções mutáveis não são explicadas pelo progresso científico em psiquiatria e psicologia tanto quanto pela história social e política” (FASSIM e RECHTMAN 2009, p. 15).

O termo foi aplicado a numerosos grupos ou comunidades que compartilham uma história de opressão, vitimização ou exposição maciça a traumas. Estudiosos de várias áreas descreveram o aspecto geracional do traumatismo histórico “como transgeracional, intergeracional, multigeracional e introduziram conceitos, como alma ferida, síndrome de escravidão pós-traumática para capturar a experiências coletivas de trauma por grupos culturais específicos ao longo das gerações” (KELLERMANN, 2001, p.78). Ainda nesse argumento segundo Gone (1999):

“apesar da multiplicidade de termos, o traumatismo histórico pode ser entendido como consistindo dois elementos importantes: o primeiro elemento está ligado ao trauma, que é compartilhado por um grupo de pessoas, não experiência individual e o segundo o trauma que se estende por várias gerações, de tal forma que membros do grupo afetado podem apresentar sintomas relacionados ao trauma sem ter estado presente no (s) evento (s) traumatizante (s) passado (s)” (GONE et al. 1999, p.67).

De acordo com Prussing (2011), tais análises não visam minimizar as experiências de sofrimento pós-traumático como se fossem meramente construídas, mas sim destacar que o sofrimento é sempre apreendido por meio de enquadramentos historicamente situados e culturalmente moldados que fornecem representações incompletas de experiências vividas e complexas. Ao fazê-lo, eles destacam especificamente a necessidade de exames reflexivos e críticos de como os pesquisadores em medicina e psicologia compreendem essas experiências.

A teoria acima mobilizada, possui critérios para a compreensão do objecto que pretende ser alvo de análise. Essa situação decorre devido aos traumas percebidos por parte dos eleitores que foram vítimas deste fenómeno. Assim, o quadro teórico que acabamos de apresentar permiti-nos perceber que os eleitores que sofreram ou presenciaram os ataques terroristas, podem abster-se de participar do processo eleitoral devido ao medo e o receio que os mesmos tiveram de ser alvos da violência causada pelo terrorismo. Adicionalmente, de forma hipotética advoga-se que os eleitores que sofreram ou presenciaram actos terroristas podem ter duas opções em mãos que são: Apresentar alguma tendência de abster-se do processo eleitoral, e por fim podem também apresentar tendências de mudar seu sentido do voto, ou seja, votar em partido que não seja o seu partido com o objectivo de punir o partido que não consegue responder as exigências para poder estancar o terrorismo.

### **2.2.8. Teoria de escolha racional**

A obra “an Economic Theory of Democracy”, da autoria de Downs (1999), é uma das obras que explorou e aplicou a teoria da escolha racional na ciência política. A teoria propõe a explicação do comportamento social e político partindo do pressuposto segundo o qual as pessoas (eleitores e partidos), são racionais e agem intencionalmente, calculando os custos e os benefícios de cada acção antes de decidirem, maximizando seus ganhos. Ainda de acordo com o autor acima Downs (*idem*), todos os que tomam decisões racionalmente no modelo proposto, incluindo (*Partidos Políticos, Grupos de Interesse e Governos*) possuem as mesmas qualidades. Ou seja, um homem racional, portanto, sempre opta pela alternativa que lhe proporciona maior utilidade.

Neste contexto, a esfera da política é visualizada como um mercado político, onde os políticos tentam vender seus produtos e os cidadãos assumem o papel de consumidores, “que vão escolher aqueles produtos que melhor diminuem seus custos e maximizem ou otimizem seus ganhos” (DOWNS 1999, p. 68).

No mesmo argumento, Oliveira (2012) demonstra que a teoria da escolha racional sobre o comportamento eleitoral foi desenvolvida com base nos estudos da economia política de Arrow (1963)<sup>37</sup>na qual enfatiza que argumentos económicos são relacionados com uma escolha ou resultado. Presumiu-se de acordo com Arrow (*idem*) *apud* Oliveira (2012, p.24), que se as hipóteses da escolha racional são capazes de explicar o funcionamento do mercado, podem igualmente explicar o funcionamento político. Logo por um lado, enquanto os consumidores estão para as empresas, os votantes estão para os partidos políticos.

“os consumidores procuram maximizar a utilidade, as empresas o lucro, e os eleitores estão em busca da maximização da utilidade de seu voto e os partidos buscam alavancar os ganhos eleitorais. Os políticos agem motivados pela busca de prestígio, poder e renda, desenvolvendo para este fim, acções que visam à maximização de seu apoio, promovendo políticas orientadas para esta finalidade. Esta hipótese é demonstrada quando os governos conquistam votos ao aumentar os gastos públicos, porém, perdem quando elevam os impostos” (DOWNS, 1999, p. 71).

Segundo Figueiredo (2008) *apud* Oliveira (2012), o *Homus politicus* da teoria downsiana é racional, e procura sempre minimizar os efeitos da condição de incerteza da vida política movido por razões egoístas. Assim, a maior parte dos eleitores é composta por esta concepção do *Homus politicus*. Mas são irrelevantes como sustenta Downs, as características psicológicas que os eleitores possuem, embora o autor não o considere uma “máquina calculista” como na concepção dos *Homus económicos* presente nas teorias utilitaristas.

Um indivíduo racional para Downs (1999, p. 28) se comporta da seguinte forma:

- ✓ Ele sempre pode tomar uma decisão quando confrontado com uma série de alternativas;
- ✓ Ele classifica todas as alternativas na ordem de sua preferência;
- ✓ Seu ranking de preferência é transitivo;
- ✓ Ele sempre escolhe entre todas as alternativas possíveis, aquela que fica em primeiro lugar no ranking ordenado de preferência;

---

<sup>37</sup> Mais detalhes, veja em: ARROWS, Kenneth. Social choice and individual values. New Haven: Yale University Press, 1963.

✓ Ele sempre toma a mesma decisão quando é confrontado com as mesmas alternativas.

Para Downs (1999), todos os que tomam decisões racionalmente no modelo proposto, incluindo (partidos políticos, grupos de interesse e governos) possuem as mesmas qualidades. Um homem racional, portanto, sempre opta pela alternativa que lhe proporciona maior utilidade. Assim, um eleitor ao agir racionalmente leva em consideração os benefícios esperados resultantes da actividade governamental para escolher o candidato ou partido que lhe trará a maior utilidade ou opta por abster-se de votar. Para decidir se vai participar ou não da eleição, o eleitor realiza um cálculo que inclui a tarefa de escolher um candidato, os custos referentes ao deslocamento e as possíveis vantagens que podem ser obtidas caso decida votar. Se tais benefícios esperados superarem os custos, o eleitor participa da eleição.

Uma vez descartada a opção de que os terroristas são “malucos”, o questionamento que se segue é sobre a racionalidade do terrorista. A teoria da escolha racional assume que a acção terrorista deriva de uma decisão consciente, racional, calculada, de optar por esta estratégia como a melhor forma para o alcance de um objectivo sociopolítico (Victoroff, 2005, P. 14, *Apud* Sandler et al., 1983; Sandler and Lapan, 1988 Crenshaw 1992; Wilson 2000).

Podemos perceber que esta teoria é aplicada na presente pesquisa, no caso de um ataque terrorista, por exemplo, o seu fundamento é de coagir, ou compelir certo governo a tomar uma decisão ou mudar uma política, alguns casos, até de rebelar a população contra o seu governo por atestar a incapacidade deste em proteger os seus cidadãos. Para isso, o terrorista sabe que um atacante disposto a morrer é mais provável de completar a sua missão e causar o maior dano possível, é mais fácil de se infiltrar no meio de alvos muito bem guarnecidos, não precisa de um plano de fuga, o impacto sobre as vítimas, bem como a publicitação da causa são maiores. Portanto, há claramente um cálculo de custo-benefício meticulosamente feito pelo terrorista para o sucesso da sua acção, que justifica, não só o recurso à violência, como também a opção pelo martírio em forma de suicídio.

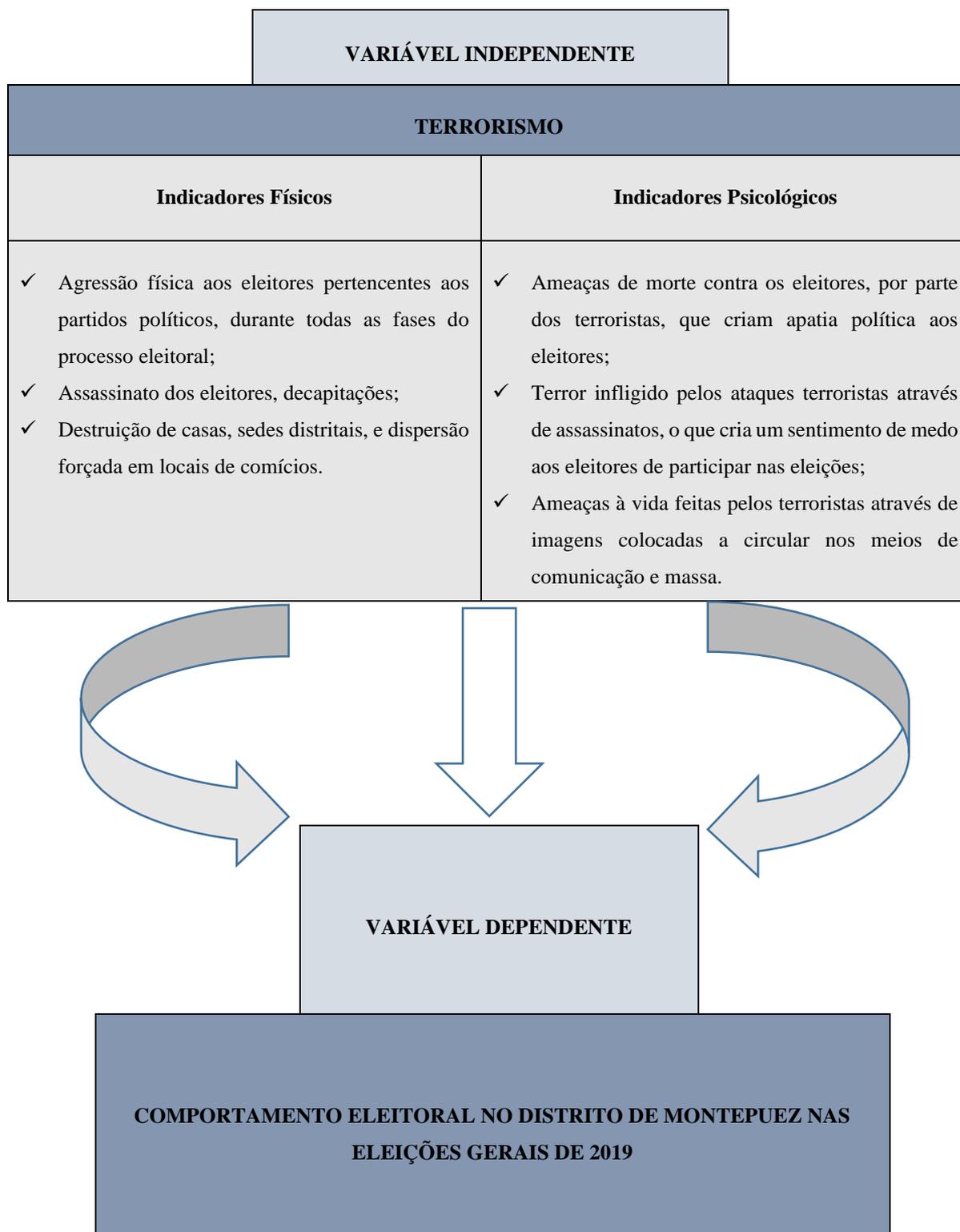
Em termos práticos quanto a interacção entre os eleitores e a teoria de escolha racional podemos perceber que os eleitores buscam maximizar seu rendimento com referência a um conjunto de objectivos definidos por uma função de preferência dada e que, ao fazê-lo, eles adoptam um comportamento estratégico, vale dizer, que eles examinam todas as escolhas possíveis para seleccionar aquelas que oferecem o máximo benefício. Para decidir se vão participar ou não das eleições, os eleitores fazem o cálculo que inclui a tarefa de escolher os custos referentes ao

deslocamento e as possíveis vantagens ou consequências que podem ser obtidas caso decida votar. Se tais benefícios esperados superarem os custos, o eleitor participa da eleição e se o mesmo eleitor se sente ameaçado pelos ataques terroristas abstêm-se do processo eleitoral.

### **2.2.9. Modelo de Análise**

Esta pesquisa visa essencialmente analisar o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral no distrito de Montepuez no período de 2019. Neste sentido, considerou-se como variável dependente o comportamento eleitoral olhando de forma específica para a participação eleitoral e a variável independente temos o terrorismo.

**Figura 1: Modelo de análise**



**Fonte: Elaborado pelo autor.**

### **2.2.10. Operacionalização das Variáveis**

A presente pesquisa visa essencialmente analisar o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral, em todas as fases processo eleitoral no distrito de Montepuez nas eleições Gerais de 2019. Neste sentido, considerou-se dois tipos de variáveis. Por um lado, temos como variável dependente o comportamento eleitoral, de forma específica olhámos para a participação eleitoral no distrito de Montepuez nas eleições Gerais de 2019, e por outro lado, temos como variável independente o terrorismo no mesmo distrito.

Associando estas variáveis com a teoria usada neste estudo, pode constatar-se que existem elementos que perfazem as duas variáveis como as questões ligadas aos indicadores físicos da variável independente que se manifestam nos actos de (agressão física aos eleitores pertencentes aos partidos, durante todas as fases decorrentes do processo eleitoral; assassinato de eleitores; decapitações; e dispersão forçada em locais de comícios). E, por fim os indicadores psicológicos que são manifestos em (ameaças contra os eleitores por parte dos terroristas, que criam apatia política aos eleitores; terror infligido pelos ataques terroristas através de assassinatos, o que cria um sentimento de medo aos eleitores de participar nas eleições; ameaças à vida através de mensagens e vídeos transmitidos pelos meios de comunicação e massa). Assim, os indicadores que concorrem para explicar o comportamento eleitoral no distrito de Montepuez, os mais visíveis são os que compõem o leque da variável independente acima explicitas e que se manifestam nos actos ou ameaças físicas, psicológicas destinados a intimidar, prejudicar, chantagear os eleitores antes, durante e após uma eleição com o objectivo de determinar, adiar ou influenciar de outra maneira o processo eleitoral.

E não perdendo de vista a nossa variável dependente onde dentro desta encontramos ramificações importantíssimas para compreender o comportamento eleitoral dos eleitores no distrito de Montepuez, a destacar: As acções não oficiais que geram medo nas pessoas, que podem ser um produto de violência física, isso inclui ameaças às forças do Estado pelas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Chama-se atenção que o comportamento eleitoral no distrito de Montepuez, pode ser resultado da combinação múltipla de factores. Mas, ao nosso entender e de forma hipotética, considera-se que a estrutura dos ataques terroristas e suas nuances é o factor que se enquadra no nosso estudo para explicar o comportamento eleitoral no distrito de Montepuez para as eleições Gerais de 2019.

### **3. Metodologia**

#### **3.3.1. Classificação da pesquisa**

Classificamos a presente pesquisa de básica. De acordo com Andrade (2006, p.129), tal pesquisa é aquela que está virada para a produção de novos conhecimentos, com vista a enriquecer o já existente, pelo que não possui nenhum interesse em resolver algum problema na realidade sobre a qual incide. Optamos por este tipo de pesquisa, pois buscamos analisar o comportamento eleitoral a partir de novas variáveis<sup>38</sup>, o que vai enriquecer o debate realizado em torno desse fenómeno em Moçambique.

#### **3.3.2. Quanto aos objectivos**

Sob ponto de vista dos objectivos delineados, a presente pesquisa assume o carácter explicativo. Este tipo de pesquisa tem como preocupação central identificar os factores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenómenos, isto é, visa explicar o porquê da ocorrência de um determinado fenómeno, (MARCONI E LAKATOS, 2019, p.89). Igualmente a presente pesquisa visa explicar o problema relacionado com o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral nas eleições Gerais de 2019, no distrito de Montepuez.

#### **3.3.3. Quanto à abordagem**

Adoptamos, para a realização do presente estudo, uma abordagem meramente qualitativa Segundo Gil (2008), a abordagem qualitativa consiste em buscar retratar os fenómenos sociais do ponto de vista da sua complexidade, incidindo sobre a forma como os actores interpretam a realidade em seu redor, pelo que se interessa pelos significados, representações sociais, visões do mundo, motivações. A partir do fenómeno terrorismo, circunscrevemo-nos na busca da compreensão dos factores que motivaram a subida da abstenção em Montepuez, no sentido de compreender como é que estes factores se materializaram nas eleições daquele ano, e influenciaram na abstenção.

---

<sup>38</sup> Para o nosso estudo, procurámos analisar o comportamento eleitoral influenciado pelo terrorismo. Esta inquietação decorre pelo facto de se verificar, que os eleitores vítimas dos ataques terroristas distritos analisados apresentaram resultados eleitorais totalmente diferentes ou seja o terrorismo no distrito de Montepuez não foi só evidente como também foi notório o impacto que este fenómeno teve no comportamento eleitoral.

### **3.3.4. MÉTODOS DE PESQUISA**

#### **3.3.5. Método de abordagem**

Como método de abordagem, escolhemos o hipotético-dedutivo, que segundo Marconi e Lakatos (2019), se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos acerca da qual são formuladas hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, é testada a predição da ocorrência de fenómenos abrangidos pela hipótese. Optamos por este método pelo facto de ter partido de um estudo realizado sobre o voto em Montepuez para definir a hipótese relacionada com o comportamento eleitoral, com a perspectiva de testar dedutivamente com base em dados obtidos empiricamente. Este método, de acordo com Oliveira (2007, p. 51), foi desenvolvido por Karl Popper (1975), a partir da crítica que fez ao método indutivo, por acreditar que a indução não se justifica, visto que as observações de factos isolados devem levar ao infinito, o que não é possível.

#### **3.3.6. Método de procedimento**

Optou-se pelo método de estudo de caso, que de acordo com Marconi e Lakatos (2019), e consiste no aprofundamento de um ou poucos casos, de maneira que permita o seu conhecimento amplo e detalhado. Assim, o estudo de caso incidiu sobre o distrito de Montepuez. O impacto do terrorismo no comportamento eleitoral em Montepuez pode não ser generalizado para todos os distritos do país, devido a certas particularidades, no entanto, um levantamento em profundidade pode trazer uma visão global e abrangente, de modo que resultados destes estudos possam, hipoteticamente, explicar o comportamento eleitoral em outros distritos.

#### **3.3.7. Técnicas de recolha de dados**

Para a recolha de dados, recorreremos a três técnicas: levantamento bibliográfico, entrevistas semi-estruturadas e inquérito por questionário.

#### **3.3.8. Levantamento bibliográfico**

De acordo com Fernandes (2008, p.61), o levantamento bibliográfico consiste no uso de material já publicado, com o objectivo de colocar o pesquisador em contacto directo com todo material disponível já escrito sobre o assunto da pesquisa. Está também permite ao pesquisador ter acesso à informação para revisão da literatura e às contribuições dos diversos autores sobre

assunto em análise, como também permite a cobertura mais ampla do que aquele que poderia pesquisar directamente. Neste estudo, esta técnica centrou-se essencialmente na leitura e análise de informações contidas nos livros, artigos científicos, jornais, e teses e devidamente publicadas.

### **3.3.9. Entrevistas semi-estruturadas ou despadronizada**

De acordo com Gil (2004), a entrevista semiestruturada possibilita a captação de respostas estimulantes em relação aos eleitores, pois os entrevistados sentiam-se abertos para exteriorizar os seus sentimentos e pensamentos. O sentimento de liberdade e abertura dos entrevistados é derivado da própria natureza deste tipo de entrevista, pois possibilita que o diálogo não seja apenas a sucessão de perguntas e respostas que muitas vezes cansa o interlocutor, ou seja, esse tipo de entrevista permitiu uma maior liberdade no desenvolvimento de determinados assuntos julgados pertinentes, por outro, possibilitou o esclarecimento de certas dúvidas aos entrevistados e que de certa forma instigou uma maior colaboração. Mais ainda, foram feitas entrevistas no terreno aos líderes da opinião (chefes de bairro, chefes de quarteirão, autoridade comunitária, chefe de posto administrativo), como forma de captar a partir destes o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral em Montepuez para as eleições Gerais de 2019.

### **3.3.10. Inquérito por questionário**

De acordo com Marconi e Lakatos (2019), o inquérito por questionário consiste em colocar a um conjunto de inqueridos, geralmente representativos de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interessa aos investigadores. O propósito ao realizar este exercício passa por perceber o valor que os eleitores têm sobre o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral desde a campanha eleitoral e na votação.

Os inqueridos foram seleccionados a partir de uma amostragem não probabilística por quotas devido ao seu maior rigor em relação a outros procedimentos de amostragem não probabilística. De acordo com Marconi e Lakatos (2019), esta modalidade passa pela:

- ✓ Classificação da população em função de propriedades tidas como relevantes para o fenómeno a ser estudado;

- ✓ Determinação da população a ser colocada em cada classe, baseando-se na constituição conhecida da população; e,
- ✓ Fixação de cotas para cada entrevistador de seleccionar elementos da população a ser pesquisada.

### 3.3.11. Definição da amostra

- ✓ Um universo “N” de eleitores inscritos correspondentes a 146758 para as eleições Gerais de 2019, no distrito de Montepuez, conforme os dados fornecidos pela (CNE);
- ✓ Um nível de confiança de 95%. Em função deste nível de confiança, usou-se o “z” de 1.96 que é dado pela fórmula da distribuição de Gauss;
- ✓ Uma margem de erro “e” de 5%;
- ✓ Na medida em que se desconhece à proporção que possa sustentar a hipótese deste trabalho, usou-se uma proporção de 0.5;
- ✓ Assim, a fórmula usada para calcular o tamanho da amostra “n” é a seguinte.

**Tabela 1. Sobre a composição da amostra**

$$n = \frac{Zcr^2 * P(1 - P)}{e^2}$$

$$n = \frac{1.96^2 * 0.5(1 - 0.5)}{0.05^2}$$

$$n = \frac{1.96^2 * 0.5 * 0.5}{0.05^2}$$

$$n = 384$$

### 3.3.12. Composição da Amostra

Para composição da amostra que nos vai permitir alcançar os eleitores, foi utilizada uma amostragem probabilística do tipo bola de neve que segundo Tansey, (2007, p.18), consiste em identificar um conjunto inicial de respondentes, que depois de entrevistados são pedidos que indiquem outros potenciais respondentes que tenham exercido e/ou não exercido o seu direito ao voto. Aos que foram sugeridos entrevistou-se-lhes e pediu-se-lhes que sugerissem outros potenciais respondentes até se completar a nossa amostra.

### **3.3.13. Recolha de dados e distribuição dos inquéritos**

O Distrito de Montepuez é composto por 4 Postos Administrativos: Mapupulo, Mirate, Nairoto e Namanhumbir. Fez-se uma administração dos inquéritos a cada Posto Administrativo, 96 inquéritos foram administrados no Posto Administrativo de Mapupulo, 96 inquéritos no Posto Administrativo de Mirate, 96 inquéritos no Posto Administrativo de Nairoto, e por fim 96 inquéritos foram administrados no Posto Administrativo de Namanhumbir. O trabalho de campo foi feito a partir de um ponto de referência (sede dos bairros, nas sedes dos postos administrativos, sedes das localidades), dado que com isso pudemos ter o primeiro grupo de respondentes interceptado em lugares estratégicos, com relativa concentração de pessoas, nomeadamente, ruas, mercados e centros sociais e de acolhimento ainda existentes. Foram considerados também, outros extractos como idade a partir dos 18 e 50 anos<sup>39</sup> rendimento económico, religião e nível de escolaridade.

### **3.3.13. Análise e tratamento de dados**

#### **3.3.14. Análise do conteúdo**

Para análise e interpretação dos dados usou-se a técnica de análise de conteúdo na sua dimensão qualitativa. Para tal, fez-se recurso a análise temática ou categorial que permitiu fazer a transcrição, a tabulação e categorização dos depoimentos dos entrevistados. Esta técnica permitiu o tratamento mais organizado e mais rigoroso ao volume de material empírico contido nas entrevistas semi-estruturadas. Das sucessivas leituras das fontes bibliográficas e a análise do material empírico, emergiram as categorias empíricas ou eixos temáticos que se apresentam na discussão dos resultados. Para a interpretação dos discursos dos entrevistados, assim como, dos depoimentos plasmados nos jornais, procurou-se correlacionar as categorias empíricas ou eixos temáticos com o referencial teórico e conceptual que orientaram o presente estudo.

---

<sup>39</sup> A escolha desta estratificação deveu-se há duas razões: Por um lado os eleitores de 18 anos para frente englobam todos eleitores em potência com idade de votar, salvo os casos previstos na lei, e que por meio do contexto social sofrem influência no processo de estruturação das suas atitudes sociopolíticas e consequentemente a forma de votar. Por outro lado, escolhemos eleitores com idade acima de 50 anos com experiência em processos políticos eleitorais, pelo facto de englobar indivíduos com uma experiência de vida, desde à independência até os pleitos eleitorais que nos propusemos analisar, e deste procuramos compreender o processo de estruturação do comportamento eleitoral em Mueda e a influência que o contexto social tem em relação aos indivíduos.

Para sistematizar e realçar a informação fornecida pelos dados, utilizaram-se técnicas da estatística descritiva e da estatística inferencial. Para além de facilitar a análise, permitindo uma visão dos resultados, por meio de quadros, tabelas, gráficos e percentagens, o recurso à estatística, na análise dos dados da pesquisa, teve em consideração o que Gil (2008, p. 17), defende que os procedimentos estatísticos fornecem considerável reforço às conclusões obtidas, sobretudo mediante a experimentação e a observação.

### **3.3.15. Questões éticas**

Em trabalhos de pesquisa e não só, a ética é essencial como ponto de equilíbrio entre a ciência e a vida humana (Michel, 2005, p.13). Foi respeitado o direito de não participação ou desistência dos inquiridos, quando se verificasse tal intenção. A garantia do anonimato foi sempre levada em consideração durante a pesquisa. Todos os participantes desta pesquisa não foram identificados de nenhuma forma, quer durante a recolha de dados, quer durante a elaboração final da respectiva dissertação. Os resultados obtidos na pesquisa são apresentados sem distorções. As fontes bibliográficas foram todas citadas durante o trabalho e no fim em forma de referências bibliográficas.

### **3.3.16. Limitações da pesquisa**

O contexto de insegurança em que foi desenvolvido esse estudo é caracterizado pelo medo das pessoas ou eleitores em abordar questões relacionadas com o tema do estudo. A primeira grande dificuldade consistiu em convencer as pessoas de que as suas identidades seriam preservadas, pelo que, no trabalho são referenciados como anónimos. O facto de as entrevistas terem sido conduzidas muitos meses depois das eleições, pode ter diminuído as chances de os eleitores expressarem os seus reais sentimentos no momento do voto devido a simples lapsos de memória (Tansey, 2007, p. 10), por isso demos a oportunidade de o respondente levar o tempo que quisesse para se recordar dos factos.

A representatividade das percepções femininas do total dos entrevistados foi forte. Isso deveu-se a uma razão: por usar-se a técnica de bola de neve, que muitas das vezes o desenrolar da bola sempre incidiu nos eleitores do sexo feminino e por outro lado, as diversas vezes que a bola calhou em um dos eleitores do sexo feminino, na sua maioria se disponibilizaram para as entrevistas alegando que detinham informações suficientemente satisfatórias para conversar sobre as dinâmicas do comportamento político eleitoral em Montepuez.

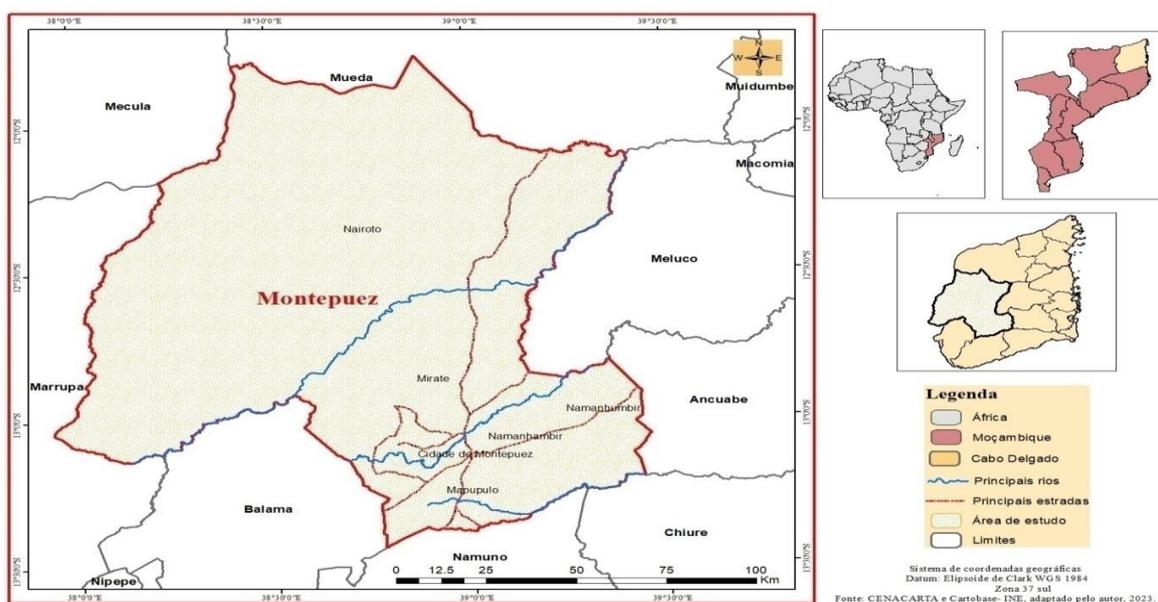
Mais ainda, este estudo teve como limitações financeiras e linguísticas, o simples facto das entrevistas não terem sido realizadas em todos quatro (4) postos Administrativos de Montepuez, a causa Sui generis deste incidente foi à falta de recursos financeiros, ou seja, facto deste estudo não ter tido financiamento com vista a uma deslocação com facilidade para o local de estudo, como forma de colher os dados também de uma forma confortável.

## CAPÍTULO I: PERFIL DO DISTRITO DE MONTEPUEZ

### 1. Descrição do Distrito de Montepuez

De acordo com o Anuário estatístico província de Cabo Delgado (2020), o distrito de Montepuez está localizado na parte sul da Província de Cabo Delgado a 210 km<sup>2</sup> da Capital Provincial-Pemba, confinando a Norte com o distrito de Mueda, a Sul com os distritos de Namuno e Chiúre, a Leste com os distritos de Ancuabe e Meluco e a Oeste com os distritos de Balama e Mecula, este último da Província do Niassa. Com uma superfície<sup>1</sup> de 17.721 km<sup>2</sup> e uma população recenseada em 2017 de 304 336 habitantes, este distrito tem uma densidade populacional de 10.5 hab./km<sup>2</sup>. A relação de dependência económica potencial é de aproximadamente 1:1.4, isto é, por cada 10 crianças ou anciões existem 14 pessoas em idade activa. A população é jovem (40%, abaixo dos 15 anos de idade), maioritariamente feminina (taxa de masculinidade de 49%) e de matriz rural (taxa de urbanização de 37%).

**Figura 2. Descrição do Distrito de Montepuez**



### 1.1. Divisão administrativa

Tendo em conta os dados do INE (2017), administrativamente o distrito de Montepuez encontra-se subdividido em 4 postos Administrativos nomeadamente: O posto de administrativos de Mapupulo, Mirate, Nairoto e Namanhumbir, e estes postos Administrativos estão subdivididos em 10 localidades conforme ilustra o quadro abaixo:

**Tabela 2: Divisão Administrativa do distrito de Montepuez**

<b>Posto Administrativo</b>	<b>Localidades</b>
<b>Mapupulo</b>	<b>Massingir</b> <b>Mapupulo</b> <b>Mputo</b>
<b>Mirate</b>	<b>Chipembe</b> <b>Mararange</b> <b>Mirate</b> <b>Unidade</b>
<b>Nairoto</b>	<b>Nacocolo</b> <b>Nairoto</b>
<b>Namanhumbir</b>	<b>M’Pupene</b>

**Fonte: Elaborado pelo autor com base em Anuário estatístico província de Cabo Delgado (2020).**

### **1.1.1. Economia e Serviços**

De acordo com o Anuário Estatístico Província de Cabo Delgado, (2020), a agricultura é a actividade dominante e envolve quase todos os agregados familiares. De um modo geral, a agricultura é praticada manualmente em pequenas explorações familiares em regime de consorciação de culturas com base em variedades locais. A produção agrícola é feita predominantemente em condições de sequeiro, nem sempre bem sucedida, uma vez que o risco de perda das colheitas é alto, dada a baixa capacidade de armazenamento de humidade no solo durante o período de crescimento das culturas. De uma forma generalizada pode-se dizer que a região é caracterizada pela ocorrência de três sistemas de produção agrícola dominantes.

O primeiro corresponde à vasta zona planáltica baixa onde domina a consorciação das culturas alimentares, nomeadamente mandioca/milho/feijões nhemba e boer, como culturas de 1<sup>a</sup> época (época das chuvas) e a produção de arroz pluvial nos vales dos rios, dambos e partes inferiores dos declives. O segundo sistema de produção é dominado pela cultura pura de mapira, ocasionalmente consociada com milho e feijão nhemba. As culturas de meixoeira e amendoim podem aparecer em qualquer uma das consociações. A mandioca é a cultura mais importante em termos de área e é cultivada tanto em cultivo simples, como em cultivo consociado com feijão ou amendoim. O algodão corresponde ao terceiro sistema de produção, e constitui a principal cultura de rendimento da região. Os três sistemas de produção agrícola aqui descritos ocorrem em regime de sequeiro, (IDEM).

A fauna bravia constitui um suplemento dietético importante para as famílias e a caça com este fim é dirigida, principalmente, a pequenas aves, coelhos, porcos-do-mato e gazelas. O peixe, do rio e mar, faz parte integrante da dieta das famílias locais. O Distrito de Montepuez possui 55 moageiras, das quais 33 em funcionamento, 1 fábrica de descaroçamento de algodão e 1 de arroz, em estado de abandono. A empresa estatal Marmonte S.A.R.L. “investiu oito milhões de dólares americanos no distrito, na exploração das pedreiras de mármore. Durante o período em análise, registou-se uma subida substancial na produção de mármore em bloco” (ANUÁRIO ESTATÍSTICO PROVÍNCIA DE CABO DELGADO, 2020, p. 67).

De acordo com o INE (2017), os produtos agropecuários locais são vendidos no distrito e nas províncias vizinhas, e há conhecimento de alguns comerciantes a operarem em Montepuez, provenientes da capital da província (Pemba), de Mocímbo da Praia e mesmo de Nampula. O distrito conta com 88 lojas (46 inoperacionais). Existem, ainda, 14 moageiras, 4 oficinas, 2

estações de serviço (mais uma em reparação), 3 carpintarias, 2 serrações (uma inoperacional) e 3 padarias (2 inoperacionais). O comércio informal desempenha um papel importante ao preencher o vazio que se verifica nas zonas rurais, levando consigo nas condições difíceis mercadoria para abastecimento das populações, sobretudo produtos de primeira necessidade. Existem duas reservas de caça para prática de ecoturismo, no Posto Administrativo de Nairoto. Existem, ainda, 4 restaurantes. Opera no distrito uma filial do Banco Internacional de Moçambique (BIM), e outra do Banco Austral que se dedicam à captação de poupanças, não havendo nenhum sistema formal de crédito em condições acessíveis aos operadores locais, o que denota uma fraca implantação do sector financeiro.

De acordo com Antunes (2008), existe uma relação entre a corrente psicológica para explicar o comportamento eleitoral, analisado a partir das expectativas, opiniões e atitudes individuais dos eleitores, muita das vezes busca-se compreender o comportamento político-eleitoral, dentro duma função da esfera social, na qual ocorre a socialização política ao longo do tempo bem como o processo de percepção e análise em relação aos aspectos políticos, económicos, sociais, culturais.

### **1.1.2. História do distrito**

De acordo com o INE (2017), existem no Distrito grupos populacionais de diferentes etnias com línguas diferentes, destacando-se a Macua, a mais falada em todo o Distrito, seguindo-se as pequenas etnias como a Maconde, Ngoni e Kimuane. Estes grupos professam as religiões Muçulmana e Católica. Existem, porém, outros grupos que não professam qualquer religião. Nos casamentos tradicionais não existe obrigatoriedade de lobolo como acontece em vários pontos do País. Antes do casamento as meninas passam por ritos de iniciação e os rapazes pela circuncisão. Principais pratos: arroz, farinha de milho (cereais), feijão jugo (legumes); pratica-se a escultura, cestaria, olaria; A principal actividade é a agricultura de subsistência e de rendimento; pratica-se a caça e a pesca em pequena escala. A população possui as suas danças tradicionais que são praticadas por ocasião de festas, ritos de iniciação e de tratamento de doenças.

Nesta perspectiva, estes factores demonstram o contexto em que ocorrem às dinâmicas do comportamento político eleitoral no distrito de Montepuez sobretudo a persistência e a lealdade do eleitorado a favor da FRELIMO nas eleições de 1994,1999, 2004, 2009, 2014 e 2019. Todavia, é de carácter importante sustentar que os factores que explicam o comportamento

político eleitoral (o que leva com que alguns grupos da sociedade votem numa certa forma) são vários, mas para o presente estudo estes são os elementos que identificamos no contexto de Montepuez e se apresentam mais fortes ao ponto de relegar para um segundo plano os factores socioeconómicos que também influenciam de alguma forma na estruturação do comportamento político eleitoral em Montepuez.

### **1.1.3. Votos por partido no Distrito de Montepuez**

A história política do processo eleitoral em Cabo Delgado, e particularmente em Montepuez deve ser compreendida com base nos ideais da história<sup>40</sup> que marcou profundamente a orientação política das populações de Cabo Delgado e de forma particular o distrito de Montepuez. O argumento principal a apresentar é que no distrito de Montepuez, na província de Cabo Delgado, há uma permanente e contínua tendência de o eleitorado depositar seu voto a favor da FRELIMO desde as primeiras eleições Gerais de 1994 até as eleições Gerais de 2019. Isto é ilustrado pelos resultados oficiais publicados pelos órgãos de governação eleitoral<sup>41</sup> em Moçambique, das seis eleições Gerais que indicam o seguinte: nas eleições de 1994, 1999<sup>42</sup>, 2004 e 2009, 2014 e por fim 2019 a FRELIMO conseguiu apanhar votos nas seguintes percentagens: 92%, 86%, 94%, 80% 77,72%, 74, 1% respectivamente.

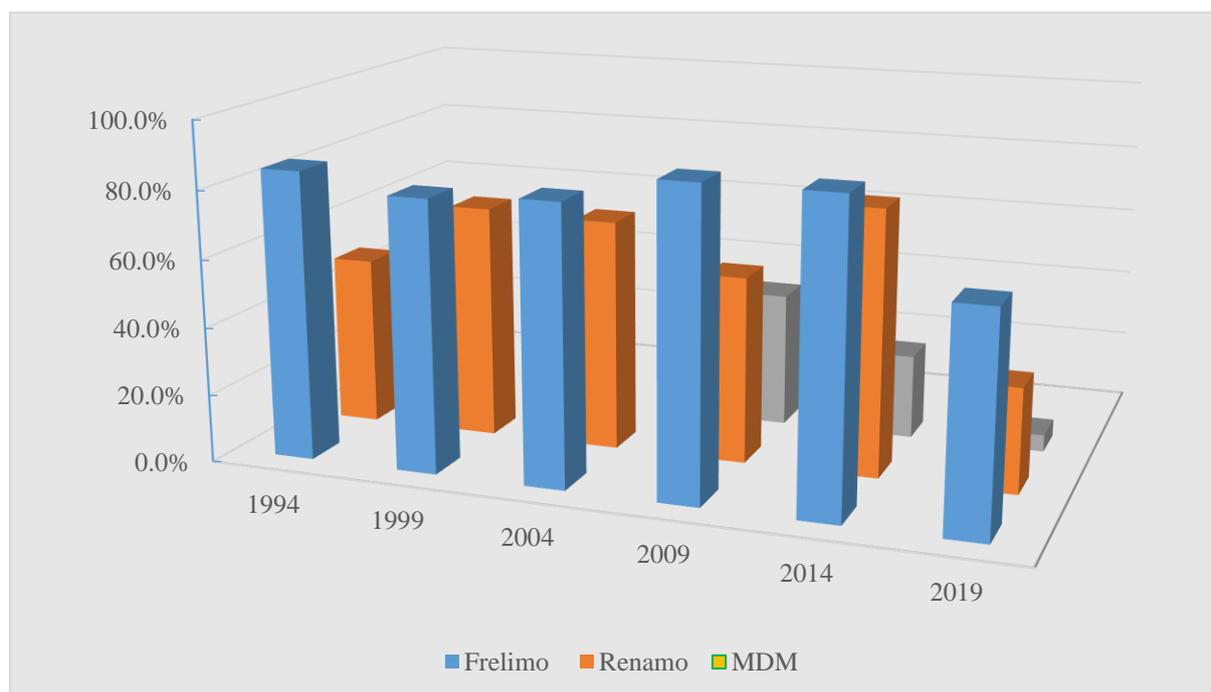
---

<sup>40</sup> De acordo com Terenciano (2020), a província de Cabo Delgado é sempre uma referência para quem queira abordar sobre a temática relacionada a luta armada de libertação nacional, levada a cabo pela FRELIMO, contra as tropas coloniais Portuguesas. Deste modo está província constitui o que se pode designar por santuário dessa luta, que culminou com a independência de Moçambique em 25 de Junho de 1975, e constitui-se como um cenário importante da luta pela independência de Moçambique, que dentre outras figuras proeminentes da província onde algumas delas são figuras influentes na FRELIMO, destacam-se: Lázaro Nkavandame; Joaquim Alberto Chipande, Faustino Vanomba, Raimundo Pachinuapa, João Namiba, Cornélio João Mandanda, Lago Lidhimo, Filipe Jacinto Nyusi entre outros.

<sup>41</sup> De acordo com Chaimite (2016), Moçambique dispõe de uma estrutura de gestão eleitoral de dois níveis: a CNE, órgão de supervisão do Processo Eleitoral e o Secretariado Técnico da Administração Eleitoral (STAE), que se subordina à CNE. O número 1 do artigo 2 da Lei 8/2007 estabelece que a CNE é um órgão do Estado, independente e imparcial, responsável pela supervisão dos recenseamentos e dos actos eleitorais. O número 2 da mesma Lei esclarece que se entende por supervisão, a função de orientar, dirigir, superintender e fiscalizar os actos do processo eleitoral.

<sup>42</sup> De acordo com Cahen (2000) e Mabunda (2017), em Moçambique as eleições posteriores ao ano de 1994 foram marcadas grandemente pela violência eleitoral, exemplo disso foi que no dia 9 de Novembro no ano de 2000, quando, em Montepuez, na província de Cabo Delgado, 119 manifestantes foram detidos e 43 membros e simpatizantes do partido Renamo morreram asfixiados por falta de ventilação na cadeia local após terem organizado e participado em manifestações para protestar contra uma alegada fraude eleitoral nas eleições Gerais de 1999 ganhas pelo partido Frelimo e pelo seu candidato Joaquim Chissano.

**Gráfico 1: Voto por partido no distrito de Montepuez de (1994-2019)**



**Fonte: Elaborado pelo autor com base em CNE (1994-2019).**

Como podemos constatar dos dados acima apresentados, o comportamento do eleitorado no distrito de Montepuez apresenta dinâmicas do voto a favor do partido Frelimo, desde as eleições Gerais de 1994 até as últimas eleições Gerais de 2019, mesmo com a eclosão do fenómeno terrorismo em Cabo Delgado e de forma específica em Montepuez. Nesta perspectiva, de acordo com Terenciano (2014), as motivações que estão por detrás da contínua tendência de o eleitorado votar a favor da Frelimo são explicadas em última instância pelo processo de estruturação de Cabo Delgado, especificamente Montepuez enquanto uma entidade histórica ligada ao partido Frelimo e que, por via disso, os eleitores estão votam continuamente no partido Frelimo. Isso tem como suportes básicos os condicionalismos históricos-estruturais de Moçambique, desde o período colonial até após a independência.

#### **1.1.4. Votação e Abstenção no distrito de Montepuez**

De acordo com Brito (2015), as eleições fundadoras em Moçambique descritas como as “eleições possíveis” tiveram lugar em 1994, foram pacíficas e a aceitação dos resultados não levantou contestação dado contexto em que foram realizadas<sup>43</sup>. Podemos observar que para as primeiras eleições Gerais de 1994 para a nossa unidade de análise, em um total de 36,916 que correspondiam a um total de 100% de eleitores inscritos, tivemos uma participação de cerca de 27,256 que correspondia a um total de 90% de eleitores que exerceram seu direito ao voto, e um número total de 16344 que se abstiveram do processo eleitoral que correspondiam a total de 29, 83%.

Para as eleições Gerais de 1999<sup>44</sup>, o distrito em análise apresentou um número total de 43,206 que correspondiam a um total de 100% de eleitores inscritos, onde tivemos um número de 38454, o que correspondia a um total de 70,17%, eleitores que exerceram seu direito ao voto, ainda nessa senda, no que diz respeito a abstenção nessas eleições tivemos cerca de 6428, correspondentes à 33,24% eleitores que se abstiveram do processo eleitoral.

---

<sup>43</sup>Dentre os vários escritos que existem sobre as eleições fundadoras em Moçambique, destacamos aqui o trabalho de Nuvunga, Adriano. *Multiparty democracy in Mozambique: strengths, weaknesses and challenges*. EISA, 2005. p.2.

<sup>44</sup> Um aspecto a considerar, de acordo com Cahen (2000) e Mabunda (2017), em Moçambique as eleições posteriores ao ano de 1994 foram marcadas grandemente pela violência eleitoral, exemplo disso foi que no dia 9 de Novembro no ano de 2000, quando, em Montepuez, na província de Cabo Delgado, 119 manifestantes foram detidos e 43 membros e simpatizantes do partido Renamo morreram asfixiados por falta de ventilação na cadeia local após terem organizado e participado em manifestações para protestar contra uma alegada fraude eleitoral nas eleições Gerais de 1999 ganhas pelo partido FRELIMO e pelo seu candidato Joaquim Chissano.

**Tabela 3: Participação eleitoral nas eleições Gerais de 1994 e 2019 no distrito de Montepuez**

<b>Ano</b>	<b>Total de eleitores inscritos</b>	<b>Participação eleitoral</b>	<b>Abstenção eleitoral</b>	<b>Total em %</b>
<b>1994</b>	63888	55143	4177	100%
<b>1999</b>	43206	38454	6428	100%
<b>2004</b>	50344	12908	6428	100%
<b>2009</b>	37934	23216	14718	100%
<b>2014</b>	116443	41939	74504	100%
<b>2019</b>	146758	54482	92276	100%

**Fonte: Elaborado pelo autor com base em CNE (1994-2019) e boletim do processo político em Moçambique de (1994, 2019).**

Ainda sobre o aspecto ligado a participação eleitoral nesse distrito tivemos para as eleições Gerais de 2004<sup>45</sup> em um total de 50,344 que correspondiam a um total de 100% de eleitores inscritos para essas eleições, tendo participado um número total de 12908, que correspondiam a um total de 66,76%, de eleitores que participaram do processo eleitoral, onde cerca de 6428 correspondentes a 33,24% eleitores abstiveram-se do processo eleitoral. Podemos observar que para as eleições Gerais de 2009, foi constatado que dos cerca de 37934 eleitores estavam inscritos nessas eleições o que corresponde a um total de 100%, tivemos um número total de 23216 de eleitores correspondentes à 61,20% que exerceram seu direito ao voto, e um total de 14718 correspondentes a 38, 80% abstiveram-se do processo eleitoral.

Olhando para os dados eleitorais para eleições Gerais de 2014, apresentados pelo CNE (2014), e pelo Acórdão do Conselho Constitucional, foi possível constatar que dos 27,482 eleitores inscritos que perfazem um total de 100%, tivemos cerca de 13,928 correspondente a 50,68% de eleitores que exerceram seu direito ao voto, e um número total de 13,554 correspondentes 49, 32% abstiveram-se do processo eleitoral. Em geral, levantando os dados das últimas as eleições Gerais de 2019, de acordo com a Comissão Nacional de Eleições (2019), e o Acórdão do Conselho Constitucional (2019, p.15), podemos constatar que para estas eleições tivemos fraca participação eleitoral no distrito que pretendemos estudar. Em um total de 146758 corresponde a 100% dos eleitores inscritos para as eleições Gerais no distrito de Montepuez tivemos cerca de 54482 corresponde a 37,12% de eleitores que exerceram seu direito ao voto, e um número total de 92276 corresponde a 62,88 % abstiveram-se de exercer seu direito ao voto.

---

<sup>45</sup> De acordo com Gloor (2005), devido a tensão das eleições Gerais de 1999, as eleições autárquicas de 2003 e as Gerais de 2004, foram caracterizadas por grande tensão política, o que levou a realização de várias conferências e rondas de diálogo com os principais actores do processo que contou com o envolvimento do EISA, da Carter Center e do Observatório Eleitoral.

## **CAPÍTULO II: COMPORTAMENTO ELEITORAL E TERRORISMO EM MOÇAMBIQUE: UMA ANÁLISE DAS ELEIÇÕES GERAIS NO DISTRITO DE MONTEPUEZ**

Neste capítulo apresentamos os resultados do que colhemos no terreno. O inquérito (ver apêndice 1) que utilizamos apresenta as principais perguntas que colocamos aos respondentes e a forma como utilizamos as respostas de cada uma delas para testar a nossa hipótese. Recordando que a hipótese da pesquisa (suportada pela teoria do traumatismo histórico e a teoria de escolha racional) é a de que o comportamento eleitoral nas eleições Gerais de 2019, particularmente no distrito de Montepuez, foi afectado pelos ataques terroristas que ocorrem naquela parcela do país desde Outubro de 2017, facto que se justifica pelo declínio da participação eleitoral em todas as fases, comparativamente as eleições já realizadas na história eleitoral e política do país. As perguntas têm em comum o facto de procurarem encontrar elementos para confirmar, quanto para refutá-la. Não obstante, o trabalho de campo nos forneceu aspectos concretos bastante relevantes que as teorias que aplicamos não previam<sup>46</sup>.

Para facilitar o tratamento da informação colhida no terreno, as entrevistas foram gravadas pelo telefone e depois passadas para o computador, com ajuda do qual foram transcritas. Mais tarde agrupou-se os respondentes que deram cada resposta numa tabela. No campo não encontramos diferenças significativas entre as respostas de diferentes extratos sociais. A única excepção vai para o facto de nenhum dos respondentes que fizeram menção à aspectos pessoais/familiares vividos pelo indivíduo na sua decisão do voto ter acima de décima segunda classe.

Com o intuito de maior transparência na nossa análise, nesta fase de apresentação dos resultados fizemos o menor número de interpretações possíveis, como defende que deve ser Abrahamsohn (2004). Seguindo ainda os conselhos do autor, separamos os resultados em termos de perguntas que fizemos, por vezes em termos dos assuntos que os eleitores trouxeram ao apresentar as respostas. Tratando-se de entrevistas, com o uso de métodos qualitativos, foram feitas muitas citações do discurso dos respondentes, o que permitiu evidenciar certos

---

<sup>46</sup> Com base no trabalho de campo podemos perceber a formação de um novo tipo de eleitores em Montepuez, onde podemos sustentar a nossa tese com os dados do Governo do Distrito de Montepuez (2022) *Apud* IESE (2023), onde advoga-se que a insurgência nas províncias do Norte de Moçambique tornou o distrito de Montepuez um destino para populações deslocadas de zonas onde a violência tem sido mais intensa. Dados do Governo distrital indicam que em 2022 existiam 62.115 pessoas deslocadas em sete centros de reassentamento.

tipos de respostas comuns e/ou particularmente distintas (esta é uma recomendação feita por Quivy e Campenhoudt, 1992, p. 226).

### 2.2.1. Impacto do terrorismo no comportamento eleitoral no distrito de Montepuez

Kibris (2011), Kerr (2013), e Kasara (2013), usando os dados da pesquisa do Afrobarometer em uma amostra de 20 países que tiveram a eclosão do terrorismo em véspera de eleições, mediram o nível de participação política dos eleitores que sofreram com o fenómeno, sua mudança de voto de um partido para o outro, os autores concluíram que a ameaça, e o medo da violência por parte dos eleitores pode ser suficiente para induzir o comportamento pretendido por parte dos terroristas para produzir resultados a seu favor e para tal a violência não precisa ocorrer perto de um grupo de eleitores para que eles temam a violência. Para melhor percepção dos elementos acima enunciados consideramos a tabela abaixo dos inqueridos no trabalho de campo realizado em Montepuez.

**Tabela 4: Análisa a relação entre o terrorismo e o comportamento eleitoral no distrito de Montepuez**

<i>Sexo</i>	<i>ABT<sup>47</sup></i>	<i>OM</i>	<i>RI</i>	<i>TIFr.</i>
<b>Masculino</b>	144	5	11	31,8%
<b>Feminino</b>	240	1	9	62,7%
<b>Total</b>	384	6	20	100%

**Fonte: Elaborado pelo autor com base nos 384 Inqueridos no distrito de Montepuez.**

<sup>47</sup> Onde: AVE – Abstencionistas pelo terrorismo; OM – Outros Motivos; RI – Respostas Incongruentes; TI – Total dos Inqueridos; Fr – Frequência Relativa

A tabela acima, mostra que dos eleitores que se abstêm do processo eleitoral pelo impacto do terrorismo no comportamento eleitoral 31,8%, são eleitores do sexo masculino, e 62, 8% do sexo feminino, isto significa que houve mais abstencionistas do sexo feminino do que do masculino no distrito de Montepuez. Esta tese ajusta-se as constatações feitas por Luis de Brito (2016, p. 36) e os estudos da CeUrbe (2020), que defendem que em termos sociodemográficos, o primeiro aspecto a salientar é que a abstenção diz respeito particularmente às mulheres e o segundo é que ela afecta principalmente os cidadãos mais jovens, de baixa renda e menos escolarizados.

Ainda nisso, podemos perceber que a partir dos dados acima trazidos que no distrito de Montepuez a participação eleitoral foi reduzida, devido aos ataques terroristas. Portanto, os eleitores que testemunharam ou foram vítimas desse fenómeno abstiveram-se de votar como um mecanismo de se proteger-se da violência causada pelo terrorismo nas eleições Gerais de 2019. Ainda nesta senda, as respostas aliadas a questão segundo a qual conheces alguém que não foi votar por ter sido alvo ou ter sofrido alguma forma de violência eleitoral? Constantes no inquérito, confirmam positivamente a existência duma grande percentagem de eleitores cerca de 90% que dizem ter conhecido outros eleitores que se abstiveram de participar do processo eleitoral devido ao medo e aos traumas causados pelos ataques terroristas no distrito de Montepuez.

**Tabela 5: Eleitores que deixaram de votar por terem sido vítimas ou testemunhados actos de terrorismo**

<i>Sexo</i>	<i>ECED</i> <sup>48</sup>	<i>EQNV</i>	<i>ESR</i>	<i>ERI</i>	<i>Total</i>	<i>Fr.</i>
<i>M</i>	30	160	0	10	64	16,6%
<i>F</i>	160	24	0	2	322	83,4%
<i>Total Dos Inqueridos</i>	190	184	0	12	384	100%
<i>Fr.</i>	49,2%	47,7%	0%	3,1%	100%	

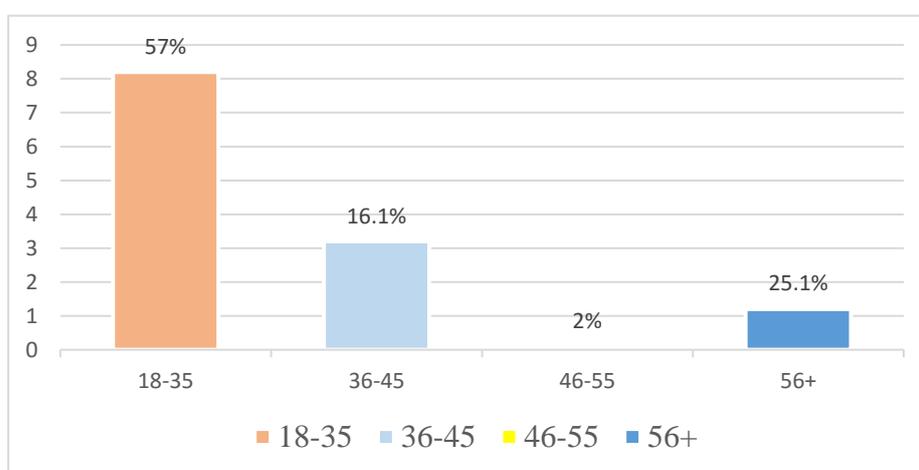
**Fonte: Elaborado pelo autor com base nos 384 inqueridos.**

Como podemos depreender o terrorismo desencorajou a participação dos cidadãos nas eleições Gerais de 2019. Com base nos dados apresentados pela tabela acima, podemos perceber que o terrorismo teve impacto no comportamento eleitoral no distrito de Montepuez, onde dos 384 inqueridos cerca de 16,6% eleitores do sexo masculino e 83,4% foram eleitores do sexo feminino que defenderam não ter participado das eleições devido ao medo dos mesmos serem vítimas dos ataques terroristas, o que nos permite sustentar a hipótese central desta dissertação na qual defendemos que o comportamento eleitoral nas eleições Gerais de 2019, particularmente no distrito de Montepuez, foi afectado pelos ataques terroristas que ocorrem naquela parcela do país desde Outubro de 2017, facto que se justifica pelo declínio da participação eleitoral em todas suas fases, comparativamente as eleições já realizadas na história eleitoral e política do país.

<sup>48</sup> ECED – Entrevistados que conhecem eleitores que desistiram de votar por causa do terrorismo eleitoral no distrito de Montepuez. ENCED – Entrevistados que não conhecem eleitores que desistiram de votar por causa do terrorismo. ESR- Entrevistados sem respostas ERI – Entrevistados com respostas incongruentes.

Ainda sobre os argumentos acima, uma questão que é bastante discutida na literatura sobre o terrorismo e a abstenção eleitoral é a questão da idade e género. Comumente, tem-se dito que os jovens e as mulheres são mais propensos a abstenção eleitoral quando vítimas de ataques terroristas. Aliás, como foi apontado na revisão da literatura, Trelles e Miguel (2012), debruçaram sobre esta questão, postulando que as mulheres e os jovens seriam mais propensos a não votar. Será a mesma situação em Montepuez? De seguida apresentam-se as análises dos dados relativos a abstenção eleitoral em função do género e a faixa etária no distrito de Montepuez:

**Gráfico 2: Comportamento eleitoral vs idade**



**Fonte: Elaborado pelo autor com base nos 384 inqueridos.**

Analisando a informação acima trazida, é facilmente visível e confirmada a tese de Trelles e Miguel (2012). Realmente, os jovens (dos 21 aos 34) do distrito de Montepuez são os que mais abstêm-se em contextos dos ataques terroristas. Mas por quê? Uma das razões, e a mais óbvia, é que a pirâmide etária de Moçambique tem base larga, ou seja, temos mais jovens que adultos e velhos em Moçambique. Ora se a abstenção é um fenómeno que pode ocorrer em todas faixas etárias, é razoável esperar que haja maior incidência na faixa etária com mais pessoas que testemunharam ataques terroristas.

***Um dos entrevistados ao ser questionado sobre o motivo que levou os jovens a não votarem nas eleições Gerais de 2019 em Montepuez apontou o seguinte:***

“alguns jovens quando vêem essa questão de votação, encaram como se fosse perca de tempo e as eleições Gerais de 2019 foram um balde de água fria para nós jovens de Cabo Delgado de forma geral e aqui em Montepuez, pois com os ataques nós não tivemos definitivamente incentivos de votar tivemos medo pelas nossas vidas e não podíamos votar sabendo que poderíamos ser mortos por algo que não nos traria nenhum benefício” (Entrevista anónima feita no dia 12 de Dezembro de 2023).

***Uma entrevistada do sexo feminino, ao ser questionada reforçou a posição anterior e vai pontuar o seguinte.***

“o terrorismo teve um grande impacto nas eleições Gerais de 2019 porque manteve muitos jovens longe das urnas no dia das eleições, isso porque não podíamos votar em contextos de elevados ataques cometidos durante as eleições” (Anónima dia 12 de Dezembro de 2023).

Como é possível notar nas entrevistas acima, que no distrito de Montepuez os jovens não vêm ganhos em votar em contextos de terrorismo. Eles fazem cálculos utilitários sobre arriscar suas vidas para votar e vendo que, ao seu entender, que podem ser vítimas de ataques eles de forma racional abstêm-se de exercer o seu direito cívico.

Uma análise às respostas a questão sobre o motivo da abstenção eleitoral em Montepuez é possível notar motivações racionais nos abstencionistas. Quando 51% afirma que não vota por que não acredita que o terrorismo teve impacto no comportamento eleitoral. Assim, uma vez que vêm um benefício claro de recenseamento o facto de ser gratuito, ocorrer em 30 dias e o cartão de eleitor poder ser utilizado como documento de identificação (já que o bilhete de identidade acarreta muitos custos eles vão recensear porque é racional e não vão votar porque o terrorismo apresenta custos superam os retornos.

Ainda sobre o mesmo debate, procurámos perceber sobre a questão do género o facto de termos mais mulheres nos nossos inqueridos podem ser por dois motivos, o primeiro e evidente é o facto de no distrito de Montepuez e em Moçambique no geral, termos mais mulheres que homens. Mas isso por si só não é suficiente para explicar porque mais mulheres não votam em Montepuez. Sucedem que a maioria das Mulheres (do distrito de Montepuez) praticam a agricultura e os homens (principalmente nos arredores da vila) praticam o comércio, uma vez que as entrevistas e inquéritos eram realizados entre as 08:00h as 16:30 min, era mais fácil

encontrar mulheres dispostas a colaborar já que haviam terminado o seu labor. E muitos dos homens, que possivelmente não tenham votado nas eleições Gerais de 2019, estavam na vila a desenvolver a actividade comercial e tornava-se complicado, já que “o tempo é dinheiro”, deixar o seu trabalho para responder a um inquérito.

Nesta situação, afirma-se que a diferença na distribuição da abstenção em função dos géneros pode não ser muito saliente, quer dizer, os cidadãos abstêm-se por outros motivos. Daí que o facto de ser mulher ou homem pouco conta para predisposição ou não para a abstenção. Através dos inquéritos, o objectivo principal era captar o motivo ou os motivos que levam aos eleitores jovens a não votarem nas eleições Gerais de 2019 no distrito de Montepuez. Como pode se ver no gráfico acima, partindo duma amostra (final) de 384 pode se afirmar que no distrito de Montepuez os eleitores não votam devido três principais razões: a maioria (40.6%) não vota pelo medo de ser vítima do terrorismo, outros 15.6% não votam alegando que não sabem qual é a importância de votar, outros 14.2% não vota justificando que não sabem como se vota. As restantes alternativas tiveram uma percentagem que varia dos 0.3% aos 10.4% conforme pode ser visto na tabela anterior. Essa informação apresenta-se da seguinte forma graficamente.

Por exemplo, uma das entrevistadas que falou em anónimo no dia 12 de Dezembro de 2023, falou nos seguintes termos: “*eu tenho medo de ser vítima desses ataques, por isso não fui votar para que não perdesse a minha vida caso tivesse algum ataque terrorista*”.

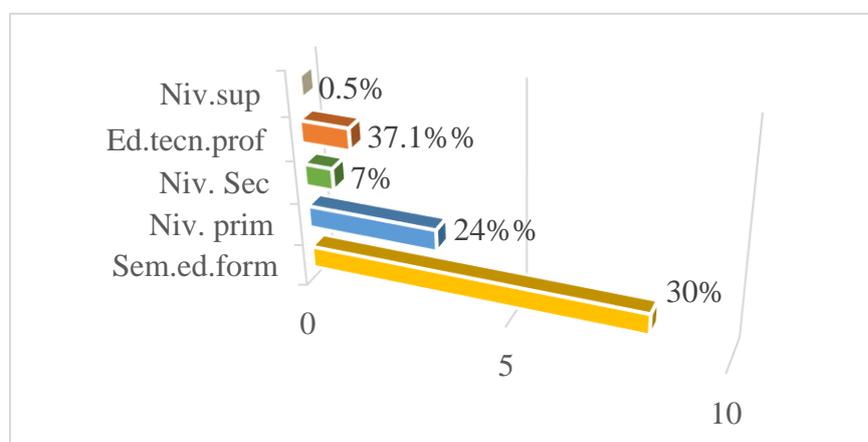
***E outro entrevistado detalhou essa questão da seguinte maneira:***

“desta vez tivemos esse desinteresse por causa dos ataques terroristas ocorridos na nossa província, então eu de forma particular e outros conhecidos não quisemos ir votar arriscando nossas vidas em meio a insegurança que era geral em nossa província. Eu ainda acho que eles levam esse assunto de forma não séria, as coisas estavam mal aqui, lembro que devido aos ataques terroristas ninguém quis sair de casa para se dirigir as urnas, não voto porque sofrer mahala, eu não podia correr o risco de perder a vida. Então porquê votar? é preferível eu ficar só, vou ganhar o que? É por isso que nós os jovens a ficámos só, e dizem nós não vamos votar porque não ganhámos nada e ainda mais com o terrorismo nós não queremos morrer” (Entrevista anónima feita no dia 12 de Dezembro de 2023).

### A) Comportamento eleitoral vs nível de escolaridade

Um dos problemas que mais afecta os cidadãos do distrito de Montepuez, é a falta de Escolas, onde avançam-se as informações segunda as quais em todo distrito existem apenas 91 Escolas das quais (89 são do ensino primário do 1º e 2º nível e mais 2 Escolas Secundarias do 2º Grau). Estes dados que se apresentam são relativamente baixo tendo em conta que a população total do distrito é estimada em 153. 80073, na sua maioria jovens com idade compreendida entre 11 a 18 anos de idade (INE, 2017). Para além dos cidadãos de baixa renda temos, dos abstencionistas inqueridos no distrito de Montepuez, cidadãos pouco escolarizados: sem escolarização ou com nível primário (não concluído) tal como ilustra o gráfico abaixo:

**Gráfico 3: Nível de escolaridade vs abstenção eleitoral**



**Fonte: Elaborado pelo autor com base nos 384 inqueridos e no Instituto Nacional de Estatística (2017).**

Argumentos de Garcia (2010), sugerem que eleitores com maiores recursos económicos e um elevado índice de alfabetização são os mais propensos em participar dos processos eleitorais em contextos de terrorismo, e que, por sua vez, os eleitores pobres menos instruídos academicamente são os mais propensos a abster-se dos processos eleitorais. Da mesma forma encontramos na nossa unidade de análise uma validação dos argumentos acima, onde a maior parte dos nossos inqueridos são desprovidos de recursos económicos e de baixo nível académico não mostravam afinco em participar do processo de votação devido ao medo de serem vítimas do terrorismo.

***Assim, apresentamos alguns resultados das entrevistas realizadas com os eleitores de Montepuez onde um dos entrevistados disse o seguinte:***

“eu sou uma pessoa sem um elevado nível de educação, mas mesmo assim eu reconheço a importância das eleições, para mim foi impossível participar desse processo devido ao medo de ser morto pelos terroristas, as dificuldades que muitos de nós aqui em Mapupulo tivemos de segurança, sobretudo a falta de militares preparados para lidar com esses terroristas afastou-nos das urnas, problemas de desconfiança de não saber quem vai ser quem na fila de votação fez com que eu não participasse nas eleições, não tive escolha, o medo falou mais alto e acabei decidindo não arriscar a minha vida para fazer parte das eleições” (Entrevista com anônimo feita no dia 13 de Dezembro de 2023 no distrito de Montepuez).

***Ainda outro entrevistado explicou que:***

“Mapupulo é grande e as nossas Forças de Defesa e Segurança não conseguiram fazer face aos terroristas e atender a todos e todas as coisas de uma única vez. Sabemos ainda que para a defesa de um País precisamos de segurança e não vimos nós essa segurança que poderia nos permitir ir votar nas eleições de 2019, por isso que ficamos em casa mesmo não estando seguro optámos por ficar em casa. Eu posso dizer que não é necessariamente insultar os governantes ou desprezar o pouco esforço que eles fizeram para nós, mas eles não conseguiram trazer paz e segurança para nós os pobres e não estudados, por isso a melhor opção foi não votar para preservar a minha vida e ainda continuar a alimentar a minha família” (Negociante entrevistado no dia 13 de Dezembro de 2023).

Perante estas palavras, compreendemos que o facto dos eleitores possuírem baixos níveis de rendimento económico, nível baixo de escolaridade constatarmos que os ataques terroristas, tiveram impacto significativo no comportamento político eleitoral nas eleições de 2019. Nesta situação, os eleitores não têm outra opção além de se abster do processo eleitoral, o que é racional para eles, não votar já que para os inqueridos o medo de ser alvo dos ataques terroristas esteve sempre patente em suas decisões de não se dirigir as urnas. Conforme os nossos entrevistados a motivação para votar em tempos eleitorais é demasiado baixa e em contextos de ataques para os eleitores a não participação desse processo é a melhor maneira de poder seguir com a vida sem nenhuma perda familiar.

***Com base em nossos entrevistados foi possível notar que as eleições de 2019 mostraram uma aversão as eleições por parte dos eleitores daquela parcela do país, conforme podemos ver em nossas entrevistas:***

(...) desta vez não fomos votar devido ao terrorismo que mudou à [...] nossa maneira de ver a política no país, foi um banho de sangue aqui neste ponto do país desde quando iniciaram esses ataques não temos paz e tranquilidade. Para nós o importante foi não se envolver em problemas grandes que envolvem pessoas grandes da Frelimo, pessoas pobres estão a morrer como animais aqui, enquanto as elites estão a comandar tudo dos escritórios em Maputo. Então eu fiquei a cuidar do meu negócio do que votar para não mudar nada. (Entrevista anónima realizada no dia 14 de Dezembro de 2023).

***Um outro entrevistado que de forma anónima optou em conversar conosco explicou que:***

“não vai mudar isto, enquanto os pobres, comerciantes, garimpeiros, agricultores, pescadores perdem a vida e passam fome por causa do terrorismo os grandes chefes estão a ganhar muitos milhões em suas contas e agora querem para eu votar? Isso vai mudar? Ou continuar pior? Eu (...) prefiro ir fazer as minhas actividades que pelo menos consigo sair [...] com 250 ou 300 meticais para alimentar a minha família. Eu poderia até votar, mas os ataques mudaram a minha decisão de sair de casa para votar” (14 de Dezembro de 2023).

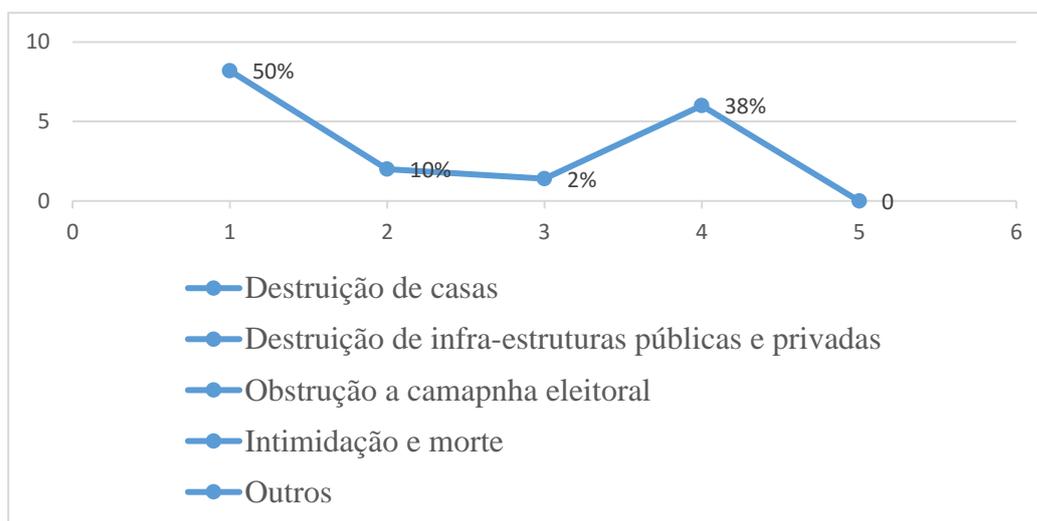
Os resultados acima apresentados confirmam os postulados Downsianos, isto é, mesmo no caso de Montepuez os cidadãos de baixa renda e os menos escolarizados são os que mais se abstêm. O que pode estar por detrás disso é que os cidadãos deste estatuto social não só lhes faltam recursos económicos e falta de conhecimento, e por consequência disso os mesmos acabaram se abstendo de participar do processo eleitoral. Conforme podemos identificar nos argumentos acima defendidos pelos nossos inqueridos, existe um sentimento de medo em relação ao futuro no distrito de Montepuez pelo facto do agravamento do conflito em Cabo Delgado. Essa situação é advogada pelo IESE (2020), que defende que insurgência nas províncias do Norte de Moçambique tornou o distrito de Montepuez um destino para populações deslocadas de zonas onde a violência tem sido mais intensa. Dados do Governo distrital indicam que em 2022 existiam 62.115 pessoas deslocadas em sete centros de reassentamento.

É importante referir que em relação aos problemas sócio-económicos e do terrorismo que o distrito vive, e como estes tem reflectido na maneira como os eleitores tomam as suas decisões políticas eleitorais, pode compreender-se de duas maneiras: temos um grupo pró (que acredita que o partido Frelimo tem feito alguma coisa e por via disso e por força do habito são obrigados a votar no partido no poder como forma de recompensar aquilo que a este partido tem feito para eles) e temos outro grupo que afirma categoricamente que defende que o terrorismo foi criado pelo partido Frelimo mostrando assim o desagrado e o descontentamento da governação e que ponderam mudar a sua forma de votar em caso de não se notar melhorias num futuro muito breve.

### C) Tipo de ataques mais comuns nas eleições Gerais de 2019

Segundo Webel (2004), existem alguns níveis a ter em conta quando se pretende analisar o terrorismo, no primeiro nível não temos actos de violência extrema, codificado como nível A. O segundo nível de terrorismo é caracterizado por actos de intimidação da população, destruição de infraestruturas do Estados e privadas codificados como nível B. Quanto ao terceiro nivel é caracterizado por assassinatos, decapitações e o uso da tortura codificados como nível C.

**Gráfico 4: Sobre os ataques mais comuns em Montepuez**



**Fonte: Elaborado pelo autor com base nos 384, IESE (2017-2021), CaboLigado (2019), CDD (2021).**

O gráfico acima apresenta os resultados dos ataques terroristas que foram reportados durante a campanha eleitoral no distrito de Montepuez pelo boletim do processo eleitoral (2019), IESE (2019), CDD (2019), e Cabo Ligado (2019), depois de uma análise detalhada dos relatórios, aliada as entrevistas com os eleitores de Montepuez foi possível observar que durante o período das eleições, o distrito apresenta casos de terrorismo, contudo muitos dos quais não reportados por isso estarem ao nível A. Houve casos de violência eleitoral que tomando em conta os casos de destruição infraestruturas públicas e privadas, onde a violência situa-se a nível B. E os casos de maiores casos de mortes que situam-se no nível C.

***Em entrevista com um eleitor anónimo realizada no dia 16 de Dezembro de 2023 de Montepuez defendeu que:***

“as eleições aqui em Montepuez foram caracterizadas por medo devido aos ataques protagonizados pelos terroristas. Vimos muitos casos de intimidações, destruição de infraestruturas que casos mais graves assistimos a morte arrepiantes dos nossos irmãos pelas mãos dos terroristas. Eu lembro que recebemos deslocados de outras partes de Cabo Delgado que eram vítimas desse fenómeno onde nos contaram-nos que perderam tudo durante os ataques”.

***Outro entrevistado defendeu que:***

“eu perdi avó que era de Mputo, porque quando houve alguns ataques onde ela vivia minha avó não conseguiu sair para as matas com os outros. Quando chegaram na nossa aldeia os terroristas queimaram as nossas casas e mataram muitos dos nossos aldeões, foi uma situação de salve-se quem puder não deu para levar nada, senão sair de casa para escapar da morte” (Anónimo dia 16 de Dezembro de 2023).

***Ainda na mesma senda dos argumentos acima segundo o IESE (2022)***

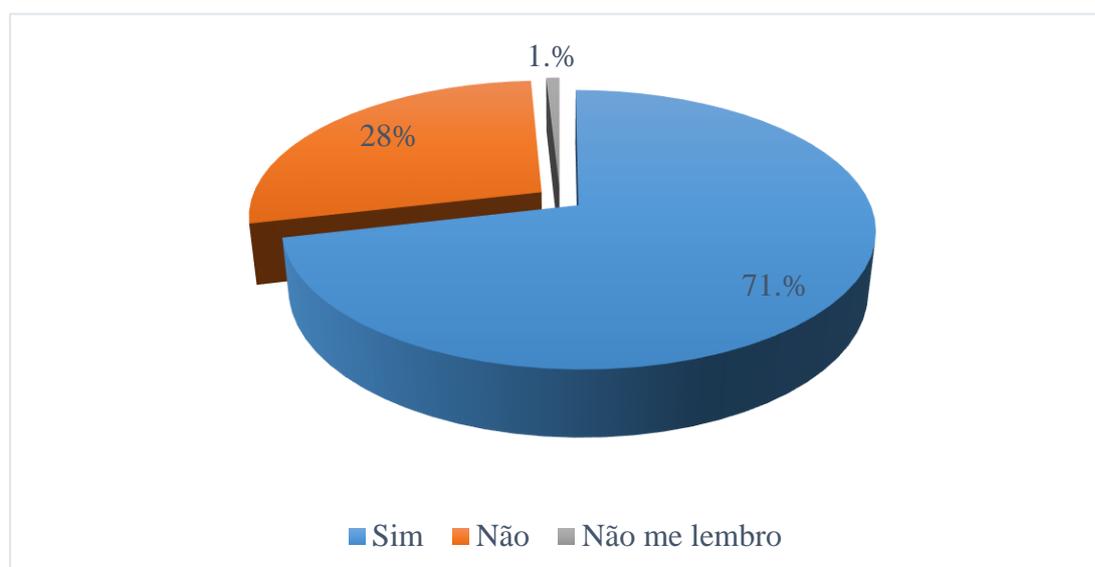
“no dia 12 de Fevereiro de 2023, cerca de uma centena de insurgentes atacou um posto conjunto das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), da Polícia da República de Moçambique (PRM) e da Migração, na sede do posto administrativo de Nairoto, matando cinco membros das Forças de Defesa e Segurança. Neste ataque, os insurgentes adquiriram material de guerra, incluindo fardas das tropas regulares. Como resultado deste assalto, a Nairoto Resources, mineradora que explora ouro a 15km da sede do posto administrativo de Nairoto, cessou as operações e evacuou todo o campo. Este ataque levou à deslocação de várias famílias residentes na sede do posto administrativo para zonas consideradas mais seguras e aumentou o sentimento de insegurança no distrito”.

Como podemos constatar a partir das entrevistas acima bem como o estudo do IESE (2023), a presença de deslocados pelo terrorismo gera um sentimento de ansiedade entre os inquiridos porque aumenta a consciência de que o terrorismo pode alastrar-se até aos seus locais de residência e eles arriscam a tornarem-se deslocados. O sentimento generalizado de insegurança causado pela insurgência é agravado pelas experiências e relatos de episódios de violência perpetrados pelos terroristas. O desconforto com a presença de deslocados geralmente resulta da dificuldade de comunicação e disputas por recursos escassos existentes nas comunidades hospedeiras, ou providenciados por organizações humanitárias.

#### **D) Terrorismo vs Abstenção eleitoral**

Estudos realizados nas últimas décadas na América Latina trouxeram novas dinâmicas para a compreensão do impacto do terrorismo no comportamento eleitoral, o exemplo disso são os estudos de Ayres (1998); Bailey e Gustavo (2006), constataram que o comportamento eleitoral é severamente afectado pelos ataques terroristas, ou seja, a participação dos eleitores nos processos eleitorais tendeu a ser menor em contextos com maiores incidências dos ataques terroristas. Como podemos constatar que no distrito de Montepuez os argumentos dos autores acima, enquadram-se devidamente, pois segundo os nossos entrevistados, o terrorismo teve impacto na maneira como os eleitores posicionaram-se durante as eleições gerais de 2019. Essa informação apresenta-se da seguinte forma graficamente.

**Gráfico 5: Terrorismo vs Abstenção eleitoral**



**Fonte: Elaborado pelo autor com base nos 384 inqueridos.**

De forma específica, fazendo uma análise sobre o terrorismo e comportamento eleitoral, olhando para os dados acima, espera-se que em contextos eleitorais caracterizados por ataques terroristas, a participação eleitoral diminua. Portanto, os eleitores se absterão de votar como um mecanismo para se proteger desses ataques terroristas. Com base nos dados do gráfico acima ilustrado, através das respostas dos nossos inqueridos obtidas no trabalho de campo, os eleitores que afirmaram que não votaram por causa dos ataques terroristas correspondem a cerca de (71%), e uma minoria reduzida dizem que exerceram seu direito ao voto que corresponde a (28%). E isso é demonstrado nas palavras dos entrevistados:

“presenciei situações de pessoas que disseram que não votaram nas eleições Gerais de 2019 porque nada vai mudar, nossos irmãos estão a morrer aqui, eu que estou aqui a falar não fui votar devido ao medo de ser vítima desses ataques terroristas. Conheço várias outras pessoas que também não o fizeram por causa dessa situação, vou dar o exemplo dos meus amigos mais próximos que não foram votar no dia eleições devido aos medos que foram criados por esses terroristas, como nós aqui somos muito unidos foi fácil saber quem não votou e votou no dia das eleições” (Anónimo dia 16 de Dezembro de 2023).

#### ***Ainda na senda desses argumentos acima:***

(...) naquelas eleições foi difícil [...] ter cabeça para ir votar, tivemos situações normais de pessoas que não quiseram votar porque acharam que era muito perigoso, tive uma experiência em minha casa na qual o meu irmão mais velho não foi votar porque segundo ele, não tinha condições nem cabeça para pensar nisso porque o medo era maior em relação a um simples voto. Ainda nisso eu afirmo que durante a campanha eleitoral, aqui nessa aldeia numa das madrugadas tivemos uma situação de ataque, quando acordamos já tinham queimado algumas casas e feito algumas vítimas, por isso a maioria das pessoas daqui deixaram de votar porque não estavam preparadas para estar naquele cenário de multidões. (Anónimo dia 16 de Dezembro de 2023).

#### ***Outra entrevistada defendeu que:***

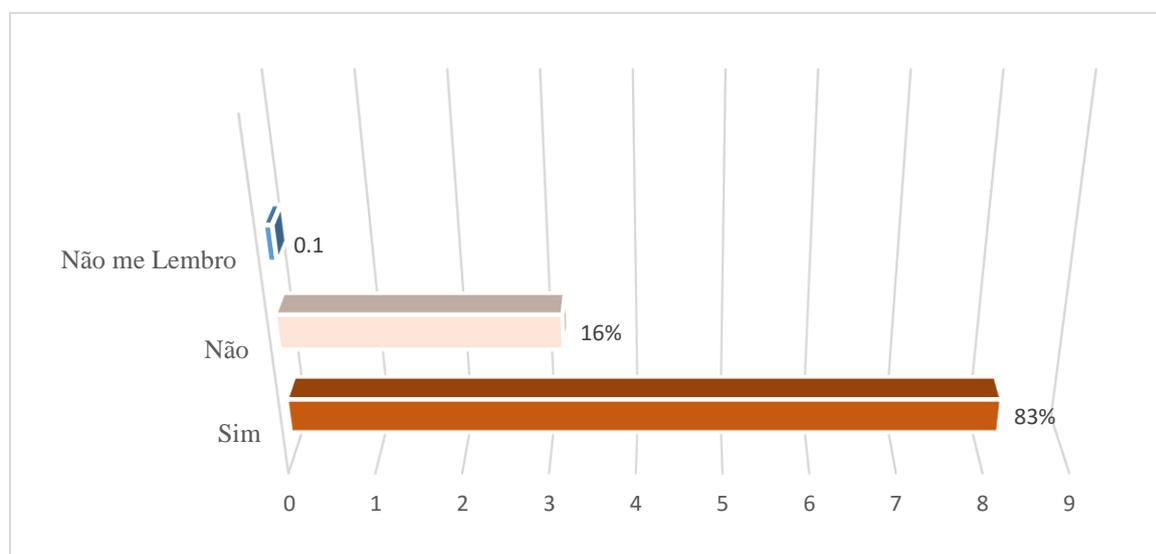
“era difícil na altura mudar a ideia das pessoas sobre ir votar nas eleições porque não havia segurança nenhuma aqui Mirate, talvez não fosse noticiado, mas tivemos deslocados aqui nas escolas onde tínhamos as urnas e essa situação nos deixou preocupados porque não sabíamos quem podia ser deslocado ou não as pessoas não foram as urnas por esse motivo. Meu primo não votou porque disse que não queria estar em lugares onde estava cheio de pessoas. Em um lugar cheio de pessoas não era seguro para ele estar, porque não sabemos quem é quem ali, ou seja, quem é deslocado e quem era terrorista, terrorista não tem cara então para ele o melhor era estar em casa” (Entrevista anónima com feita no dia 16 de Dezembro de 2023).

Em síntese, com base nos argumentos acima levantados e com base nos dados colhidos no trabalho de campo consideramos que os elevados índices de violência e insegurança aumentaram o número de eleitores desencantados e apáticos em relação ao processo eleitoral no distrito de Montepuez, pois a violência registada e que continua se registando no distrito acima é um mecanismo eficaz para manter longe das urnas os eleitores, e advogamos que a sensação de insegurança que os eleitores estão sujeitos aumentou de forma significativa a abstenção eleitoral em territórios que apresentam elevados índices de ataques terroristas.

### E) Terrorismo e mudança de votos em relação aos partidos políticos

De acordo com Baccini et al. (2021), em contextos de ataques terroristas, a participação eleitoral é severamente afectada, pois o nível de controlo territorial por parte dos terroristas, vai reduzir o número de eleitores que participação do processo eleitoral. No que diz respeito às opções de distribuição dos votos aos partidos políticos, os eleitores estarão mais propensos a apoiar candidatos e partidos mais fortes<sup>49</sup> em relação aos partidos minoritários.

**Gráfico 6: Mudança de voto em relação aos partidos políticos**



**Fonte: Elaborado pelo autor com base nos 384 inqueridos.**

<sup>49</sup> Partidos fortes Segundo Baccini et al. (2021), são aqueles partidos que possuem uma estrutura financeira considerável, uma agenda clara de combate ao terrorismo, e que traz os assuntos de segurança em debate no combate ao terrorismo. Nessas circunstâncias, segundo o autor esses partidos fortes acabam ganhando as eleições com uma margem considerável de votos em relação aos demais partidos políticos.

O gráfico acima representa a mudança de voto dos eleitores em relação aos partidos políticos nas eleições Gerais de 2019, onde com base nos inquéritos distribuídos no distrito de Montepuez foi possível constatar uma mudança de voto dos eleitores em relação aos seus partidos habituais. Em nossa unidade de análise com base nos dados obtidos a partir das nossas entrevistas em Montepuez, percebeu-se que em contextos de terrorismo, a participação eleitoral foi bruscamente afectada, porque o nível de controlo territorial por parte dos terroristas, reduziu o número de eleitores que participaram do processo eleitoral.

Quando um Estado enfrenta uma crise de segurança mostra as qualidades do partido no poder, no que diz respeito a sua agenda de segurança contra os ataques terroristas, onde por sua vez devido a essa situação os eleitores votam ou punem os partidos com manifestos eleitorais que pautem por questões de segurança contra os ataques ou ameaças dos ataques terroristas.

Corroborando com análise acima, os partidos políticos devem mostrar que são responsáveis pela segurança eleitores face aos ataques e podem atribuir-lhes a responsabilidade pelo fracasso e sucesso em proteger o país do terrorismo. E isso é traduzido nas palavras dos nossos entrevistados:

(...) eu confesso que queria ter ido as urnas votar no meu partido, mas não fui votar, não tinha coragem para votar, as coisas estavam fora do controle das nossas autoridades, quando dentro de uma família um pai não consegue trazer segurança, paz, estabilidade [...] os filhos sentem-se inseguros e com medo porque o pai é incapaz de prover a segurança, paz, estabilidade e como nós aqui em Mirate não fomos votar porque as nossas autoridades não nos transmitiram segurança em relação as nossas vidas por isso que eu e muitos não votamos. (Entrevista anónimo dia 18 de Dezembro de 2023).

***Uma outra entrevistada defendeu que:***

(...) apesar de reconhecer as dificuldades que muitos de nós aqui no distrito de Montepuez vivemos, sobretudo a falta de transporte, problemas com a água, não termos energia e sermos esquecidos pelo partido no poder, nós ainda confiávamos neles. Mas desta vez, eu não votei neles... porque as coisas estão muito erradas aqui nessa parte do país, perde família, amigos e conhecidos por causa desse terrorismo e não podia me subjugar em votar na Frelimo não vale meu voto, desta vez eles estão a exagerar, não se importam com quem morre, somente olham para os seus bolsos não se importam com o sofrimento do povo [...] para nós essa situação de terrorismo foi a gota de água para nos desvincular do partido no poder, (Entrevista anónimo dia 18 de Dezembro de 2023).

Podemos notar que nas respostas acima, parafraseando Vasilopoulos (2018), que defende que o medo gerado pelos ataques terroristas tem impacto em todos os níveis da sociedade, e de forma específica os escritos que existem sobre esse fenômeno mostram as consequências no comportamento eleitoral. Em nossa concepção fica visível que na ameaça de terrorismo os eleitores mudam o seu voto em relação aos incumbentes, ou seja, o apoio eleitoral aos incumbentes diminui mais em distritos expostos aos ataques terroristas, tendo como consequência a diminuição do número de votos aos incumbentes em cerca de 0,3%, o que é um efeito bastante substancial para um único ataque. Em média, portanto, observamos que a lógica de votação retrospectiva tende a prevalecer. Argumentamos ainda que o comportamento eleitoral não encontra evidências de poder manter seus votos a favor dos incumbentes, pois os mesmos não conseguem responder eficazmente as questões de segurança nos quais os eleitores estão inseridos.

“mesmo com o fraco fornecimento de serviços básicos, como saúde, escolas, estradas, nós sabíamos que o partido no poder tem feito muito para nós, porque o partido no poder tem nos ajudado e sempre esteve conosco desde a luta pela independência. Eu tive alguma experiência, nas eleições de 2019 aqui em Montepuez, eu não votei no partido Frelimo por acreditar que esse partido é o responsável pela guerra aqui em Cabo Delgado. A explicação que uso para explicar esse conflito é que não faz sentido votar em pessoas que ganham às custas da dor desse povo” (Entrevista anônimo dia 18 de Dezembro de 2023).

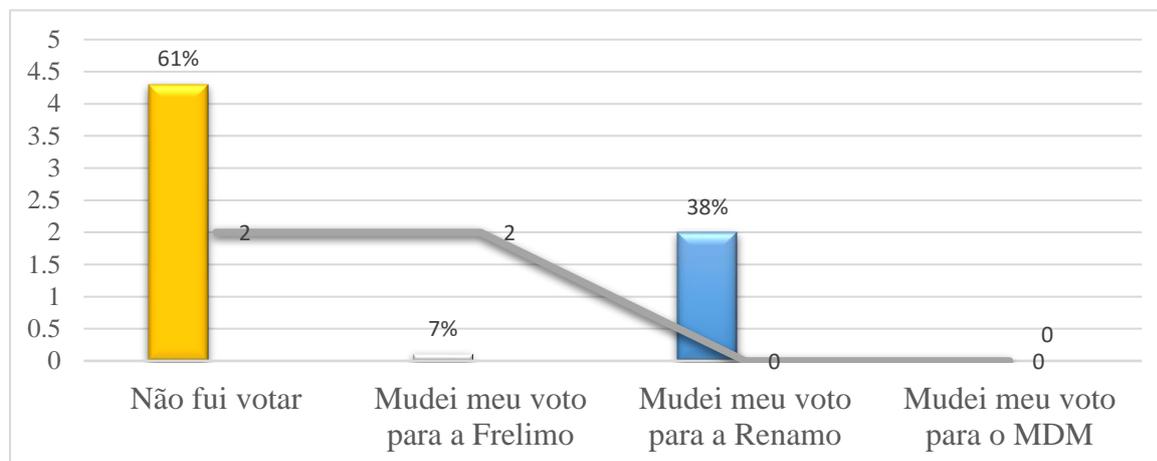
***Em outra resposta semelhante vimos que.***

“desde sempre votei no partido no poder, votei sempre no partido grande que temos aqui, mas desta vez não o fiz porque eles não mereciam de verdade, eles criaram essa guerra para ter esses recursos que existem aqui, eu posso não ter formação superior, mas de uma coisa eu sei, a Frelimo é que criou esses terroristas e agora querem para eu votar? Eu não posso fazer isso, votar em um partido que está a acabar com a vida dos outros? Não, não, não eu não votei nesse partido de verdade. O partido no poder já morreu, não votamos no mesmo porque é a responsável pelo terrorismo, não adiantava votar, eu digo que não votei no partido no poder e sinto-me bem em dizer isso, eu não podia votar nos líderes que financiam esses ataques” (Entrevista anônimo dia 18 de Dezembro de 2023).

Em geral parafraseando os argumentos de Berrebi e Klor (2019), a ocorrência de ataques terroristas em uma determinada área três meses antes da realização das eleições provoca um aumento de cerca de 1,35% da perda do poder por parte dos incumbentes. Este efeito é de grande magnitude política, pois o eleitorado acredita que não votando nos incumbentes pode criar mecanismos para o combate ao terrorismo. Aliado ao debate acima sobre os ataques terroristas e mudança de votos em relação aos partidos políticos, indicámos no gráfico abaixo

as percentagens dos eleitores inqueridos que mudaram o seu voto em relação aos três principais partidos que participaram das eleições Gerais de 2019 no distrito de Montepuez.

**Gráfico 7: Mudança de voto em relação aos partidos políticos**



**Fonte: Elaborado pelo autor com base nos 384 inqueridos.**

Olhando para o caso de Montepuez, podemos observar que o argumento dos autores acima encontra validação pois, como pode ser constando que dos 384 inqueridos, 61% abstiveram-se do processo eleitoral devido ao impacto dos ataques terroristas, cerca de 38% mudaram seu voto a favor da Renamo e 7% dos eleitores com idade compreendida entre 55-56 optaram em votar no partido Frelimo. Nisso segundo os nossos entrevistados em relação ao seu voto depositado no partido Frelimo mesmo em contextos do terrorismo advogam que:

“nós aqui em Cabo Delgado, falando de Montepuez somos unidos, não há nenhum outro partido além da Frelimo que possa arrancar as nossas raízes, porque confiamos e vamos confiar até a nossa morte. Nós aqui em Montepuez, parece que já consumimos o sangue da Frelimo e não podemos largar. Nós somos próprios da Frelimo, nós somos a Frelimo, e a Frelimo nasce aqui em Cabo Delgado e não podemos largar” (Entrevista anónimo dia 19 de Dezembro de 2023).

***Outro entrevistado defendeu que:***

“à Frelimo somos nós, todos aqui em Montepuez. Montepuez são próprios da Frelimo, e somos filhos da Frelimo e estamos crescendo com a Frelimo. Nós achamos que gozamos da bênção da Frelimo e o partido sensibilizou muito este distrito, por isso achamos que somos primeiros filhos da Frelimo, (Entrevista anónimo dia 19 de Dezembro de 2023).

***Percebemos que o eleitorado de Montepuez de forma específica o eleitorado de 55-56 anos de idade na sua maioria vota no partido Frelimo como sinónimo do hábito. E isso é ilustrado com um dos nossos entrevistados:***

(...) eu e [...] muitos outros colegas do bairro votamos no partido Frelimo porque já estamos habituados. Não podemos trocar de partido, isso seria ofender a nós mesmos. Eu não posso votar contra o partido Frelimo, já estou habituada a ela. Desde que nasci, muito antes de conhecer mulher, já conhecia o partido Frelimo, pois ela lutou e libertou o País. Desde a juventude vivo a partir do partido Frelimo assim vai custar largar este partido que amo. O meu hábito do partido Frelimo não é porque dá-me dinheiro, mas sim porque gosto e confio, confio muito este partido, e sou fiel a ele. (Entrevista anónimo dia 20 de Dezembro de 2023).

A identificação partidária pode estar aliada a falta de alternativas ou talvez produto directo das influências da comunidade ou tradição familiar e isso pode ser potenciado pelas relações de lealdade estabelecidas e gosto por um certo partido. Para tal, ao longo duma das entrevistas com um dos eleitores, disse que:

“aqui em Montepuez, poderá ser difícil largar-se o partido Frelimo, pois nós não vimos nenhum outro partido aqui, ou seja, não existem. Isso não significa que os partidos da oposição são proibidos de chegar aqui, ou são proibidos de instalar sua sede e exercer suas actividades livremente, o que acontece é que eles sabem da história do partido Frelimo aqui em Montepuez, então os partidos sentem que não terão espaço, e só aparecem em momentos de campanha e não são muitos partidos, é um ou dois partidos. Também não vamos largar a Frelimo porque para nós de Montepuez é como nosso pai, nossa mãe e nosso filho. Não podemos trocar por nada. (Entrevista anónimo dia 20 de Dezembro de 2023).

***Outra entrevistada defendeu que:***

“eu não votei no partido Frelimo porque não está a conseguir parar com o terrorismo, foi por isso que eu votei no partido Renamo para pelo menos ver se podemos tentar mudar alguma coisa em relação a esse conflito aqui localizado. Crescemos apreendendo que a Renamo é grupo de bandidos que destruíram o país, mas desta eu optei em não olhar para essa história que era contada pelos meus avós e meus pais votei neles porque quem sabe pode tentar fazer alguma coisa” (Entrevista anónimo dia 21 de Dezembro de 2023).

***Ainda sobre o porquê mudar-se o voto para a Renamo os entrevistados defendiam que:***

“é muito complicado votar em outro partido político aqui devido a questões políticas que existem desde em casa, amigos, trabalho, chefes do bairro etc. Mas como jovem que quer ver mudanças acontecendo em relação ao terrorismo eu decidi arriscar e fazer isso porque não aguento ver os meus irmãos morrendo por causa dessa violência causada pelos terroristas e que o partido Frelimo não consegue lidar criando mecanismos para poder terminar com essa situação por isso eu arrisquei e votei na Renamo porque pelo menos não sabemos o que ainda pode fazer, mas ficar com a Frelimo não está a conseguir estancar essa situação de ataques terroristas” (Entrevista anónimo dia 21 de Dezembro de 2023).

***Em uma última entrevista percebemos essa consciência de mudança em relação ao voto no partido Frelimo para a oposição.***

“pelomenos o partido Renamo pode trazer algo novo em relação ao partido Frelimo, esse conflito já dura pelo menos seis anos e nada muda aqui, nossos irmãos estão a morrer e o partido no poder parece que não consegue acabar com os terroristas, assim como e vários outros jovens tivemos nas eleições de 2019 como mecanismo para ver se conseguia fazer algo diferente votando no partido Renamo que conseguiu mostrar em seu manifesto durante a campanha eleitoral uma vontade de mudar essa situação” (Entrevista anónimo dia 21 de Dezembro de 2023).

Como é possível notar nas entrevistas acima, que os jovens com idade compreendida entre 18-35 do distrito de Montepuez não vêm ganhos em votar no partido Frelimo. Eles fazem cálculos utilitários sobre as vantagens de votar no partido Frelimo sendo que o mesmo não conseguiu estancar os ataques terroristas, e vendo que as coisas, ao seu entender, vão continuar “na mesma” é racional para eles mudarem o seu voto a favor do partido Renamo. Outro ponto, não pouco importante, é a questão da alternância tal como foi apontando por um dos entrevistados. Sucede que, entre os jovens há uma força e vontade de mudança e quando se percebe que o acto de votar não tem eficácia na alternância, os jovens sentem-se powerless e optam racionalmente por não votar.

## CONCLUSÃO

O trabalho desenvolvido ao longo dos capítulos anteriores tinha como objectivo analisar o impacto do terrorismo no comportamento eleitoral no distrito de Montepuez, no âmbito das eleições Gerais de 2019, especificamente buscámos discutir a relação existente entre o terrorismo e o comportamento eleitoral no distrito de Montepuez; bem como explicar o uso do discurso sobre o terrorismo pelos partidos políticos para fazer a sua campanha eleitoral. Desta parte do trabalho constam duas secções. A primeira apresenta as principais conclusões do estudo. Na segunda, e última secção, sugere-se algumas recomendações consideradas relevantes e decorrentes deste estudo.

Ainda aliado o parágrafo acima, desenvolveu-se em conformidade com a seguinte pergunta de partida: Até que ponto os ataques terroristas podem ter influenciado o comportamento eleitoral no Distrito de Montepuez nas eleições gerais de 2019? Para a análise do objecto de estudo do trabalho, usou-se a teoria do traumatismo histórico, aliada a teoria de escolha racional. Usamos também o método dedutivo, bem como o estudo de caso. Mais ainda, à abordagem para a recolha de dados foi eminentemente qualitativa, onde usamos a amostragem probabilística de. Para testar a nossa hipótese, conduzimos um inquérito a 384 eleitores, nos quais procurámos perceber os dos elementos que influenciaram a sua decisão de votar ou ainda mudar o seu voto a um determinado partido, e por fim abster-se de participar de todo o processo eleitoral de 2019.

As respostas que obtivemos trouxeram-nos evidência suficiente para confirmar parcialmente a hipótese, como também para refutá-la (o que em ciências sociais é recomendado). Nisso de forma sumária aceitamos de forma positiva a hipótese central do nosso estudo, onde partimos do pressuposto de que o comportamento eleitoral nas eleições Gerais de 2019, particularmente no distrito de Montepuez, foi afectado pelos ataques terroristas que ocorrem naquela parcela do país desde Outubro de 2017, facto que se justifica pelo declínio da participação eleitoral em todas suas fases, comparativamente as eleições já realizadas na história eleitoral e política do país.

Em termos dos objectivos pré-estabelecidos neste estudo, os mesmos foram alcançados, na medida em que durante a análise e interpretação dos resultados. Foi analisada a relação existente entre o terrorismo e o comportamento eleitoral no distrito de Montepuez, ou seja, o impacto que este fenómeno teve no comportamento eleitoral onde ficou evidente durante as

nossas entrevistas que apesar da participação dos eleitores naquelas eleições houve uma forte tendência a abstenção eleitoral, e mudança de voto dos eleitores em relação aos partidos aos partidos Frelimo e Renamo. Embora apenas um pequeno número de inquiridos cerca de 20%, revele que participou do processo eleitoral e votou no mesmo partido, tivemos um número superior de 75% de eleitores que afirma não ter participado do processo eleitoral e uma margem considerável mudou o seu voto para os demais partidos que não fosse o seu partido habitual. E por fim, os demais 5% dos entrevistados revelam ter respostas incongruentes em relação a temática que foi objecto de estudo desta dissertação.

***Mais ainda, da análise feita dos dados obtidos ao longo do trabalho, podemos de forma detalhada concluir que:***

1<sup>a</sup>. Ora, o estudo sobre o comportamento eleitoral no seu todo e especificamente para o caso de Montepuez, não pode ser compreendido numa forma generalizada pois este deve ser considerado em seu contexto específico de análise e suas diversas singularidades. Ou seja, deve-se compreender que há um conjunto de factores estruturais e conjunturais que influenciam o simples acto de votar no contexto de Montepuez. Por isso, os resultados das eleições Gerais de 2019 em Montepuez reflectem necessariamente um determinado momento e situação singular do momento e espaço político em que ocorre a eleição;

2<sup>a</sup>. Os dados apresentados durante o trabalho permitem concluir que por um lado, os eleitores sem nenhuma filiação partidária, os mais jovens, os desempregados e os trabalhadores informais são os que mais votaram contra o partido Frelimo influência negativa do dos ataques terroristas. E, por outro lado, os eleitores do sexo feminino são os que mais abstêm-se devido ao medo de serem vítimas do terrorismo. Mostramos que o terrorismo exerce um efeito positivo e significativo no comportamento eleitoral;

3<sup>a</sup>. Ainda aliado ao argumento acima, ao fazer a descrição sobre as dinâmicas e os processos eleitorais, permitiu-nos constatar que os eleitores inqueridos a sua maioria votaram na Renamo nas eleições gerais de 2019. Procuramos captar os determinantes do voto a favor da Renamo, constatamos que, o voto a favor da Renamo é explicado como uma resposta a falta de mecanismo que o partido no poder tem de acabar com o terrorismo e nisso a Renamo conseguiu obter uma grande simpatia por parte da população local. Estes factores estruturaram o comportamento eleitoral a favor da Renamo nas eleições gerais de 2019. Nesta configuração, ataques terroristas trazem informações ao eleitorado, isto é, os ataques terroristas tendem a

persuadir o eleitorado de que o partido no poder parece incapaz de lidar eficazmente com o terrorismo e as preocupações sobre a segurança e o bem estar são maiores;

4ª. De igual modo, ficaram explicadas os aspectos ligados as demandas sociais no distrito de Montepuez e parafraseando os estudos do IESE (2023), temos uma situação de equilíbrio, mas revelando alguma tensão. Embora apenas um pequeno número de inquiridos, especialmente os camponeses os trabalhadores informais, e os eleitores pouco escolarizados consideram que as suas condições de vida são más, há um número superior que afirma que as suas condições teriam sido melhores no passado e há uma forte expectativa em relação ao futuro, pois perto de dois terços dos inquiridos têm a expectativa de ver a sua situação melhorar. Mais adiante, identificou-se que a insegurança no distrito levanta ainda discussões, na medida em que maior parte dos inquiridos se sentem sempre em insegurança. No entanto, apesar de os inquiridos apontarem a existência de muitos deslocados por motivo de conflito armado, as relações com as pessoas oriundas de outras zonas não parecem colocar problemas, pois as relações com essas pessoas são consideradas satisfatória, pela grande maioria dos inquiridos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros e artigos

ABRAHMS, M. (2006a). *Why Terrorism Does Not Work*. International Security, pp. 42 – 78.

ABRAHMS, M. (2008b). *What Terrorists Really Want? Terrorist Motives and Counterterrorism Strategy*. International Security, pp. 78-105.

ADEJUMOBI, S. (2000). *Elections in Africa: A fading shadow of democracy?* International Political Science Review 21(1): 59-73.

ADHENGO, Boaz. (2010). *Debating Global Terrorism: Ethical Implications for Africa's Development*. EEIU Nabuur.

AGBAJE, A, Adejumobi, S. (2006). *Do Votes Count? The Travails of Electoral Politics in Nigeria*. Africa Development, pp. 25-44.

AGU, S.U., OKEKE, V.O.S, IDIKE, A.N. (2013). *Voters Apathy and Revival of Genuine Political Participation in Nigeria*. Mediterranean Journal of Social Sciences, pp.439.

ANTUNES, Rui Jorge (2008). *Identificação partidária e comportamento eleitoral: fatores estruturais, atitudes e mudanças no sentido do voto; Coimbra*. Tese de Doutorado.

ARROWS, Kenneth (1963). *Social choice and individual values*. New Haven: Yale University Press.

AUGUSTO Carlos. (2018b). *A Emergência do Terrorismo no Cinturão de Mocímboa da Praia: Quem são? O Que Querem? Como Operam? Quem Apoia?*

AYANDA, A. E BRAIMAH, J.O. (2015). *Comparative Study of 2011 and 2015 Presidential Elections in Nigeria*. Global Journal of Human-Social Science Research.

AYRES, Robert L. (1998), *Crime and Violence as Development Issues in Latin America and the Caribbean*, Washington, D.C.: The World Bank.

BAILEY, John, e GUSTAVO Flores-Macías. (2007). *Violent Crime and Democracy: Mexico in Comparative Perspective*, paper presented at the Annual Midwest Political Science Association Conference, Chicago.

BAKER, Andy, BARRY Ames, LUCIO R. Renno. (2006). *Social Context and Campaign Volatility in New Democracies: Networks and Neighborhoods in Brazil's 2002 Elections*, in: American Journal of Political Science, pp. 382-399.

BALI, Valentina A. (2007). *Terror and Elections: Lessons from Spain*. Electoral Studies.

BASUCHOUDHARY, Atin e WILLIAM F. Shughart. (2010). *On Ethnic Conflict and the Origins of Transnational Terrorism*. pp. 65-87.

BATESON, Regina. (2012). *Crime Victimization and Political Participation*, in: American Political Science Review, pp. 570–587.

BEHR, I. V., REDING, A., Edwards, C., & GRIBBON, L. (2013). *Radicalization in the Digital Era: The use of the internet in 15 cases of Terrorism and Extremism*. RAND Corporation, pp. 1-59.

BERELSON, Bernard R., LAZARFELD, Paul F, MCPHEE William N. (1954). *Voting: A Study on Opinion Formation in a Presidential Campaign*. Chicago: University of Chicago Press.

BERREBI, Claude, e ESTEBAN F. Klor. (2019). *Are Voters Sensitive to Terrorism? Direct Evidence from the Israeli Electorate*, in: American Political Science Review, pp. 279–301.

BERREBI, Claude. (2007). *Evidence about the Link between Education, Poverty and Terrorism among Palestinians*. *Peace Economics*, Peace Science and Public Policy.

BLAKELEY, R. (2009). *State Violence as State Terrorism*. In ROBERT, Jackson, EDUARD. Murphy, & S. Poynting, *Contemporary State Terrorism: Theory and Practice*. N/A: Routledge, pp.22-34

BLANCHARD, Lauren P. (2013). *In Brief: The September 2013 Terrorist Attack in Kenya*. Congressional Service Research, pp. 1 – 11.

BOLAJI, Kehinde A. (2010). *Preventing Terrorism in West Africa: Good Governance or Collective Security?* Journal of Sustainable Development in Africa. Volume 12. Clarion University of Pennsylvania, pp. 207 – 222.

BONATE Liazzat J. K, (2022a). *O Jihadismo Transnacional e a Insurgência em Cabo Delgado, Moçambique.*

BONATE Liazzat J. K, (2022b). *Intervenção de Liazzat J. K. Bonate: Cabo Delgado como um Catálogo de Falhas.* ASA November 19, 2020, mesa redonda acerca de Crise em Cabo Delgado.

BOONE, Catherine, e NORMA Kriger, (2010). *Multiparty Elections and land Patronage: Zimbabwe and cote d'Ivoire.* Commonwealth and Comparative Politics, pp. 173-202.

BOTHA, Anneli. (2007). *Relationship between Africa and International Terrorism: Causes and Linkages.* Conference on Southern African and International Terrorism. The Brenthurst Foundation Tswalu, pp. 1-13.

BÖTTICHER, A. (2017). *Towards Academic Consensus Definitions of Radicalism and Extremism.* Terrorism Research Initiative, pp. 73-77.

BRATTON, M. (2008). *Vote buying and violence in Nigerian election campaigns.* Electoral Studies, pp.621-632.

BYMAN, D. (2012). *Iran's Support for Terrorism in the Middle East.* Senate Committee on Foreign Relations.

CAMPBELL Evans T. (2008). *Historical trauma in American Indian/Native Alaska communities: A multilevel framework for exploring impacts on individuals, families, and communities.* Journal of Interpersonal Violence, pp. 316 – 338.

CDD. (2020). *Perante o Silêncio e o Desnorte Político de Presidente Filipe Nyusi: Terroristas ocupam território e passeiam nas vilas do norte de Cabo Delgado,* Maputo.

CEURBE. (2019). *Os legalmente incapturáveis: desordem governa os 45 dias de campanha eleitoral 2019.* 2ª ed. 15 de Outubro de 2019, pp. 1-6.

CHAIMITE, Egídio. (2016). *Administração eleitoral em Moçambique: Reformas necessárias.* Maputo, Boletim Nº 92.

CHALIAND, G., & BLIN, A. (2007). *The History of Terrorism: From antiquity to Al Qaeda*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press.

CHATURVEDI, Ashish. (2005). *Rigging elections with violence*. *Public Choice*, pp. 189-202.

CHICHAVA, Sérgio, (2020b). *Quem é o inimigo que ataca Cabo Delgado?* Breve apresentação das hipóteses do governo Moçambicano, IDEIAS 129: IESE, Maputo: Moçambique.

CHICHAVA, Sérgio. (2020a). *Os primeiros sinais do Al Shabaab em Cabo Delgado: Algumas histórias de Macomia e Ancuabe*, IDEIAS 127: IESE, Maputo: Moçambique.

CHICHAVA, Sérgio. (2020c). *As primeiras caras do Al-Shabaab em Cabo Delgado: O caso de André Idrissa em Cogolo*. IDEIAS 134: IESE, Maputo: Moçambique.

CHICHAVA, Sérgio. (2020d). *Maulana Ali Cassimo: Insurgência no Norte de Moçambique vista do Niassa*.

CHICHAVA, Sérgio. (2020e). *Ugandeses e Tanzanianos do Al-Shabaab: Um olhar à dimensão internacional do conflito em Cabo Delgado*. In: S. Forquilha (ed.). *Desafios para Moçambique 2020*. Maputo: IESE pp. 429-439.

CIP. (2020). *Impacto dos ataques armados nas receitas fiscais: Cabo Delgado perdeu cerca de 2 biliões de meticais entre 2018 e 2019: Província sob risco de Armadilha do Conflito*, Maputo.

COLLIER, Paul, VICENTE, Pedro C. (2012). *Violence, bribery, and fraud: the political economy of elections in Sub-Saharan Africa*. *Public Choice*, pp. 1-48.

CONNING, Cedric De (2004). *Poverty and Terrorism: The Cause Debate? Training for Peace* (ed.) **Conflict Trends**. ACCORD, pp. 20 - 29.

CORDER, J. Kevin, WOLBRECHT. Christina. (2006). *Political Context and the Turnout of New Women Voters after Suffrage*. *The Journal of Politics*. pp. 34-49.

COUNTER-EXTREMISM Project. (2017). *Tanzania: Extremism and Counter Terrorism*. Counter Terrorism Project.

COUNTER-EXTREMISM Project. (2018). *Somalia: Extremism and Counter extremism. Counter-Extremism Project.*

CROUCH, J. (2018). *Counter-terror and the Logic of Violence in Somalia's Civil War: Time for a New Approach.* Safer Word.

DAVIS, Darren W., BRIAN D. Silver, (2004). *The Threat of Terrorism, Presidential Approval, and the 2004 Election.* Mimeo. Michigan State University, Department of Political Science.

DAVIS, J. (2016). *Africa and the War on Terrorism.* Routledge.

DE Brito, Luis. (2020). *Geografia eleitoral e insurgência em Cabo Delgado.* In: S. Forquilha (ed.). Desafios para Moçambique 2020. Maputo: IESE pp. 53-60.

DOWNS, Anthony (1999). *Uma Teoria Económica da Democracia.* Tradução de Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos. São Paulo: EDUSP.

EISA. (2016). *Relatório sobre as eleições presidenciais, legislativas e das assembleias provinciais 2014.* Maputo, nº 35, 2016.

FALADE, D.A., (2015). *Political Participation in Nigerian Democracy: A Study of Some Selected Local Government Areas in Ondo State, Nigeria.* Global Journal of Human-Social Science Research.

FIGUEIREDO, Marcus (1992). *A decisão do voto: democracia e racionalidade.* São Paulo: Ed. Sumaré/ANPOCS.

FORQUILHA, Salvador e PEREIRA João. (2022b). Dinâmicas da migração e o desenvolvimento da insurgência Jihadista no norte de Moçambique. In: Macuane e Siúta (ed.). Desafios para Moçambique 2022. Maputo: IESE pp. 429-439.

FORQUILHA, Salvador, e PEREIRA, João. (2020a). *Face ao conflito no Norte, o que Moçambique pode aprender da sua própria guerra civil (1976-1992)? Uma análise das dinâmicas da insurgência em Cabo Delgado.* Boletim Ideias 130. Maputo: IESE

GANOR, B. (2002). *Defining Terrorism: Is One Man's Terrorist another Man's Freedom Fighter?* Pp. 287-304.

GARCIA, F. P. (2010). *Da Guerra e da Estratégia: A Nova Polemologia,* Lisboa, Prefácio

GARCÍA, Miguel. (2009). *Political Violence and Electoral Democracy in Colombia: Participation and Voting Behaviour in Violent Contexts*, Pittsburgh: University of Pittsburgh.

GARCÍA, Miguel. (2019). *Bullets and Ballots: Political Violence and Electoral Turnout in Colombia, 1990-1994*. Paper read at Midwest Political Science Association (MPSA) meeting, at Chicago, Illinois.

GELPI, Christopher, PETER D. Feaver e JASON Reifler. (2006). *Success Matters: Casualty Sensitivity and the War in Iraq*, International Security.

GENOUD, Eric Morier. (2021). *A insurgência Jihad em Moçambique: Origens, Natureza e Início*. IDEIAS 21: IESE, Maputo, Moçambique.

GETMANSKY, Anna. (2011). *Whose Life Is Worth More? Domestic Politics, Counterterrorism, and Terrorists Selection of Targets*. Working Paper, New York University

GILES, W. M.e J. Hyndman. (2004). *Sites of violence: Gender and conflict zones*. University of California Press.

GUILMARTIN, Eugenia. (2004). *Terrorist Attacks and Presidential Approval from 1949--2002*. Mimeo, U.S. Military Academy.

GUTIÉRREZ Guerrero, Eduardo. (2010), *Cómo reducir la violencia en México*. in: Nexos, 3 November.

GUTIÉRREZ Guerrero, Eduardo. (2011). *Security, Drugs, and Violence in Mexico: A Survey*, Washington D.C. Lantia Consultores, S.C.

HABIBE, Saide, FORQUILHA, Salvador e PEREIRA, João. (2019). *Radicalização Islâmica no Norte de Moçambique: O Caso de Mocímboa da Praia*, *Cadernos 17*, IESE, Maputo: Moçambique.

HAFNER-BURTON, Emilie M., HYDE, Susan D., JABLONSKI, Ryan S. (2014). *When do governments resort to elections violence?* *British Journal of Political Science*, Cambridge University Press, pp. 149-179

HARPER, E. (2018). *Reconceptualizing the Drivers of Violent Extremism: an Agenda for Child and Youth Resilience*. Terre des Hommes and Wanna Institute, pp. 1-34.

HUCKFELDT, Robert. (1979). *Political Participation and the Neighborhood Social Context*. American Journal of Political Science, pp. 579-592.

———. (1986). *Politics in Context: Assimilation and Conflict in Urban Neighborhoods*. New York: Agathon Press.

———. (1995). *Citizens, Politics, and Social Communication. Information and Influence in an Election Campaign*. Cambridge: Cambridge University Press.

IBRAHIM, S.G., LIMAN, A.N, MATO, K., 2015. *The 2015 General Elections: A Review of Major Determinants of Paradigm Shift in Voting Behaviour and Political Participation in Nigeria*. International Journal, 8.

INNOCENT, E.O. Nwaoha, C. (2014). *Women Marginalization in Electoral Politics in Nigeria: A Historical Perspective*. Nigerian Chapter of Arabian Journal of Business and Management Review, pp.1-17.

INTERNATIONAL CRISIS GROUP. (2018). *Conter a Insurreição em Cabo Delgado, Moçambique*. Brussels.

JALATA, A. (2013). *Colonial Terrorism, Global Capitalism and African Underdevelopment: 500 Years of Crimes against African People's*. The Journal of Pan African Studies, vol.5.

KASARA, K. (2014). *Electoral geography and conflict: Examining the redistricting through violence in Kenya*. Workshop. Dept of Political Science, Columbia University,

KERR, N. 2013. *Popular evaluations of election quality in Africa: Evidence from Nigeria*. Electoral Studies 32(4): 819-837.

KIBRIS, Arzu. (2011). *Funerals and Elections: The Effects of Terrorism on Voting Behaviour in Turkey*, Journal of Conflict Resolution.

KRUEGER, Alan B., LAITIN, David D. (2003a). *Kto Kogo? A Cross-Country Study of the Origins and Targets of Terrorism*. Mimeo. Princeton University, Dept of Economics.

KRUEGER, Alan B., MALECKOVA Jitka. (2003b). *Education, Poverty, and Terrorism: Is There a Causal Connection?* Journal of Economics Perspectives 17, pp. 119-144.

LAZARFELD, P. PERELSON, E. & GAIDET, H. (1965). *The people's choice*. Nova Iorque e Londres, Columbia University Press.

LIMEIRA, Tânia & MAIA, Tânia (2010). *Comunicação política e decisão de voto: o que as pesquisas revelam*. Artigo publicado na revista Ponto e Vírgula, p: 42-55.

LINEBARGER, C., SALEHYAN, I. (2012). *Elections and social conflict in Africa, 1990-2009*. Annual Convention of the International Studies Association.

LIPSET, S. M., & Rokkan, S (1967). *Estrutura das clivagens, sistema de partido, e voto de alinhamento: Perspectivas da nação Cruzada*, New York: Free Press.

LUDVIGSEN, Stian Skar. (2005). *The Cost of Ruling Israel: Measuring the Political Cost of Terrorism*.

LUTZ, B., & LUTZ, J. (2013). Terrorism. In A. Collins, *Contemporary Security Studies* (pp. 273-288). Oxford: Oxford University Press.

MACKUEN, Michael, COURTNEY Brown. (1987). Political Context and Attitude Change. *American Political Science Review*, pp. 471-90.

MONDAK, Jeffery J., DIANA C. Mutz, R, HUCKFELDT Robert. (1996). *Persuasion in Context: The Multilevel Structure of Economic Evaluations*. In *Political Persuasion and Attitude Change*, ed. D. C. Mutz, P. M. Sniderman and R. A. Brody. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

MUELLER, Susanne D (2008). *The Political Economy of Kenya's crisis*, pp. 185–210.

MUENDANE, Elísio, EGÍDIO Guambe, GUILICHE Jaime, MACAMO Géssica (2019). *As Inaudíveis: Estudo Sobre Violência Contra a Mulher Nas Eleições: O Caso Dos Municípios de Mocuba e Chókwè*. Maputo: CEURBE.

MUENDANE, Elísio, MACHAVA Adérito e ALAR Julião (2020). *Entre o islão e a insurgência: Narrativas de violência contra as mulheres nas eleições: O caso das autarquias de Mocímboa da Praia e Ilha de Moçambique*.

NGOENHA, Severino, Do AMARAL Giverage, Nhumai Alcido (2020). *Cabo Delgado e o risco sistémico da guerra em Moçambique*. In: S. Forquilha (ed.). Desafios para Moçambique 2020. Maputo: IESE pp. 35-46.

OLIVEIRA, Isabel (2012). *A teoria da escolha racional e o comportamento eleitoral neopentecostal*, Rio de Janeiro, revista pensamento plural, pelotas, Brasil.

PAPE, R.A., (2003). *The Strategic Logic of Suicide Terrorism*. American Political Science Review, pp. 1–19.

PEREIRA A. C. A, (2013). *Somália: Santuário Terrorista? O caso da Al-Shabaab*. IUL. Dissertação de mestrado em relações internacionais. Lisboa. Dissertação de mestrado. Disponível em <https://www.iul.pt>

PHAM, P. (2012). *A Ameaça Crescente do Boko Haram*. Centro de Estudos Estratégicos de África: Resumo de Segurança de África, pp. 1-8.

RADMANN, Alis Rejane Heinemann (2011). *Eleitorado Brasileiro: uma análise ao comportamento eleitoral*, Porto Alegre.

RAPOPORT, D. (2004). *Four Waves of Modern Terrorism*. Em A. Cronin, e J. Ludes, *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*. Washington DC: Georgetown University Press, pp. 46- 73.

SANDLER, T., ARCE, D., e ENDERS, W. (2008). *Terrorism*. Copenhagen Consensus.

SHAMBAUGH, George, JOSIGER William. (2004). *Public Prudence, the Policy Salience of Terrorism and Presidential Approval Following Terrorist Incidents*. Mimeo. Georgetown University, Department of Government.

SILVA, M. D. (2005). *Terrorismo e Guerrilha: Das Origens à Al-Qaeda*. Edições Sílabo.

SITOE, Rufino. (2020). *Terrorismo em África: A presença da ameaça em Moçambique*.

TVM. (2018). *Terrorismo em Palma: Dez pessoas foram decapitadas no Posto Administrativo de Ulombe*.

VENEGAS, Juan M. (2018). *Artero Ataque en Morelia*. In: La Jornada, 17 September.

WARD, Hugh. (1992). in: DUNLEAVY, Patrick (ed.). *Democracy in bureaucracy & public choice: economic explanations in political science*. 2nd ed. New Jersey.

WEBEL, C. (2004). *Terror, Terrorism, and the Human Condition*. New York: PALGRAVE MACMILLAN.

### **Jornais electrónicos**

Diário de Notícias (2019). Estado *islâmico reivindica novos ataques com vários mortos em Moçambique*. Disponível em:

<https://www.addtoany.com/share?url=https%3A%2F%2Fwww.dn.pt%2Fmundo%2Festado-islamico-reivindica-novos-ataques-com-varios-mortos-em-mocambique>, consultado no dia 26 de Julho de 2023.

RFI (2017). *Novos Ataques em Mocímboa da Praia*. Disponível em <https://www.rfi.fr/pt/mocambique/20171013-novos-ataques-em-mocimboa-da-praia>, consultado no dia 26 de Julho de 2023.

VOA (2017). *Mais um ataque em Mocímboa da Praia*. Disponível em <https://www.voaportugues.com/a/mais-ataque-mocimboa-praia/4148160.html>, consultado no dia 26 de Julho de 2023.

### **Monografias e Dissertações**

MACUÁCUA, Lemos Samuel. (2023). *Terrorismo em África: uma análise da Nigéria, Somália e Moçambique (2002-2021)*. Universidade Eduardo Mondlhane, Monografia, Ciência Política.

TERENCIANO, Fidel. (2020). *Democracia Eleitoral e o Papel dos Partidos Políticos na Estruturação do Voto: Um Caso Africano: Moçambique (1994-2014)*.

ZUA, Alexandre, José. (2022). *Cobertura Mediática dos Ataques Terroristas em Cabo Delgado: O caso de Mocímboa da Praia (Março- Maio 2020 e Agosto- Outubro 2021)*. Universidade Eduardo Mondlhane, Monografia, Ciência Política.

## Metodologia de Pesquisa

FERNANDES, António José. (2008). *Introdução à ciência política: teorias, métodos e temáticas*. Porto: Porto Editora.

GIL, Antonio C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ªed. São Paulo: Atlas.

GIL, Antonio. C. (2004). *Como Elaborar Projectos de pesquisa*. São Paulo: editora Atlas S. A.

LOPES, Eugenia Soares e PARDAL, Luís. *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. (S/D): Areal editores, pp. 12.

LUNDIN, Iraê Baptista. (2016). *Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais*. Maputo: Escolar Editora, pp. 144.

MARCONI, Maria de A; LAKATOS, Eva M. (2010). *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo: Atlas.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. (2012). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: editora Atlas S.A.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. (2019). *Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projecto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 7ª ed. São Paulo: Atlas.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria (2018). *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 8ª ed.

MARTINS, Gilberto A. (2012). *Manual Para Elaboração de Monografias e Dissertações*. 3ªed. São Paulo: Atlas, pp. 49.

OLIVEIRA, M. M. (2007). *Como Fazer Pesquisa Qualitativa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, pp182.

QUIVY, R, e CAMPENHOUDT, L.V (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gravida.

RAMOS, Santa T C; NARANJO, Ernan, S. (2014). *Metodologia da investigação científica*. Lobito: Escolar.

SOARES, Edvaldo. (2003). *Metodologia Científica: lógica, epistemologia e normas*. São Paulo: Atlas, 2003.

TANSEY, Oisín. (2007). *Process Tracing and Elite Interviewing: A Case for Non-probability Sampling*. Political Science and Politics, Volume No. 40, October.

# APÊNDICE



## INQUÉRITO

### COMPORTAMENTO ELEITORAL E TERRORISMO EM MOÇAMBIQUE: UMA ANÁLISE DAS ELEIÇÕES GERAIS NO DISTRITO DE MONTEPUEZ (2019)

Este inquérito é um instrumento de investigação, sobre o comportamento eleitoral, no distrito de Montepuez. A investigação é levada à cabo como uma forma de culminação de curso de Mestrado em Ciência Política, pela Universidade Eduardo Mondlane. Os resultados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins académicos. É de realçar que o formulário será preenchido de forma anónima, assim, não carece de nenhuma assinatura ou qualquer forma de identificação dos abrangidos. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou más. Por isso o solicitamos que responda de forma espontânea, sem medo, nenhum receio, e de forma sincera a todas as questões.

#### 1. Sexo

Masculino;

Feminino.

#### 2. Idade

18 – 35;

36 – 45;

46 – 55

56 +

#### 3. Posto Administrativo

Posto Administrativo de Mapupulo;  Posto Administrativo de Mirate;  Posto Administrativo de Nairoto;  Posto Administrativo de Namanhumbir.

#### **4. Habilitações literárias**

(\_\_\_) Sem educação formal; (\_\_\_) Nível primário; (\_\_\_) Nível secundário; (\_\_\_) Educação técnico profissional (\_\_\_); Nível superior (\_\_\_);

#### **4. Ramo de actividade**

(\_\_\_) Agricultura silvicultura e pescas; (\_\_\_) Extração mineira; (\_\_\_) Indústria Manufactureira; (\_\_\_) Energia; ( ) Construção; (\_\_\_) Transporte e comunicação; (\_\_\_) Comércio e finanças; (\_\_\_) Serviços administrativos; (\_\_\_) Outros serviços; (\_\_\_) Desconhecidos.

#### **6. Vivenciou algum acto de terrorismo durante as eleições Gerais de 2019 aqui no teu distrito?**

- a) Sim (\_\_\_);
- b) Não (\_\_\_);
- c) Não me lembro (\_\_\_);

#### **7. Quais foram tipos de ataques mais comuns que presenciou?**

- a) Destruição de casas (\_\_\_);
- b) Destruição de infraestruturas públicas e privadas (\_\_\_);
- c) Obstrução à campanha eleitoral (\_\_\_);
- d) Intimidações e Morte (\_\_\_);
- e) Outros (diga qual) (\_\_\_);

#### **8. Quem são as vítimas do terrorismo?**

- a) Membros e simpatizantes de partidos políticos (\_\_\_);
- b) Líderes de partidos políticos (\_\_\_);
- c) Cidadãos de forma geral (\_\_\_);
- d) Membros de confissões religiosas ou seus líderes (\_\_\_).

**9. Deixou de ir votar por ter sido alvo ou visto alguém sofrer ataques terroristas durante as eleições?**

- a) Sim (\_\_\_);
- b) Não (\_\_\_);
- c) Não me lembro (\_\_\_).

**10. Conhece alguém que deixou de ir votar por ter sofrido alguma forma de ataque terrorista?**

- a) Sim (\_\_\_);
- b) Não (\_\_\_);
- c) Não me lembro (\_\_\_).

**11. Conhece alguém que deixou de ir votar em um partido/candidato por estar envolvido nos ataques?**

- a) Sim (\_\_\_);
- b) Não (\_\_\_);
- c) Não me lembro (\_\_\_).

**12. Acredita que os ataques terroristas tiveram impacto no comportamento dos eleitores?**

- a) Sim (\_\_\_);
- b) Não (\_\_\_);

**13. Se a resposta anterior for sim, diga como os ataques terroristas tiveram influência.**

- a) Não fui votar (\_\_\_);
- b) Mudei meu voto para a Frelimo (\_\_\_);
- c) Mudei meu voto para a Renamo (\_\_\_);
- d) Mudei meu voto para o MDM (\_\_\_);

**Fim da entrevista, obrigado pela sua colaboração.**